

cadernos

IHU

ano 8
nº 33
2010

Globalização missioneira:

a memória entre a Europa, a Ásia e as Américas

Ana Luísa Janeira

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Os **Cadernos IHU** divulgam pesquisas, produzidas por professores/pesquisadores e por alunos de pós-graduação, e trabalhos de conclusão de alunos de graduação, nas áreas de concentração ética, trabalho e teologia pública. A periodicidade é bimensal.

Globalização missioneira:
a memória entre a Europa, a Ásia e as Américas

Ana Luísa Janeira

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

Reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor

José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling

Gerente administrativo

Jacinto Schneider

Cadernos IHU

Ano 8 - Nº 33 - 2010

ISSN: 1806-003X

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

Profª. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Esp. Susana Rocca – Unisinos

Profª. Dra. Vera Regina Schmitz – Unisinos

Conselho científico

Prof. Dr. Agemir Bavaresco – PUCRS – Doutor em Filosofia

Profª. Dra. Aitziber Mugarra – Universidade de Deusto-Espanha – Doutora em Ciências Econômicas e Empresariais

Prof. Dr. André Filipe Z. de Azevedo – Unisinos – Doutor em Economia

Prof. Dr. Castor M. M. B. Ruiz – Unisinos – Doutor em Filosofia

Dr. Daniel Navas Vega – Centro Internacional de Formação-OIT-Itália – Doutor em Ciências Políticas

Prof. Dr. Edison Gastaldo – Unisinos – Pós-Doutor em Multimeios

Profª. Dra. Élide Hennington - Fundação Oswaldo Cruz - Doutora em Saúde Coletiva

Prof. Dr. Jaime José Zitkosky – UFRGS – Doutor em Educação

Prof. Dr. José Ivo Follmann – Unisinos – Doutor em Sociologia

Prof. Dr. José Luiz Braga – Unisinos – Doutor em Ciências da Informação e da Comunicação

Prof. Dr. Juremir Machado da Silva – PUCRS – Doutor em Sociologia

Prof. Dr. Werner Altmann – Unisinos – Doutor em História Econômica

Responsável técnico

Antonio Cesar Machado da Silva

Revisão

Isaque Gomes Correa

Secretaria

Camila Padilha da Silva

Editoração eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.3590-8223 – Fax: 51.3590-8467

www.ihu.unisinos.br

*Para a Márcia Ferraz, Ana e José Luiz Goldfarb + todo o Cesima
Miguel Gastão da Cunha, Ciano Norões, Dora e Antônio
Zoé Chagas Freitas, Pedro Penido, Ana Amora e Cristina Bernardes
Attico Chassot, Alzira Lemos, Airam Xavier, Ana Haddad e família
Iracema e Witoldo Skwara, Paulo Ortiz
Wilma Artigas e família, Ana Carolina Regner e família
Marina Massini, Carlos Alberto Filgueiras, Paulo Cysneiros e família
Paulos (Assunção e Carvalho), Tété Moraes, Tânia Fonseca e família
pela sensação de braços abertos à minha chegada*

Sumário

<i>A estratégia epistemológica da Companhia de Jesus na memória americana e asiática</i>	6
O mundo dos Jesuítas no mundo	6
Pressupostos teóricos	6
Memória perdurante	7
Estratégias e táticas	8
As duas vias	12
Matemática e astronomia na via oriental.....	14
Particularidade da Conchinchina e Tonquin	15
Primeiro momento: mercadores e Jesuítas portugueses	16
Segundo momento: Alexandre de Rhodes (1591-1660).....	17
Terceiro momento: Ho Chi Minh (1890-1969).....	17
Ciências da terra e música na via ocidental	19
Memória patrimonial missioneira.....	20
Guarani	21
Chiquitos e Moxos	23
Referências	24
<i>Natureza, cultura e a ciência nas Missões Guarani</i>	26
Cultura e ciência	26
Topologias – Descrição e interpretação dos espaços.....	26
A praça-igreja	27
As vias de celebração	29
As casas dos índios	31
O colégio e as oficinas	32
O <i>cotiguazú</i> , casa das viúvas e órfãos, e o cemitério.....	34
Uma cidade sacralizada? Um dispositivo de controle?.....	34
Bibliografia – Textos fundadores.....	36
Identidade índia.....	36
Ação jesuítica	37
Diferenças e estranhezas	37
Características das reduções.....	37
Artes e ofícios.....	37
Memória e esquecimento Cultura e Natureza entre os guarani.....	39
Como atuam as exposições hoje e de como foi pensada esta Exposição Atuar	39
Referências	40
<i>Núcleos expositivos sobre os guarani no projeto Cultura Natura. Do passado para o século XXI</i>	41
O quadrilátero jesuítico – uma arquitetura cultural e científica.....	42

<i>Apontamentos andarilhos: memórias da Companhia de Jesus no Centro Acadêmico de Évora</i>	44
Referências	46
Bibliografia sobre a Companhia de Jesus em Évora.....	47
<i>Da natureza à cultura: o povoado nos trinta povos</i>	48
A inserção natural da cultura missioneira.....	48
A tradição quadrilátera	49
As “naturezas” e as “culturas” em jogo	49
Referências	50
<i>Por uma epistemologia interdisciplinar das fontes na configuração missioneira</i>	52
<i>Efeitos das Missões Guarani na atualidade: natureza e cultura</i>	55
<i>Anexos – Projetos e Programas</i>	58
I – A natureza impactante por terras de missão e a configuração epistemológica moderna.....	59
Objetivos	60
Investigadores	60
Calendário	61
II – Memória pelas ruínas: natureza, cultura e ciências nas Missões Jesuíticas Guarani.....	62
Objetivos	62
Produtos	62
Equipe	62
Convidados para a missão	63
Investigadores	66
Locais previstos	64
III – MBYA KMRA O MOMBARETE ORE REKO (Os Guarani fortificam a sua cultura)...	65
Coordenação.....	65
Equipe	66
Produtos	66
Cronograma.....	66

A estratégia epistemológica da Companhia de Jesus na memória americana e asiática¹

Uma instituição estruturada e organizada reflete sempre uma tomada de posição fundadora face a um conjunto de princípios e de valores. De tal forma que o processo da sua existência histórica reveste uma trajetória equivalendo a uma atualização continuada. A qual atua por todos os meios de intervenção e de transmissão, podendo estes, por isso, ser sempre remissíveis ao discurso fundador que lhe determinou a origem.

Consensualmente, casas, igrejas, noviciados ou colégios da Companhia de Jesus logo começaram por veicular, na Europa, ideias e exigências disciplinadas por Inácio de Loyola (1491-1556) e companheiros.

O mundo dos Jesuítas no mundo

A mesma configuração iria intervir na estratégia global. Assim sendo, o sistema mostrava-se capaz de estabelecer uma rede, com um multiplicar sucessivo, ao longo do planeta: o Velho Mundo e os Novos Mundos aproximaram-se, pois, mediante elos evidentes entre a universidade (manuais, apostilhas) e a catequética (gramáticas, catecismos, músicas).

Como se interceptaram também os canais entre as casas jesuíticas e as sociedades envolventes, com destaque para os poderes instituídos, através de esquemas preparados, e muito trabalhados, de tipo impositivo ou de tipo adaptativo, com fins intencionalmente atuantes. De acordo com estes pressupostos, a globalização consequente assentou numa estratégia epistemológica que se materializou diferentemente, segundo as característi-

cas peculiares das realidades envolvidas, dos povos aos territórios, da natureza à cultura.

De fato, apesar de haver uma formação pessoal prévia e de haver, ainda, uma política orquestrada a partir de um núcleo decisório, nomeadamente por intervenção continuada da equipa em volta do Superior Geral, os missionários intervieram articulando o conhecimento acumulado da Europa e a ideologia religiosa de Roma, com as circunstâncias práticas onde atuavam. Além disso, se se estiver atento ao quando e como se processou o plano geral deste tipo de globalização, há que relevar um fato: o dinamismo comportou duas vertentes nítidas, mas ambas articuladas e remetendo para um mesmo efeito expansionista.

Pressupostos teóricos

A Companhia de Jesus veiculou, desde o início, ideias disciplinadas por Inácio de Loyola (1491-1556) e companheiros, munidas de um *corpus* discursivo e de uma pletora gnoseológica e epistemológica consistente. A mesma mundividência iria intervir no que se poderá chamar a Rota do Oriente e a Rota do Ocidente. No contexto dos designados *Jesuit Studies* e no seguimento de atividades dedicadas nomeadamente à memória histórica (arquivos e bibliotecas, edifícios e ruínas, objetos artísticos e comuns), esta investigação deseja contribuir para averiguar se essa utilização dos saberes e das ciências permanece no património local, refletindo ainda sobre o modo como os horizontes gnoseológicos e epistemológicos da

¹ Publicado na sua primeira versão nas atas de *Scientiarum Historia II*. Encontro Luso-Brasileiro de História das Ciências. 2º Congresso de História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Rio de Janeiro, Outubro 2009.

estratégia jesuítica continuam remanescentes na cultura material ou espiritual, bem como na memória atual da América e da Ásia. Casos em estudo: Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai, Califórnia, Novo México, China com destaque para Macau, Índia com destaque para Goa, Japão e Vietnã.

Todavia a semelhança não deixou de implicar uma diferença de raiz: enquanto o movimento oriental ia subindo de sul para norte, com um polo determinante a partir de Macau e de Goa, a ação ocidental ia descendo de norte para sul, com vários núcleos espalhados pelos territórios portugueses e espanhóis.

Por outras palavras, pensar o modo como a estratégia jesuítica continua na cultura material, bem como na memória cotidiana atual, da América e da Ásia, usando a “memória de uma experiência” de que fala Joseph Conrad (1857-1924), retomada por Milton Hatoun (1952-) e a “experiência da memória” perspetivada por Sérgio Mah (1970-).

De fato, no caso particular da duração continuada deste projeto, o sujeito da investigação epistemológica opera no interior do planeamento, realização e reminiscências da viagem, a quem cabe consubstanciar um espaço alargado de vivências, partilhadas com as pessoas, os locais ou as lembranças do inconsciente coletivo, aquém e além da simples pesquisa em bibliotecas e arquivos. Como consequência, a reflexão incorpora o que a itinerância facultou como momento singular, no sentido de reassumir aquilo que a narrativa irá materializar pela escrita.

As viagens sempre intervieram por entre as entrelinhas, mas a partir deste programa, passaram a fazer corpo nas linhas, de tal modo que o *corpus* iconográfico e bibliográfico, sem isso, não entra no corpo da reflexão.

Simultaneamente, o objeto da investigação epistemológica acumula um suceder de experiências ligadas a memória(s) que permite(m) integrar o outro, em continentes apartados, povos desconhecidos, tradições disformes, abrindo presença para aspectos que o memorialismo tende a esquecer ou a obliterar sem mais. Ou seja, o segundo ter-

mo intervém como polo complementado por continuidades e descontinuidades, a interceptar o nexo reminiscente de (des)encontros delimitados num processo complexo: a missão levada a cabo por europeus e a receptividade maior ou menor por parte de não-europeus.

Em última instância, o ato de filosofar quase não abriga aquilo que nunca foi algures experimentado. Circunstância que não significa exílio face ao território onde vive, como desenraizamento perante aquilo que visita, mas, pelo contrário, a necessidade de colmatar a distância histórica e espacial, através de olhos que observam e de um coração com diástoles.

O intuito de pensar conjuntamente a vertente oriental e a vertente ocidental visa relevar quanto o conhecimento foi utilizado e manobrado como elemento fundamental no reconhecimento das nações, de molde a favorecer a adaptação das estruturas às conjunturas, com destaque para a forma habilidosa de que se revestiu a atuação, com vista a uma melhor integração das novidades encontradas pelo mundo, sem desvirtuar os seus planos gerais.

Memória perdurante

Além disso, cumpre fazer sobressair quanto a visão de conjunto permite perceber melhor os meandros que suportaram este surto missionário sem precedentes e nunca superado, ou seja, a gama de conhecimentos envolvidos, a subtilidade da tecnologia comunicativa colocada e a força da matriz ideológica resultante. Como ainda a capacidade de governar, alentada a partir de Il Gesù e sempre atendida por uma competência documental e arquivística à altura de casas, noviciados, colégios e universidades, espalhados por muitos lados.

Se a memória individual é um fenómeno complexo, a memória coletiva ainda é mais, ao contar com uma maior multiplicidade de entradas. Neste particular, a memória cultural aproxima ambas. Sendo um cúmulo transversal de dados, por que a experiência é mais do que a vivência, com-

põem-na elementos da tradição que escapam à vida de cada um e pertencem à vida de muitos. Feita também de perdas, numa narrativa perfurada por vazios e hiatos, precisa do esquecimento, pois são esses buracos por onde o presente vai emergir. Para isso, o presente concretiza-se com as suas potencialidades e recobre fragmentos de um todo que a arqueologia teima em descobrir ou que a genealogia persiste em ligar no passado. Assim sendo, a materialidade do edificado corresponde a um tipo de memória, como é memória aquilo com o qual a atualidade evoca o passado, mediante elos e rupturas.

Pensando bem, a palavra “memória” recobre um universo semântico interessante: pois quem se lembra tem memória e quem lembra memória tem, isto do lado do sujeito; mas também há o que traz à memória, o que regista para a memória, isto do lado do objeto. Por isso, ela se aproxima de linhagem, tradição, escrita ou inscrito, aceções que se encontram incorporadas no processo histórico e que concorrem, hoje, num tempo vertiginosamente rápido, para que se evoque tanto o patrimônio e haja necessidade de falar como nunca da memória.

Assim sendo, pretende-se aferir aquilo que ainda permanece atuante, independentemente da extinção da Companhia em 1759-1814, seguida da expulsão e da destruição patrimonial, por vários motivos, nos séculos XIX e XX. De fato, a presença ou ausência na memória ajudará a refletir sobre o alcance da aculturação, percebendo como agiram as ciências e os saberes, explorando estatutos de superioridade ou de inferioridade, e pondo de pé ideias sobre as consequências históricas deste tipo de atuação, na vida das nações envolvidas.

Estratégias e táticas

As duas vias – a oriental e a ocidental – tinham em comum estar munidas por uma mesma causa, patamar sobre o qual assentava tudo o mais. Porquanto, a formação era orientada no sentido de produzir um agente avalizado com o objetivo de

intervir em circunstâncias de comunicabilidade cultural difícil, nas antípodas de um diálogo espontâneo e imediato.

O que acontecia desde o noviciado, período particularmente destinado a escudo de provas para endurecimento do corpo, da alma e do espírito, segundo diretrizes que incluíam a própria alimentação. Recorde-se que um dos fatores da escolha dos terrenos da Cotovia, em Lisboa, resultou de ser o solo propício para um pomar e de ser a fruta fundamental para futuros missionários em climas longínquos.

Destinado a atuar no âmbito de substratos culturais afastados por oceanos e pelo fato de ser deles um só entre os demais polos, o noviço era obrigado a treinar a capacidade de resistência e a flexibilidade vivencial. Porém, é incontestável que esta última intervinha num horizonte lógico e axiológico bem determinado nos conteúdos e nas fronteiras, logo segundo certa rigidez apriorística. Ou seja, o ciclo completo, do noviciado até à fase dos estudos de Teologia, exigia o respeito por regras sólidas, a culminar no Exame imposto pelas *Constitutio* (1554), avaliação rigorosa da propensão do candidato, com o fim de apurar precisamente a aptidão individual para articular o dever e o sentir, iluminados pela razão.

Por isso, o primeiro arcabouço correspondia sempre à virtualidade antropológica e psicológica para detetar as áreas onde a inteligência do outro, americano ou asiático, estaria mais sensível, logo mais penetrável à mensagem europeia. Este aspecto decorria diretamente da ideia de homem sobre a qual assentava um dos lados inovadores da estrutura jesuítica – realidade tripartida com corpo, alma e espírito, tendendo a ser aparelhados por uma razão com essência natural, logo comum à espécie.

Matéria que não foi nada pacífica e exigiu um tempo de convencimento, até que a Igreja Católica chegasse a admitir a alma dos índios, e consequente valorização latente da respetiva racionalidade. Na verdade, restavam ranços escolásticos a esticar raciocínios indicadores de eurologocentrismo, sendo contra eles que o dominicano Bartolomé de las Casas (1484-1566) esgrimiu com

firmeza, a partir de 1530. Embora o papa Paulo III, pela bula *Sublimis Dei* (1537) defendesse uma tese inovadora, a controvérsia inflamava corações nas Américas. Motivo pelo qual teve de haver uma argumentação com ilações demonstrativas, a favor dos povos em contato. A dialéctica defendia, ou não, estarem predispostos a ser interlocutores da mensagem cristã. A tal ponto que hesitações perdurantes ou teses contra continuaram a ser apresentadas no 1º Concílio (1552) e no 2º Concílio de Lima (1582-1583).

Sendo este um ponto básico do qual dependiam logicamente outras ilações sobre o *status* dos índios, importa reconhecer como a ordem dos pregadores viu emergir uma figura proeminente, disposta a retirar princípios e valores capazes de questionar ou de vencer as razões contrárias, com base em fundamentos tomistas e ideias cosmopolitas pessoais. Além dos enunciados em disputa, a complexidade das posições advinha da polémica ter um cenário com dois polos maiores – o americano, o europeu e os canais de comunicação entre eles. De fato, não raras vezes os mais destacados em missão no Novo Continente tiveram de vir ao Velho Continente, para defender posições em prol de singularidades das terras e das gentes, com destaque para o padre peruano Antônio Ruiz Montoya (1585-1652) e o padre português Antônio Vieira (1608-1697).

Estes dois últimos exemplos remetem para uma excelência argumentativa a sequenciar inferências cerradas em favor dos direitos guarani, de molde a exprimir razões muito bem articuladas contra os bandeirantes ou em favor das reduções, na corte de Madrid; excelência argumentativa a levar ainda aos limites os poderes da oratória, de tal modo que as igrejas da Bahia, como as de Lisboa ou de Roma, ouviram a defesa dos tupi e guarani rodeada de vibrações com suprema profundidade e beleza. Assim, a arte da reclamação e a arte do sermão recobriram funções particularmente destacadas, porque explicitaram quanto o conteúdo da dedução ligado à forma da oratória surtiam efeitos no convencimento das elites, e sequentes decisões políticas.

A que nunca foram estranhas a argúcia e os meandros diplomáticos, porquanto havia que convencer forças dominantes, unidas por interesses econômicos marcadamente eurocêtricos, mas divididas entre a bipolaridade ibérica. A par disso, as cortes transferiam para os poderes locais, dos vice-reinos às *encomiendas*, dos colonos aos bandeirantes, ganâncias desmesuradas que encontravam na escravatura a saída óbvia para o desenvolvimento extrativo.

No contexto jesuítico, a visão do mundo que enquadrava a natureza e a cultura, deveria assentar numa condição humana valorizada pelo conhecimento armado pela inteligência, a memória e a vontade, as quais poderiam ser exercitadas em qualquer ponto do planeta Terra. Para o conseguir, importaria, simplesmente, imitar os trilhos *Ad majorem Dei gloriam*, apesar da presença de escravos negros nos seus engenhos e nas estâncias.

Assim se explica que, com base nestes pressupostos, tudo dependesse, a fortiori, do talento de cada um para detetar o modo como o Novo Mundo poderia ser sensibilizado – leia-se cristianizado. Anunciando épocas futuras, onde o conhecimento iria ser usado, cada vez mais, como meio eficaz para a governação, também esta ideologia foi aparelhada com tais instrumentos. Na verdade, as ciências e as correspondentes técnicas intervinham como métodos e meios destinados a concorrer para o sucesso da missão, pois que, aqui e muitas vezes ao arrepio da mentalidade académica, a tarefa requeria uma concepção mais otimista sobre o entendimento. Como consequência, a pedagogia geral buscava adquiridos do humanismo renascentista, ao perspetivar um ente racional, que só não tinha sempre o mesmo tipo de raciocínio, porque lhe faltava oportunidades.

Neste sentido, a Companhia de Jesus desenvolveu uma forma de estar na doutrina que lhe tem sido peculiar: assumir a educação como via privilegiada e com sentido em qualquer circunstância, mas ensinar sempre tendo em conta a idade, o nível e a capacidade crítica do destinatário, do analfabeto ao doutor. Por outras palavras, procurar fórmulas adaptativas, dentro das intran-

sigências do credo, razão pela qual sempre abraçou o discurso científico moderno, destacando sempre alguns dos membros para essas tarefas. Mas também prosseguir elos que já demonstraram eficácia, sem descuidar as características do interlocutor, incluindo as suas limitações, como aconteceu com a imaginária medieval.

Neste particular, cumpre relevar a importância relegada a catequistas locais. Aspecto que estará mais relacionado com uma adaptação à realidade do que propriamente a uma cedência desejada de poder. Com efeito, apesar de muitos jovens europeus terem sido empolgados por este tipo de ação, aderindo com entusiasmo às hostes da Companhia, a desproporção entre o número deles no terreno e a extensão das populações era notória, pelo que qualquer tática realista teria de passar pela utilização de serviços, por parte de recém convertidos. O treino de nativos, com vista a este tipo de intervenção, tinha ainda uma função não menos importante, pois garantia que o fermento continuaria a levedar sem interrupção, mesmo quando eram perseguidos e expulsos, como foi por demais evidente no Vietnã.

O apreendido não precisava passar pelo lido, o que facilitava em muito a metodologia. Ora, inscrever na pedra aquilo que deve ser aprendido traduz a viabilidade de um sistema informativo permanente e perdurante: basta olhar com olhos atentos e associar a qualquer ideia ouvida, tudo com continuidade e grande economia de meios. Assim, enquanto os entalhes prolongam em permanência as palavras saídas dos púlpitos e os gestos da liturgia, os catecúmenos ou os fiéis atualizam crenças a gravar ou a manter na memória. Posição que, quando acontece no centro social de uma comunidade, favorece a catequese incessante no cotidiano.

Em Macau, com passagem pelo Largo da Companhia de Jesus, a fachada em pedra da Igreja da Madre de Deus, vulgo Igreja de São Paulo, é um bom exemplo disso. Com acesso por uma escadaria, a aumentar desde logo o impacto visual, pois a perspectiva progride ao ritmo do corpo na subida, ela beneficia ainda de outros efeitos: é a única sobrevivente de uma ampla

destruição, está penetrada por vazios mostrando o céu, e retira da estatuária um canal vantajoso para uma lição religiosa.

Para dar maior peso patrimonial e maior majestade ao cenário, a arquitetura retira da estatuária um canal vantajoso para uma lição religiosa, com cinco níveis de ascensão, sendo o último, o do Espírito Santo. O jesuíta italiano Carlo Spinola terá presumido, e bem, que o número de decorações e a mescla de influências – europeias, chinesas e japonesas – contribuiria para o aumento da curiosidade, mas não só, pois funcionam como fator atrativo enquanto concorrem para afetar o lado emocional, numa veneração imediata pela força expansionista em presença. Em síntese, do impacto para os transeuntes, incluindo os iletrados, resultaria, esse seria o objetivo maior, um respeito didático, sob a égide de Inácio de Loyola (1491-1556), São Francisco Javier (1506-1552), São João de Brito (1647-1693). Nas torres-tempos de *My Son*, erguidas pelo Reino Champa no Vietname do Sul, a fachada com três níveis, base, corpo e estrutura superior com telhado, lembra que talvez também ali se tenha procurado uma lógica decorativo-educativa, com ressonâncias no universo oriental.

Na memória japonesa atual Nagasaki representa, obviamente, o horror nuclear, mas evoca também um acontecimento inédito ocorrido em meados do século XVI: a chegada dos portugueses às paragens dos samurais, envolvida na maior perplexidade, como deslumbramento sentido pelos “Bárbaros do Sul”. Situada sobre um promontório, o núcleo urbano começou a ser erguido, em 1570, tornando-se, desde então, a primeira entrada e saída ao comércio mundial; com isto servia interesses econômicos de Portugal, como constituía um ponto de penetração católica, tanto mais que, progressivamente, passaram a dominar cada vez mais e a edificar igrejas, escolas ou instituições de assistência. Todavia a conjuntura futura mudou em três momentos: primeiro, execução de 26 católicos, em 1597, depois, prescrição do catolicismo, em 1612, e encerramento dos portos, em 1638. Como essa medida foi acompanhada da destruição de qualquer traça

jesuítica, a recordação existente sobre estes eventos, por parte da cidade, fica reduzida a um grande painel evocativo dos Mártires do Japão, numa zona cimeira e junto de um pequeno museu, infelizmente decadente.

Claro que a força expansionista exigia, frequentemente, a sagacidade na descoberta de indícios a ultrapassar, conforme aconteceu quando a astúcia jesuítica, na pessoa do italiano Alessandro Valignano (1539-1606), se apercebeu que a distância geográfica, acrescida da separação cultural, estava a gerar ruídos impeditivos de qualquer superação de opostos entre a Europa e o Japão: D. João III e a corte portuguesa não entendiam nada do que se passava por lá, e dificilmente assumiam qualquer superioridade oriental; os *shoguns* permaneciam longe de vislumbrar as características do mundo ocidental.

Para sair do impasse, este italiano, doutor em Leis, concebeu esquemas táticos a manobrar com acerto e instrumentalizou uma forma de desfazer contradições entre membros das elites em jogo, através de filhos com pais no poder. Assim, entre 1582-1590, jovens parentes de senhores cristãos – como Mâncio Harunobu, senhor de Arima, e Miguel Chijiwa, ambos príncipes – acompanhados por Julião Nakaura e Martinho Ara, dois fidalgos, e o próprio Valignano – viajaram pelo Cabo da Boa Esperança até Lisboa; em Portugal passaram por Sintra, Montemor-o-Novo, Évora, alojados no Convento do Espinheiro, e Vila Viçosa para conhecer a rainha D. Catarina de Bragança; em Espanha, visitaram Filipe II em Madrid; terminaram em Roma para ver o Papa (1585) e voltaram ao país natal. A partir desta façanha resultaram várias consequências, entre as quais um livro, *De Missione Legatorum Iaponensium* (1590), traduzido por Duarte de Sande.

Mas também um triste fim para esta história: por que a ausência fora longa, dera-se uma mudança política e os SJ tinham deixado de ser aceites ou suportados. Como resultado, depois dos primeiros de 1597, Julião Nakaura morreu também mártir, em 1633. Adiante-se que Macau serviu de sepultura a muitos deles. Rodeada por uma estonteante tecnologia, a memória dos japoneses

continua de tal modo fiel a este episódio que ele interveio nos destinos da Penha Longa, nos arredores de Sintra. Dado que os príncipes estiveram aí hospedados, uma empresa japonesa comprou a propriedade transformada em complexo turístico. Por outro lado, como estão sepultados numa cripta no meio das Ruínas de São Paulo, daí a constante e ininterrupta romagem nipônica ao território macaense.

Apesar de toda a ideologia de aculturação, frequentemente favorecida pelo conhecimento científico, estes fatos, entre outros limites, relatam situações extremas, é certo. Mas importa recordar quanto o cotidiano comum estava cheio de obstáculos provocados pelas “japões”, como contam o espanhol São Francisco Javier (1506-1552) ou o lisboeta padre português Luís Fróis (1532-1597), na sua *Historia de Japam* (1549-1578).

Situações parecidas com as descritas pelo padre mexicano Roque Gonzalez (-1628) e pelo padre peruano Antonio Ruiz de Montoya (1585-1652), pois abundavam momentos menos felizes, como os descritos pela sinceridade do padre tirolês Antônio Sepp (1655-1733), a partir dos Trinta Povos. Curiosamente, o primeiro foi santificado por João Paulo II (1934), gesto a corroborar uma profunda veneração por este mártir em toda a América Latina; o segundo tem o nome ligado a um município e muitas ruas em Misiones, sem esquecer a Universidad Padre Antonio Ruiz de Montoya, uma das principais do Peru; o terceiro é constantemente invocado por parte dos gaúchos, quando querem enaltecer a primeira fundição de ferro da região.

Incompreensão e extremismo que tinham a ver com os estádios culturais diferentes, visualizados na América ou na Ásia: no primeiro caso, a estranheza que sai, mesmo sem talvez se querer, equivalente a uma sensação de superioridade; no segundo caso, a intuição e o espanto pela descoberta inesperada de requintes ancestrais difíceis de imaginar.

Constatações que foram sendo experimentadas ao longo de quase dois séculos e que determinaram, obviamente, uma estratégia incorporando as ciências e os conhecimentos que foram sendo

usados. No que respeita as comunidades e os aldeamentos, diga-se quanto as duas vias empregaram uma pragmática arquitetônica e urbana, um esquema de sobrevivência, uma orientação para as artes e ofícios, um ministério didático que associavam costumes e instrumentos importados, com materiais e produtos, formas e conteúdos, técnicas e processos, autóctones, às ideias e práticas inseridas na convivência dita católica.

Casos houve onde a educação foi coroada por estudos superiores. Criado na segunda metade do século XVI, com matérias diversificadas dentro de um *curriculum* com áreas das letras e das ciências, o Colégio de São Paulo em Macau foi a primeira universidade ocidental por essas paragens, além disso, e bem de acordo com uma visão global, mantinha uma escola de saber ler, escrever e contar, para os habitantes da cidade. Dada a distância com o continente europeu, logo a conveniência de ter um núcleo de formação contínua conjugada com a localização privilegiada desta península e ilhas na foz do Rio das Pérolas, este polo beneficiou de idas e vindas de jesuítas famosos, contribuiu para a aprendizagem das línguas nativas e converteu-se no grande catalisador do catolicismo, no Extremo Oriente.

A instituição serviu, pois, como um núcleo de intercâmbio cultural e de inculturação mútua, onde os recém chegados recebiam ensinamentos linguísticos, antropológicos e sociológicos que lhes possibilitariam uma melhor iniciação e os preparariam para superar os múltiplos bloqueios culturais com que teriam de lidar. Serviu, ainda, para acolher os que haviam sido escorraçados de zonas missionárias, onde os poderes locais deixavam de os aceitar. Duas situações que aconteceram, por exemplo, ao padre italiano Matteo Ricci (1552-1610), que aí esteve vários meses, fato lembrado inclusive no nome do Instituto Ricci, que prossegue a tradição jesuítica, em Macau.

É aliás neste contexto que encontra sentido o fato do Musée Guimée, em Paris, diretamente vocacionado para as artes, incluir exemplares relativos à pedagogia dos Mártires de Nagasaki e ao Observatório Astronômico de Pequim, marcas indeléveis da presença jesuítica na Ásia, e da sua

atuação em favor de uma mundialização, consentida ou forçada, por essas bandas.

As duas vias

A via ocidental foi cativada pelas Ciências Naturais e pela Música. A via oriental foi aliciada pela Matemática e pela Astronomia.

A habilidade demonstrada em detectar os lados mais suscetíveis de serem seduzidos, tendo em conta o bom êxito da doutrinação, era complementada pela preocupação de usar da melhor maneira e com a melhor qualidade: o irmão italiano Gean Batista Primolli construtor exímio, foi escolhido para projetar e levantar a igreja de San Ignacio Mini, na Argentina, e a de São Miguel das Missões (1735), no Brasil; o padre francês Alexandre de Rhodes (1591-1660) preparou-se muito, em Astronomia, antes de sair de Roma para Macau e para o Vietnã. Além disso, as Cartas Anuais e numerosos escritos provam como os seus autores correspondiam energicamente aos desafios regionais, sujeitando-se a uma formação contínua. O mesmo se pode dizer do material constitutivo da *Coleção de Angelis*, da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

A imponência da Manzana Jesuítica, hoje Universidad de Córdoba, ocupando um quarteirão, a Casa em Macau, entre a cidade chinesa e a cidade europeia, as gravuras do Colégio de São Paulo em Goa, o Pátio do Colégio (ponto zero onde nasceu São Paulo), a Manzana de las Luces em Buenos Aires, com o seu lado de entreposto comercial, a frontaria da Igreja de Santo Alexandre em Belém do Pará, o Portal de La Compañía em Cusco, de enorme grandeza, revelam, no conjunto, opções cuidadas e privilégios sequentes. Tome-se o último caso, mais concretamente a sua localização na Plaza de Armas: no lado da Catedral, à direita a Casa da Inquisición, no ângulo, o Portal de Carnes; no lado perpendicular seguinte, o Portal de Harinas, o Portal de Panes, no ângulo, a Calle de Plateros e a Calle de Espaderos; no lado oposto da Catedral, o Portal de Confitura, a Calle de Medecina, o Portal de Comercio. O Portal de La

Companhia fica na perpendicular ao lado direito da Catedral, sendo preenchido totalmente pela igreja e um claustro, ocupado atualmente pela Universidad Nacional de Santo Antonio Abad del Cusco, com destaque para o Museo de Historia Natural.

Sendo a supremacia técnica um meio eficaz de intervenção, ela nunca poderia ter sido desprezada por uma organização tão preparada. Assim e para surtir fins idênticos, a Societatis Iesus recorreu a instrumentos e a maquinarias que lhe permitissem implementar o seu plano geral de mundialização, constatando quanto isso passaria pela sobrevivência na paz ou na guerra.

A introdução de conhecimentos passíveis de serem considerados conhecimentos científicos ou pré-científicos influíram naturalmente segundo duas vertentes relacionadas, mas dignas de distinção: por um lado, a infiltração, por forma sub-reptícia, de temas e problemas, métodos e disciplinas inerentes às novidades europeias; por outro lado, a preparação remota de um terreno cognitivo, o qual irá facultar as primeiras sementes para alguma permeabilidade das elites orientais relativamente ao paradigma moderno. Naturalmente eram elas as que se poderiam revelar mais sensíveis e receptivas. Reconhecendo-o, a estratégia científica visava a confiança dos circuitos políticos, como aconteceu, com grande êxito e sem qualquer dúvida, na China, Vietnã e Camboja. Por isso, a intervenção dos fenômenos naturais e a análise dos fatos, protagonizada pelo padre italiano Matteo Ricci (1552-1610), favoreceu a argumentação teológica e o uso racional do método ou do criticismo, quando conseguiu abastecer o encontro com o poder, por via do saber.

Por outras palavras, com este modo de reconhecimento procurava-se uma espécie de senha para obter liberdade de evangelização: os ocidentais retiravam, pois, do que poderia corresponder a uma supremacia científica, o tipo de conhecimento capaz de produzir a perplexidade que abalaria o fechamento intrépido.

Na mesma linha de pensamento e no que respeita outras realidades humanas, Alexandre de Rhodes (1591-1660) pegou nas credices e su-

perstições locais e confrontou-as com as leis físicas do universo. Este procedimento, usado para desafiar ignorantes ou letrados, tentava desmontar ações demoníacas ou forças ocultas, passando a interpretá-las dentro da argumentação racional, como se verifica nas ideias defendidas no seu *Catbechismus* sobre a conversão em Tonkin (Vietnã) ou na Indochina, o qual revela avanços renovadores em comparação com outros congêneres.

Este procedimento, e por que se lhe deve também uma armadura de descrições e narrativas especiais, remete para mais um comentário sobre a relação entre a escrita jesuítica e a constituição das ciências modernas. Não restam dúvidas que as primeiras levadas de missionários europeus tiveram oportunidades únicas de conviver com o desconhecido: das zonas geográficas às etnias, passando por múltiplos cenários civilizacionais. Sendo muita a perplexidade e muito devendo ser contado, dentro de uma estrutura comunitária que centralizava a informação, muito foi também o cuidado posto numa rede informativa consistente, feita de relatórios, diários e notas de viagem. Com efeito a riqueza do material em presença, as mais das vezes sem precedente histórico, contribuiu, pela necessária integração, para o discurso científico posterior, tal como este foi implementado na Europa, mas também nas regiões mais diretamente visadas.

Apesar de tudo isto e sem ilusões, não era o cosmopolitismo generalizado que mais os movia. Como não seria também este o horizonte de ação dos demais europeus por paragens longínquas. O que primava mesmo, com conhecimento científico ou sem ele, era um desejo forte de assimilação que permitisse a exploração econômica e/ou ideológica. Mecanismo que era acompanhado por atitudes de separação quando equivalia à rejeição do grupo de aculturação perante o dominante, ou de segregação se era do grupo dominante face ao grupo de aculturação. Com alguma marginalidade juntamente.

A Companhia de Jesus, organizada com base nas *Constitutio* (1554), requeria, obviamente, uma estrutura ambiciosa, pois cobria uma hierarquia

serrada e espalhada por vários quadrantes territoriais; serviam-na mecanismos alicerçados em canais de comunicação constante com o núcleo diretivo, com sede em Roma, mediante cartas e relatórios, como a intenção editorial, que determinava a publicação de alguns dos relatos, logo criava uma internacionalização das narrativas, divulgava os sucessos pastorais e favorecia o recrutamento entusiástico de jovens para longínquas paragens.

A literatura de viagens, que sempre tem constituído um manancial para enquadramento de modos de ser de povos e de seus saberes revela, no caso, primores descritivos com realce. De fato, como o *Ratio Studiorum* (1599) comportava um elenco cuidado de disciplinas, incluindo a área científica, bem como princípios formativos esmerados em termos de métodos de trabalho, a formação intelectual acompanharia a formação espiritual, assim o *Directorium exercitiorum spiritualium P. N. Ignatii* (1548) era anualmente renovado, pois se a milícia requeria resistência comprovada, no que diz respeito à solidez do corpo e da alma, precisava também de bons meios para lidar com as diferenças, relatando-as e consolidando narrativas à altura das novidades, que seria importante serem lidas nos polos decisórios europeus e entre os futuros missionários.

Contribuíram, igualmente, para gerar cadeias permanentes que contaram o que quiseram e iludiram o que não quiseram, criando, assim, um legado memorial, naturalmente manipulado, como ainda centralizado em Il Gesù. Aspecto que terá favorecido, naturalmente, triagens memoriais auspiciosas para os jesuítas, e onde caberá à hermenêutica científica deslindar o joio do trigo.

No oposto dos franciscanos, a mentalidade criada em noviciados e colégios tendia para desenvolver qualidades vocacionadas a servir objetivos memorialistas. Ou seja, a missão integrava-se numa estrutura bem definida de acúmulo de documentos e papéis, um *archivum*, e de preocupações voltadas para narrações e crônicas, um *corpus scriptorum*. De tal modo que os SJ são impensáveis sem algo como o *Archivum Romanum Societatis Iesu* (ARSI).

Os efeitos desta operatividade materializaram um patrimônio mundial sem par, com um cariz histórico vincado, mas também muito engrandecido por valiosas descrições geográfico-naturais e por adquiridos etno-antropológicos primordiais.

Este último ponto foi particularmente realizado pelo lisboeta padre Luís de Fróis (1532-1592), de quem ficou um *Tratado em que se contém muito succinta e abreviadamente algumas contradições e diferenças de costumes entre a gente de Europa e esta província de Japão*, escrito em 1585.

Esta minuciosa detecção sobre as antíteses veicula um olhar que sabe ver e, chega mesmo a observar, atitudes mentais acompanhadas por uma acutilante sagacidade para as peculiaridades e as diferenças. Obra de um espírito arguto e de um coração sintonizado, preside-lhe a habilidade anunciar, só com muito pequenos tópicos, a polaridade lógica subjacente.

Matemática e astronomia na via oriental

Para além de publicações valiosas, a empresa relacionada com os estudos astronômicos, onde se notabilizaram jesuítas portugueses presidindo ao tribunal das Matemáticas entre 1583 e 1805, perdura na materialidade do Observatório Astronômico de Pequim, espaço com vários aparelhos de metal resistente, mais parecendo máquinas, construídos segundo as exigências de observação exigida pela ciência moderna. O conjunto testemunha por forma indelével quanto os bem conhecidos “Padres da Corte” foram determinantes, e bem sucedidos, no que refere a intervenção deste ramo do conhecimento ocidental, em confronto com uma linhagem de estudos e fascínios, onde o império chinês atingira elevada qualidade desde sempre. Também por isso, poderá ser centro com capacidade de atração turística na capital.

Fatos que provam competência para situar o estratagema mais adequado, como a escolha de bons meandros para a sedução. Mas também, e simultaneamente, uma grande confiança na capacidade do saber ocidental moderno, a desafiar o

saber oriental num dos campos precisos, onde este demonstrava excelência. Diga-se que a proximidade de nível entre os opostos tornava o debate mais perigoso, mais aliciante e, se bem sucedido, representaria um trunfo insuperável. A ousadia valeu a pena, tendo as previsões ajustadas de eclipses ou as mecânicas certeiras de carrilhões passado à história, e continuando a ser citadas pela memória atual entre as elites.

As dissemelhanças eram numerosas, obviamente. Também por isso, elas agudizavam situações que requeriam, muito frequentemente, sangue-frio, negociação artilosa ou esperteza simulada, como relatou Fernão Mendes Pinto (1509-1583), sempre que *A Peregrinação* (1614) transparece a liberdade de contar peripécias, entre o grotesco e o ingênuo, quando mostra bem como a outra maneira de ser do oriental, interpretada por criancice pelo ocidental, gerava episódios de sucesso para os recém-chegados.

Pois não seriam muito diferentes desta astúcia ocorrida durante o século XX:

Teilhard de Chardin integrou-se no grupo “China” do “Croisière jaune”, organizado por André Citroën, de Abril 1931 a fevereiro 1932. Este grupo deveria anexar-se no Deserto de Gobi, ao grupo “Pamir”, partindo de Beirute. Depois de Tien-Tsin, avança dificilmente, por cauda da insegurança que reinava então na China. Na Mongólia, um governador de província gostaria de se apoderar das auto-cremalheiras. Faz parar a caravana e proíbe os franceses de comunicar com o exterior. Teilhard de Chardin imagina então um estratagema para entrar em comunicação pela rádio com o aviso francês Regulus, que cruza o Mar da China. Enquanto o operador emite, coloca um disco sobre o seu gramofone, para abafar o barulho da geradora. Escolhe um ar na moda, “Parlez-moi d’amour”, e persuade os soldados chineses que se trata de um cântico religioso, necessário ao exercício do seu ministério.²

Durante algum tempo professo e depois crítico da Companhia de Jesus, Fernão Mendes Pinto descreveu peripécias cheias de vivências opostas ou de sentimentos antagônicos, geralmente em cenários de aproximação com muito conflito, também, sem que a escrita expressiva iluda o mistério e a suspeição entre as partes: Por isso conta

a lenda que em Lisboa as más línguas, duvidando da fidelidade das descrições e brincando com o seu nome, ripostavam: “Fernão, mentes? Minto!”. As partes, de fato, estavam envolvidas em atuações rodeadas de contextos de descoberta, onde tradições milenares confrontavam princípios e hábitos fechados entre si.

Particularidade da Conchinchina e Tonquin

Lá para as terras orientais, a especificidade do Vietnã recobriu uma realidade muito interessante, que merece ser destacada, quer por simbolizar outras condições, quer por si mesma. Ela remete para uma longa história local com efeitos até o presente, dado que a escrita inventada pelos missionários no século XVII reassumiu um papel fulcral, como instrumento de alfabetização e de cidadania no século XX. Na verdade, quando comparada com as várias tradições em volta, surpreende o fato de só este território usar caracteres com origem latina. Com efeito, o *Quoc Ngu* incorporou maioritariamente a caligrafia romana, muito embora comporte diacríticos estranhos a esta raiz ocidental.

A novidade introduzida de fora, passava a coexistir, com o impato de outro processo anterior, em defesa de uma identidade: provavelmente mesmo antes, mas seguramente no século XIV, a elite vietnamita concebera uma forma de exprimir a individualidade da língua materna, em caracteres chineses. Com efeito, a originalidade representava uma forma específica de marcar distância face aos invasores, dominantes no território por cerca de mil anos, como simbolizava uma consciência nacional bem definida, mas a caligrafia resultante só servia a corte real e a burocracia governamental, limitadas aos mandarins e aos letrados, por que uma palavra requeria dois ideogramas.

No contexto da romanização, o alfabeto equívaleu a uma eficiência inovadora em prol de maior simplicidade nos meios de comunicação e nas

² Disponível em <http://www.yfolire.net/sais/avent_t1.htm>.

transações comerciais, por serem favoráveis a uma maior flexibilidade na convivência de várias gentes e significarem uma simplificação própria de povos necessitando de meios profícuos ou rápidos de comunicar dentro de um império extenso, percorrido pela engenharia de muitas vias circulatórias e pela pragmática de uma legislação não menos útil. No contexto vietnamita, a substituição dos ideogramas chineses aumentou a alfabetização e criou mecanismos de ligação favoráveis a uma modernização mais rápida e a uma abertura ideológica mais segura, dado que, para escrever em *Nôm*, era preciso saber escrever em chinês, o *Han*.

Curiosamente, a ela está ligada a memória jesuítica que mais continuam a recordar e celebram com maior redundância, na historiografia, oficial ou não, como nas conversas mais informais. Acontece, porém, que manifestam, na maioria das vezes, a sobrevalorização de Alexandre de Rhodes (1591-1660), em desprimir de outros jesuítas, como o guardense padre Francisco de Pina (1608-1625), seu professor, pois com ele estudou e aprendeu a língua e a escrita anamita.³ Conjectura que precisa de ser mais reivindicada pela cultura portuguesa, dadas as sinergias entre a “escrita nacional” e o português escrito; merece ser colocada num contexto a tocar de perto o revés do Padroado Português do Oriente com o poder maioritariamente diminuído pela Congregação de Propaganda Fide, criada em 1622, e carece de melhor esclarecimento por parte da historiografia mundial. Para isso, importa dar relevância a três momentos.

Primeiro momento: mercadores e Jesuítas portugueses

A narrativa conta que Antônio de Faria terá reconhecido a Baía de Tourane em 1535, e que, por volta de 1614, um ou mais mercadores de Macau, entre os quais Fernando da Costa, chegaram a Hoi An (Fai Foo), núcleo comercial e cul-

turalmente importante nesta região da Ásia do Sudeste, e, desde 1999, Patrimônio Mundial da Unesco.

Ainda hoje bem conservado, Faifo, como também é chamado, permite vislumbrar o clima de surpresa e mistério que terá rodeado esse primeiro encontro: ruas estreitas e retilíneas, desenhando um quadratura urbana; casas antigas, ricas de madeira e com telha, compostas pela casa da frente funcionando como loja, a casa do meio com pátio usada para habitação e a casa de trás com cozinha; casas de madeira e bambu, como as de Hoang Hoa; um mercado ao longo do rio, o pachorrento Thu Bom, ligando uma imensa atividade humana ao mar. Aí terão conseguido o monopólio do comércio, negociado a vinda de jesuítas e ajudado os Nguyễn, senhores do Reino do Sul em torno do Delta do Rio Mekong, a fabricar armas nas fundições de Huê, onde a cidadela real continua a abrigar bronzes oferecidos por missionários portugueses.

A ponto de, em janeiro de 1615, o padre napolitano Francesco Buzomi, o conimbricense padre Diogo de Carvalho – nascido em Coimbra, um dos Mártires do Japão, morre em 1664, é beatificado em 1867 e celebrado na liturgia a 7 de Julho – e o irmão Antônio Dias, também português, depois de terem sido expulsos do Japão, desembarcaram em Danang e ficaram naquele aglomerado piscatório, onde havia uma comunidade de católicos japoneses, refugiados da perseguição no seu país. Em 1627, começaram a evangelizar o Reino do Norte (Tonkin), à volta do Delta do Rio Vermelho.

Estes jesuítas, como outros posteriores, beneficiaram muito dos sistemas de transmissão e de transporte que os portugueses desenvolviam na região, sendo Macau a charneira de toda uma rede de mercadorias, materiais e espirituais, mediadas por acolhimento e expulsões; o conjunto da atuação em prol de uma atividade missionária em massa tê-los-á despertado para a necessidade de um sistema popular, rápido e eficiente para propagar a Boa Nova, auxiliado por uma escrita

³ Disponível em <<http://www.jornalaguarda.com/index.asp?idEdicao=242&id=11420&idSeccao=2918&Ation=noticia>>.

simples de aprender, ler ou reproduzir, entre catecúmenos ou convertidos. Como aconteceu na vizinha China, em meados do século XVII, príncipes houve que engrandeceram a corte com matemáticos, médicos e naturalistas jesuítas, como o lisboeta padre João de Loureiro (1715-1796), autor de um dicionário de Português-Anamita e do primeiro livro abrangente sobre a flora do sudeste asiático, a *Flora Cochinchinensis* publicada em 1790.

Segundo momento: Alexandre de Rhodes (1591-1660)

Acompanhado pelo alentejano padre Antônio Cardim (1596-1659), chegou a Macau em 1623; em 1624, ficou responsável pela Conchinchina e o Tonkin, onde aprendeu a língua e se familiarizou com os costumes e credences locais; sendo expulso em 1630, viveu dez anos, em Macau, a ensinar filosofia; viajou até Roma em 1649, tendo o Papa, na sequência das suas ideias, criado um programa missionário, em 1658; foi depois a França, e desta viagem resultou a fundação das *Missions Étrangères de Paris*, em 1663, e da *Société des Missions Étrangères de Paris*, em 1664.

Movido pelo projeto que visava a transcrição linguística, no qual foi ajudado pelo beirão padre Gaspar do Amaral e o padre português Antônio Barbosa, escreveu o *Dictionarium annamiticum, lusitanum et latinum* (1651) e o *Cathecismus pro iis qui volunt suscipere Baptismus in octo dies divisus* (1651); deixou ainda muitas narrativas de viagem como *Divers voyages du P. Alexandre de Rhodes en la Chine, & autres royaumes de l'Orient, avec son retour en Europe para la Perse et l'Arménie* (1653). Espírito vocacionado para a missão, percebeu que a sociedade envolvente beneficiava um coletivismo favorável à atuação de líderes espirituais, os quais poderiam atuar sobre as massas, em cadeias de influência, auspiciosas para a conversão multiplicadora.

Para isso, serviu-se do conhecimentos teológicos, como também de científicos: conceitos e meios de demonstração matemáticos, processos de observação de fenômenos naturais; chegou, como aconteceu com a tática da Companhia na

corte chinesa, a prever eclipses com sucesso. Paralelamente e assente em ideias da razão inata, desenvolveu uma catequese muito personalizada e moderna, onde denota capacidade de compreensão do outro e respeito pela alteridade cultural, pouco vulgares à época.

Apesar de muito ter acontecido nesta zona do sudeste asiático, nomeadamente uma guerra tremenda dividindo hostes em torno do paralelo 17, este jesuíta continua vivo na forma como é evocado, por exemplo, num selo de 1961, onde aparece vestido de mandarim. É igualmente de destacar que no centro de Saigon, a Ho Chi Minh-Ville atual, a toponímia, marcadamente votada à recordação de nacionais, mantém, ainda hoje, dois nomes: Pasteur e Alexandre de Rhodes, com uma artéria (nome mudado pelo poder comunista em 1975) bem perto da Cathédrale de Notre Dame. Na mesma linha é de notar, finalmente, a recuperação recente da antiga biblioteca do Centre Alexandre de Rhodes, em 2006, seguida da emergência da 82ª província jesuítica da Companhia de Jesus no mundo, em 2007.

Terceiro momento: Ho Chi Minh (1890-1969)

Apesar de ter correspondido a uma oposição face ao domínio estrangeiro, a escrita nacional popular começou afastada pelos intelectuais, como registrou altos ou baixos, por vezes simultâneos a subidas e quedas culturais, desde a adesão da administração (século XV) à supressão na administração e literatura oficial (a partir de 1802), e tendo pelo meio certo sucesso, iniciado pelo uso literário e a utilização nos exames para mandarim (século XVIII).

Assim sendo, a necessidade de uma via segura para popularizar a mensagem marxista-leninista, com urgência eficaz e resultados imediatos, levou-o a atender às lições do passado e a resquícios perdurantes, mas desprovidos de uma divulgação generalizada. Assim, percebeu que bastaria difundir, em grande escala, um produto introduzido há séculos, resultante de uma situação análoga e

conseguido bem longe da sua ideologia, ou seja, a escrita de matriz jesuítica; a qual oferecia imensas vantagens, por ser a leitura dos caracteres alfabéticos aprendida em alguns meses, contra os vários anos dos ideogramas.

Ao passar à ação, bem munido de um movimento intenso de mobilização popular contra o analfabetismo, coube-lhe o mérito de tomar medidas políticas para expandir o *Quoc Ngu*, por todo o lado, nomeadamente depois de 1936. Com a fundação da República Popular da China, em 1945, a língua nacional tornou-se, pela primeira vez, oficial e a única via para o ensino. Fato assinalado, entre outros exemplos, na sala 14 do *Fine Arts Museum* de Hanoi, através de uma estátua de Ta Quang Bao, e de um quadro de Doan Van Nguyen, ambos a dar destaque ao valor da escrita e da leitura, sob o título de *Apprenant la langue de l'Oncle Ho*.

Deste modo, o movimento revolucionário oferecia à sociedade o mais importante canal para preservação da autonomia cultural, entregava-lhe a melhor via para a criação de novas terminologias ou a circulação dos respectivos conteúdos científicos e técnicos, e dotava-a de meios destinados a aumentar a igualdade social, ao colocar as massas mais próximas das elites.

Para melhor situar a ruptura, atenda-se à estrutura do Van Mieu Quoc Tu Giam (*Temple de Littérature*), erguido no século XI, dedicado a Confúcio e progressivamente alargado a universidade. O interior desta instituição de Hanoi comporta uma sequência de pavilhões e pátios, com acesso ao Pátio das Estelas, onde 82 estelas e 1.306 nomes immortalizam os laureados com o *tien si* (grau de doutor). A título de exemplo, anote-se como, no século XV, o sistema de exames podia ocorrer durante vários meses, com quatro provas sucessivas, sendo o doutor interrogado, finalmente, no chamado Exame do Palácio, pelo próprio rei. A quem cabia questionar os candidatos sobre problemas pertinentes para o reino, e seleccionar os três melhores.

Assim sendo, competia-lhes velar pela qualidade de uma minoria bem preparada intelectualmente, orgulhosa da sua presença numa corte burocratizada, mas também com matemáticos, filósofos e poetas relevantes, na medida em que “estudar sem refletir equivale a um esforço perdido; refletir sem estudar será perigoso”⁴

O sucesso da estratégia educativa comunista foi alimentado por outros quadrantes, pois muitos intelectuais adotaram a escrita nacional, nos anos 1920-1930; alguns cientistas serviram-se dela para edificar uma linguagem científica homogênea, da física à biologia e demais áreas, com a consequente abertura à comunidade internacional; e uma centena de escritores consagrou-a, no horizonte de uma literatura viva e prolixa, dotada de novos gêneros literários e inclinada para os diferentes cambiantes da alma e do mundo, entre 1930-1945⁵.

Num país onde abundam as representações de Buda com enormes orelhas, olhos fechados e polegares juntos, e onde a cultura majoritária permaneceu secularmente oral, custa imaginar o esforço desenvolvido pelo poder e pelo saber, com vista a colher efeitos sólidos, dentro de um intenso programa de instrução básica.

O paradigma elitista – quando o mandarinato soava a excelência e o Colégio dos Filhos da Nação retinha a consagração nacional – acabou por cair definitivamente. De fato, a revolução dos signos ocidentais contra os ideogramas orientais saiu vitoriosa. Processo que acarretou certa perda de identidade por parte da cosmovisão holista e da convivência comunitária, distantes da emergência do contrato social e do cidadão, concebidos pela mentalidade europeia.

Fato que não deixava indiferente o primeiro ministro de Mao Tzé- Tung, Zhou Enlai, confessando que a China fora menos feliz que o Vietnã, por não ter beneficiando de uma transcrição que lhe permitisse abrir-se melhor e mais rapidamente ao mundo ocidental, e corroborando esta declaração de Cu Huy Can, ministro da Cultura de

⁴ TU GIAM, 2004.

⁵ Ver VIEN; NGOC *et al*, 2000.

Ho Chi Minh, em 1990: “é ao R.P. Alexandre de Rhodes que devemos a transcrição do vietnamita em caracteres romanos, a que chamamos *quoc-ngu* ou língua nacional, é por isso que este jesuíta é considerado entre nós como um dos artífices da nossa cultura”.⁶

Na verdade, e depois de outras importações de natureza dedutiva, analítica e racional, nomeadamente por via da colonização francesa desde o século XIX, ela voltou a ficar sujeita a mais uma aculturação, no século XX.⁷ Todavia, até por terem agenciado uma identidade invejável numa tão longa história, é de desejar que os Viet (Kinh) – representando cerca de 87% da população com 54 etnias, encolhidos num país com 329.566 km² de superfície, 3.260 km de costa e só 50 km de largura às vezes – a conservem durante a globalização do século XXI.

Sem pretender denegar os lados negativos da intervenção jesuítica, numa aculturação que sempre comportou muito riscos e perdas, é importante anotar que aqui, como na América do Sul, a Companhia de Jesus deixou um legado cultural que se veio a revelar instrumento de libertação, quando estes povos se viram envolvidos em processos de manifestação explícita da identidade ou na defesa dos territórios, face aos demais. Sendo assim, o que parece muitas vezes ter sido uma estratégia opressiva revela, afinal de contas, o seu lado de ferramenta latente, a poder ser usada como fator libertador. Isto acontecendo, seguramente, por que assente no estudo profundo das mentalidades envolvidas, no reconhecimento das peculiaridades das comunidades exóticas, acrescentados ainda pela eficácia da metodologia inaciana, envolvendo a prática de muitos portugueses ilustres, quando projetada em termos de Missão.

Assim, torna-se particularmente significativo, a síntese do conteúdo do códice 53 (53-49-VI-1), a qual pertence ao *Catálogo da Coleção Jesuítas na Ásia. Sumários dos Códices 1 a 61*, que comporta a Série das Missões do Tonquim (Cópia João Álvaro

res, 1746), existente na Biblioteca da Ajuda, em Lisboa, e onde se lê:

“Ânuas das Missões do Tonquim. 1626 a 1746.

Livro 5.º: 1691-1700

Controvérsias da Companhia de Jesus com os Vigários Apostólicos e Missionários franceses enviados pela Congregação de Propaganda Fide, em oposição aos direitos do Padroado Real. Perda da jurisdição do Bispado de Macau e influência francesa nos Reinos de Tonquim, Laos e Cambodja. 1691-1700

Carta dos Bispos Franceses [de Tunquim] para os Padres Franceses em Tunquim cuja presença desejava. 1692

Cartas dos bispos franceses de Tunquim para a Congregação de Propaganda Fide, contra os padres da Companhia de Jesus. 1692

Carta anual da Missão de Tonquim, “do anno de 1684 em que os ultimos nossos Padres forão expulsos deste Reyno athe o anno de 1692 em que voltarão para ella”.

Ânuas da Província do Japão; Missões de Tunquim, Sião, Cambodja, Cantão e Hainão. 1695

Ânuas da Missão de Tunquim. 1695

Separação de Tunquim do Bispado de Macau. 1696

Diários das Missões das Províncias do Oeste e Este 1698, 1699

Missão da Província do Sul. Nam Thuâng ou Província Superior. 1700

2.º (305x215); [1], 734 fls. (foliação moderna); em branco: 7 fls. entre fl. 1 e 2 (rebarbas de corte de 7 fls.), 5, 11, 41, 144, 145, 153-157, 200, 201, 269, 278-281, 573, 582-585, 653-657, 659, entre fls. 731 e 732 rebarbas de corte de 7 fls. – Letra séc. XVIII. – Tít. lombada: “Jesuítas / na Asia / China”. – Proveniência: [Procuratura da Província do Japão em Lisboa]. – Cota ant. 26/15. - n.º 8423-8548.”⁸

Ciências da terra e música na via ocidental

No caso específico da América, importa considerar os colégios, as missões, as fazendas ou estâncias, as reduções. Infelizmente não restam muitos vestígios das estruturas rurais, contudo, as construções remanescentes das estâncias em torno de Córdoba, permitem perceber como es-

⁶ LACOUTURE, 1991.

⁷ Disponível em <<http://www.europe-solidaire.org/spip.php?article5090>>.

⁸ Disponível em <http://www.ippar.pt/sites_externos/bajuda/htm/catalog/jesuítas/jacat.htm#topo>.

tas unidades correspondiam a uma imensa área, onde havia um sistema hidráulico cuidado para abastecer o núcleo central, e onde foram ensaiados desde sempre aproveitamentos de energia eólica, com moinhos dotados de mecanismos significativos. Anote-se que os seus aglomerados habitacionais, mesmo antes de convertidos em museus, estiveram muito ligados à história argentina depois do século XVIII, e por isso foram acompanhando a memória nacional, enquanto assumiam funções de abrigo para personalidades, fato que indicia quanto deveriam corresponder a construções com excelência mantida.

Mas parecem ter sido as reduções que corresponderam às realidades mais complexas, no que refere à organização comunitária de aculturação. Basta dizer que na generalidade eram mantidas por dois ou três jesuítas para mil a dois mil índios. Donde uma administração gerida por sacerdotes apoiados em caciques.

Salvo as características geográficas do território e da localização, e a natureza dos produtos locais que determinaram limites a respeitar, o plano urbano geral, a arquitetura das igrejas e as dependências comunitárias das reduções revelam uma matriz comum muito forte, onde avulta a igreja e a praça. A tal ponto que, mesmo quando os edifícios locais foram quase ou completamente destruídos, as populações a mantiveram a matriz pela forma real, simbólica ou pela forma e nome, inclusive. Isto acontece, por exemplo, em Trancoso, na Bahia, onde o “Quadrado” mobiliza uma grande parte de locais para turistas, e está sendo constantemente evocado, parecendo até que os habitantes o têm inscrito no espírito, por via do simbólico, mais do que na realidade concreta do terreno.

Com efeito, importa destacar quanto os vestígios conseguem revelar o cuidado posto na concepção material das comunidades, na proporção artística e na propriedade técnica dos edifícios, revelando uma preocupação estética servida pelo cuidado em criar impacto, associando a majestade escultórica, as leis da perspectiva e a construção da paisagem. Razão pela qual a História de Arte se viu compelida a estabelecer

tendências, incluindo formas e conteúdos exclusivos, a que fica bem a designação de barroco missionário.

Adiante-se, contudo, que o caráter sedentário de moxos e chiquitos favorece hábitos de permanência no espaço e ritos de comemoração continuada, onde a herança corporaliza ações processuais, enquanto que a errância dos guarani, sempre em “busca da terra sem mal” prejudica o assentamento e impede, obviamente, as providências exigidas pela sequência materializada de gestos em torno decorrentes do sedentarismo.

A encenação barroca servia com perfeição tais intuitos, ao mesmo tempo que materializava efeitos de óptica surpreendente: num território sem vidro mas com mica; estas placas materializavam janelas que favoreciam a entrada e a abundância de luz, num território mais pobre, apesar do Cerro, uma verdadeira montanha de prata, em Potosí ficar perto; as mesmas placas criavam unidades decorativas que passavam por prata e muito prestigiavam a grandeza dos altares, como a imponência geral do de Concepción.

Outros efeitos eram definidos pela utilização intencional e cuidada das leis renascentistas de perspectiva, fortemente matizadas por estudos matemáticos na tendência italiana. Com isso, conseguiam-se efeitos e simulações de grandeza, por entre naves marcadas por uma desproporção entre altura e largura, logo muito bem articuladas para favorecer ambientes permeáveis à religiosidade coletiva, sem perder em carga intimista. Paralelamente, a escultura e a estatuária encontravam, pelo lado exuberante e sensual, a pujança foral que lhes dava um mote naturalístico.

Memória patrimonial missionária

Acrescente-se que a memória patrimonial atual tende a ressurgir interesses que o século XIX declinara, e a que não será estranho o impacto de títulos atribuídos pela *Unesco World Heritage*. Na perspectiva contemporânea de conservação e de manutenção, aquilo que parecerá mais estranho é como foi possível o aniquilamento bélico, a in-

sensibilidade artística e a falta de cultura histórica que possibilitou tanta ruína.

Mas, como que por vingança, face a tanto devário, as ruínas mantêm-se de pé, mantendo, por encanto, a ausência de complitude de que a imaginação precisa para desafiar ainda mais os limites da realidade, como o previram tão bem Chateaubriand ou Saint-Beuve, e muito bem saberiam os românticos. Na verdade, elas agem como intermitência que desenvolve mecanismos perceptivos a exigir que o sujeito coloque nelas algo de si. Ora é precisamente este pormenor que merece uma análise: se o objeto é sempre uma construção, o objeto ruína requer uma participação especial, pelo que depende ainda mais de quem o olha, com ou sem apatia sensual, formação histórica, preparação estética.

Este é um ponto crucial para explicar os comportamentos em redor, pois a conjuntura atual depara-se com várias contradições à mistura, na medida mesma em que a memória acarreta sentimentos dessemelhantes: assim, os chiquitos revêem-se no período jesuítico como o seu tempo mais glorioso; mas mais ao sul, e apesar de terem sido cedidos terrenos às comunidades indígenas, os guarani continuam a sofrer na pele o mal-estar de expropriados, na maior parte das vezes perambulando e vendendo objetos em madeira e em palha, fora do recinto dos sítios históricos, exceto em São Miguel das Missões, onde estão abrigados junto do Museu; enquanto que, ao lado, os habitantes de Santo Ângelo ou de São Borja se identificam primeiro como missioneiros, depois como gaúchos e só depois como brasileiros.

Visitantes e estudiosos também não são unânimes no modo como trabalham a memória e a transformam nas leituras, onde revêem e revisitam as marcas da ideologia.

Logo, a presença memorial deste período na atualidade alimenta-se de resíduos, restos e sobras desse período, mas a visibilidade, apesar de truncada ou adulterada, lá vai tentando sugerir a pertença a um todo com outra grandeza. A toponímia quando bem entendida na sua expressão por demais sintética recobre a função (em Montevideo, no centro histórico, a Calle Misiones; em

Colónia, também no centro histórico, a Calle Misiones de Tapes; em Córdoba, a Via Misiones). Mas a memória patrimonial pode ser mais ambiciosa, recobrando a majestade, como acontece na Biblioteca da Unisinos através de amplos murais no rés do chão, uma cruz missioneira na capela e ainda um quadro sobre o significado de missão, espalhado por muitos cantos. Releve-se que esta universidade jesuítica localizada no Rio Grande do Sul assume explicitamente quanto bebe o seu carisma institucional nessa raiz. Ou descer mais ao fundo, como no mural de uma das estações do metropolitano, em Buenos Aires.

É voz corrente que variados colecionadores, nomeadamente dos países envolvidos, se deliciam com peças pertencentes a esta genealogia, o que também poderá ajudar a explicar os restos relativamente escasso em contextos museográficos: o Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro é bem mais rico noutras seções do que na Seção Missões, o Museu de Santo Ângelo é pobre, o Museu Nacional Jesuítico na Estancia Jesús María tem esculturas, mas nada de relevante. Como também não é relevante o espólio visível do Instituto Anchietano de Pesquisas, em São Leopoldo.

Além disso, e com base no falar das gentes, diga-se, em síntese, que a memória atual das comunidades tende para uma maior presença da tradição, mas com contrapostos: do completamente indiferente ao completamente apaixonado. Aquele atualiza o procedimento de levadas de imigrantes europeus que construíram casas com pedras roubadas, nos séculos XIX e XX. Este reproduz, felizmente, a perplexidade culta de muito viajante do século XVIII, como Auguste Saint-Hilaire (1779-1853).

Guarani

Neste sentido, as informações preciosas esparsas pelos textos do padre espanhol José Sanchez Labrador (1717-1798) facultam um acesso real a áreas da História Natural, enquanto demonstram um efetivo e documentado domínio no respeitante às peculiaridades inerentes ao bo-

tânico e zoológico. Servido por ilustrações elucidativas, *El Paraguay Natural* e *El Paraguay Católico* (1771-1776) prova um grande conhecimento taxionômico de plantas, identificando e classificando endêmicas e exóticas. A par, claro, de referências diretas ao seu aproveitamento econômico e às suas propriedades farmacêuticas e medicinais. Assim, o livro corresponde a uma súmula importante que só foi possível por uma relação grande entre a preparação acumulada e intercambiada entre europeus e indígenas, a níveis do Primeiro e do Segundo Reino.

A administração dos engenhos e das estancias exigia equipes bem organizadas, aptas para orientar a produção e distribuição, o que apelava para conhecimentos geográficos e climáticos, faunísticos e zootécnicos, contabilísticos e financeiros. Estes todos eram suportados pelas respectivas técnicas, as quais são particularmente visíveis na Estancia de Caroya, onde restam: um tanque, um moinho de água e um forno de cal, evocando a produção de milho e de trigo, de frutas e de mel etc. Além disso, teria que haver sistemas de liderança capazes de rentabilizar as colheitas: por exemplo, uma prensa para vinho evidencia tradição de uma reputada atividade vinícola. Situação que se repetia na Estancia de Jesús María, onde a fama da produção vinícola correu mundo. Conta-se que o *lagrimilla* foi o primeiro vinho americano a ser saboreado por Filipe V. E que dizer de quanto a fama argentina delas retira a origem, dentro de um rumo consagrado.

Embora o principal recurso econômico da região do sul do Brasil, do norte da Argentina e do Paraguai fosse anterior a Colombo ou a Cabral, pois os índios há muito se deleitariam com o mate, por razões várias, desde a procura de uma energia matinal a fins eróticos, a primeira referência e descrição da *Ilex paraguayensis*, encontra-se no padre tirolês Antônio Sepp (1655-1733). O que é natural, pois é sabido quanto as finanças jesuíticas lucraram com o cultivo e o consumo de *hierba*, incluindo a divulgação deste costume, até com a sua expansão para países europeus.

Munidas por sistemas de energia hidráulica, à semelhança do que ainda pode ser visto na Estancia de Caroya, a agricultura e a agropecuária, enriquecidas por bois e ovelhas importados pela Companhia para a América do Sul (daí continuarem a ser designadas por missioneiras), criavam um equilíbrio surpreendente, a compensar outras exportações bem sucedidas para o Velho Continente. Por isso também por aqui passou a tradição gaúcha centrada na boiada. De fato, a literatura refere a existência de imensas manadas a percorrerem as reduções, espetáculo que ainda hoje dá para imaginar no porto da redução de Santa Ana, em Misiones, completamente desativado, mas que foi famoso na sua lide de ativar a saída de barcos cheios de vacas com destino ao rio La Plata.

A literatura enaltece igualmente a capacidade indiscutível dos guarani para copiar na perfeição o que quer que fosse, do objeto cerâmico, ao instrumento de música, passando pela escultura em madeira ou pela partitura, sendo de supor que alguns desses requintes tivessem sido ensinados nas oficinas das missões, onde a aposta estava fixamente orientada para desenvolver as artes e ofícios importantes para a comunidade, na ordem do material e do espiritual. Todavia, se a competência adquirida exigiu uma aprendizagem disciplinada, sempre difícil para quem estava habituado à floresta e era fechado dentro de quatro paredes, é de ressaltar que a pedagogia inaciana encontrou tendências arreigadas favoráveis a esse tipo de adestramento.

A arquitetura, a escultura, a pintura, a cerâmica etc. resultaram de um esforço empreendedor substancial que pediu o talento organizativo para estimular e controlar a massa obreira, passando-lhes conhecimentos técnicos e apuramento artístico. Mas é evidente que os índios pagaram com poder executivo, destreza manual e efeitos estéticos. Dá a sensação que eles sentiam-se tão à vontade na função, que até passavam para os materiais expressões diretas da sua fisionomia.

Chiquitos e Moxos

Os chiquitos localizam-se perto da fronteira com Mato Grosso, no Brasil. Integrada no Departamento de Santa Cruz de la Sierra, a Província de Chiquitos – hoje Bolívia, mas até 1750, Vice-Reino do Peru, e até 1906, Peru – apresenta características muito especiais, porque seis das várias aldeias jesuíticas batizadas com nomes de santos ou similares conservam igrejas, construídas pelo padre suíço Martin Schmid, entre 1740 e 1756, e reconstruídas entre os anos ‘70 e ‘90 do século passado, e casas, a delimitar os outros três lados da praça quadrilátera, iguais ou muito idênticas às originais, como acontece principalmente na quietude emblemática de Santa Ana.

Quer isto dizer que, apesar de alguma dimensão urbana aumentada, os povoados corporalizam uma memória com mais de duzentos anos por várias razões, com destaque para aquelas que são decorrentes de uma decisão muito sábia: a mão-de-obra, orquestrada pelo arquiteto suíço, Hans Roth (-1999), foi local, fato que desenvolveu, por si só, um reviver do passado e uma consciência de pertença importante.

Como consequência, resultou uma dinâmica por muito positiva. Na verdade, não só favoreceu o emprego durante o período das obras, como os operários desenvolveram ou adquiriram saberes que ajudam, agora, a manter certas artes e ofícios, com destaque para trabalhos em madeira, continuando a acontecer em oficinas – lojas de San Miguel de Velasco, ou no Taller Hans Roth em Concepción, onde adultos e jovens se inspiram em motivos decorativos eclesiais. Acrescente-se que estes aspectos mantêm um mercado por demais apelativo, também num contexto de turismo.

Em resumo, a reconstrução gerou benefícios econômicos consideráveis e tem favorecido as populações vindouras em termos de auto-estima. E estes dois aspectos revertem em favor do patrimônio, pois, em última análise, são equivalentes a potencialidades explícitas para uma conservação atualizada e eficaz.

Faça uma lista entre muitas, a lembrança abarca também como aquele padre mandou vir de Potosí

um órgão, mais de mil quilômetros de transporte em mula. Por isso, também lhe são devidas outras vivências comemoradas permanentemente por estes povos: sejam a frequência com que se encontram crianças com caixas de violino e um magníficos coros nas liturgias de uma dessas igrejas, sejam as orquestras existentes nas aldeias ou, coroando tudo o mais, o Festival Internacional de Música Barroca Americana – Misiones de Chiquitos, bianual, iniciado em 1966.

Da atividade artística iniciada pelos jesuítas restam aqui mais de 5000 folhas de música sacra e em Moxos mais de 4000 folhas, todas executadas no século XVII e no século XVIII. Entre elas, as do famoso compositor jesuíta italiano Domenico Zipolli (1688-1726). Razão mais que justificada para o Arquivo Misional de Concepción ser o maior do gênero. E o seu espólio histórico justificar que os festivais incluam um Congreso Internacional de Música Renascentista y Barroca. A par disso e na mesma vila, encontra-se também o Museo Misional.

Ainda hoje, a visita a esta parte da Grande Chiquitania, é acompanhada pelo imaginário acústico deste território, ao retirar do órgão de tubos de Santa Ana, como das harpas antigas e das atuais, uma sonoridade que se deixa envolver num ambiente corporizado por dezenas de violinos com sons ancestrais.

Ao caso particular da música, muito desenvolvido na América do Sul, deve-se juntar a pedagogia veiculada ao teatro, como bem o demonstrou o padre espanhol José Anchieta (1534-1597). A qual dependia diretamente de princípios metodológicos bebidos nos *Directorium exercitiorum spiritualium P.N. Ignatii* (1548), porquanto o livro sugeria que quem os dava, o guia, deveria ter a habilidade de sugerir cenários e encenações propícias ao desenvolvimento de uma vida espiritual mais perfeita, para quem os recebia. Esta mesma memória atualiza-se, agora, no Festival de Teatro de Santa Cruz de la Sierra que, reencontra, assim, um filão dramático antigo.

Os povos de Moxos foram objeto da prática missionária jesuítica, datando a primeira aldeia, Nuestra Señora de Loreto, de 1682. No quase sé-

culo entre esta data e 1767, foram criadas, entre as redes hidrográficas dominadas pelos rios Mamoré e San Miguel, umas treze missões, sobrando nelas as igrejas com telha e muita talha. Todavia há quem defenda que a *cultura misional*, ou seja, os modos de vida por eles introduzidos, permaneceu por mais de cem anos depois da expulsão. Mas a memória mais permanente dessa época reflete-se no gado e nos cavalos, introduzidos por quem muito bem soube perceber quanto o clima, o terreno e solo lhes seria propício, de tal modo que Trinidad (à época Santíssima Trinidad) continua a ser o centro boliviano desta indústria, com cerca de 2.000.000 cabeças atualmente.

Assim, o referido território – que abrigou uma singular cultura hidráulica pré-hispânica, onde alguns localizaram o El Dorado e a *Hevea brasiliensis*, possibilitou, depois, o dinamismo comercial em torno da borracha – teve um período intercalar de que os jesuítas foram os agentes fundamentais na arte de historiar. Contudo, as frequentes descrições das aldeias, muito lucraram de ser complementadas por Alcide Dessalines d’Orbigny (1802-1857) e o seu leque temático magistral.⁹ Outros naturalistas e exploradores se lhe seguiram, narrando também a decadência no século XIX. Diga-se, pois, quanto convém que toda esta armadura documental ladeie o imaginário culto contemporâneo, quando de uma visita.

Como nos demais casos anteriores, o *Archivum Societatis Iesus* (ARSI), em Roma, contém um riquíssimo arquivo de dados pessoais sobre os missionários (data e local do nascimento, formação, funções, cargos), e de *Cartas Anua*, escritas pelo superior das missões a relatar os principais acontecimentos de cada ano.

Referências

ROLAND, Jacques. *Portuguese Pioneers of Vietnamese Prior to 1650*, Bangkok, Orchid Press, 2002.

JANEIRA, Ana Luísa. *Do planeta à planetização. Explorando pistas abertas por Pierre Teilhard de Chardin*. “Revista Portuguesa de Filosofia”, Braga, 28(1) Jan.-Mar., 17-34.

JANEIRA, Ana Luísa. *A dialéctica energética em Teilhard de Chardin*. “Revista Portuguesa de Filosofia”, Braga, 28(3) Jul.-Set. 1972, 284-298.

JANEIRA, Ana Luísa. *A Energética no pensamento de Pierre Teilhard de Chardin. Introdução e estudo evolutivo*. Prefácio de Henri GOUHIER, Braga, Livraria Cruz-Faculdade de Filosofia, 1978, 360. Este livro é a tradução de *Réflexion philosophique sur l’Énergétique dans la pensée de Pierre Teilhard de Chardin*. Tese de Doutoramento orientada pelo Professor Henri Gouhier e apresentada à Université de Paris I (Panthéon-Sorbonne), vol. policopiado, Paris, 1971, 840.

JANEIRA, Ana Luísa. *Bibliografia*. (levantamento bibliográfico de títulos inseridos In Damião PERES; Eleutério CERDEIRA (dirs.) – História de Portugal. 9 vols., Barcelos, Portucalense Editora, 1927-1954, com interesse para o processo histórico e mental dos saberes nos trópicos) e *O “adubar, ou preparar as terras” na “Memória agrônômica relativa ao Conselho de Chaves por José Ignácio da Costa”*. In Ana Luísa JANEIRA et al. – “Tropico-lógicas agrícolas: uma descrição do saber agrícola no Brasil”. Rio de Janeiro, Escola Interamericana de Administração Pública, Centro de Pós-Graduação, Ministério da Agricultura, Subsecretaria do Planejamento e Orçamento, 1979, 40-46, e adenda, 1-21.

JANEIRA, Ana Luísa. *O humanismo na Energética de Teilhard de Chardin*. “Brotéria”, Lisboa, 113 (5) Nov. 1981, 339-450.

JANEIRA, Ana Luísa. *O sujeito em Teilhard de Chardin. Questões levantadas pelo pensamento francês atual*. “Revista Portuguesa de Filosofia”, Braga, 37 (4) Out.-Dez. 1981, 387-400.

JANEIRA, Ana Luísa. *Humanismo. Logocentrismo. Etnocentrismo*. “Revista Portuguesa de Filosofia”, Braga, 38 (4) Out.-Dez. 1982, 221-240. Atas do 1º Congresso Luso-Brasileiro de Filosofia.

JANEIRA, Ana Luísa. *Obstáculos epistemológicos no pensamento de Teilhard de Chardin. A questão energética*. “Revista Portuguesa de Filosofia”, Braga, 40 (3) Jul.-Set. 1984.

JANEIRA, Ana Luísa. *Sistemas epistêmicos e ciências. Do Noviciado da Cotovia à Faculdade de Ciências de Lisboa*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987, 225.

JANEIRA, Ana Luísa. *A ciência e a virtude no Noviciado da Cotovia (1603-1759): organização do espaço, produção do discurso e sistema epistêmico*. “Revista Portuguesa de Filosofia”, Braga, 52 (1-4), 1996, 441-447.

JANEIRA, Ana Luísa (org.). “Gabinete de Curiosidades”. Lisboa, Centro Interdisciplinar de Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade de Lisboa (CICTSUL), 1999. Inclui estes textos adaptados de Ana Luísa Janeira: *Ouvir e ler, olhar e ver, observar e experimentar*, 31-38; *Explorar, expor e crer*, 41-49; *Do Paço da Ajuda à Escola Politécnica de Lisboa*, 55-58; *O jardim botânico das reais quintas do Paço de Nossa Senhora da Ajuda*, 61-65; *O Hospício dos Apóstolos da Cotovia*

⁹ Voyage en Amérique méridionale. 09 tomos, 11 volumes, Paris, Pitois-Levrault, 1835-1847.

- (1603-1759): *Bairro do Andaluz, cidade de Lisboa*, 79-82; *O quadrilátero jesuítico: uma arquitetónica cultural e científica entre os guaranis*, 91-95; *Viagem filosófica pelo espaço-tempo dos jardins botânicos*, 97-101; *Jardins entre dois mundos*, 103-106; *O exótico nas coleções dos jardins botânicos*, 109-118; *Naturacultura: jardins e utopias*, 121-127.
- JANEIRA, Ana Luísa; MACEDO, Ana Paula. *Natureza, cultura e ciência nas missões guaranis*. “Revista Portuguesa de Humanidades”, Braga, 3, (1/2), 1999. 455-490. – <<http://www.triplov.com/jardins/missoes/guaranis/index.htm>>.
- JANEIRA, Ana Luísa (prosa, fotos); JANEIRA, Isabel Maria (verso). *Inovação-Tradição-Globalização: Japão*, 2002. – <<http://www.triplov.com/japan.html.htm>>.
- JANEIRA, Ana Luísa. *A memória na comunidade científica atual*. “Territórios e Fronteiras”, Cuiabá, 2004. Desde 2002 publicado no <http://www.triplov.com/ana_luisa/memoria.html>.
- JANEIRA, Ana Luísa. *A memória entre a Europa e os Novos Mundos*. In “Estudos de homenagem a Luís António de Oliveira Ramos”, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, 577-582.
- JANEIRA, Ana Luísa. *Entre a planetização e a globalização*. In Cassiano REIMÃO (org.) – “Teilhard de Chardin. Evolução e Esperança. Antropologia e Filosofia”, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 2005, 46-54.
- JANEIRA, Ana Luísa. *Notas de viagem sobre formas de globalização histórica em Misiones*, 2006. – <http://www.triplov.com/ana_luisa/notas-de-viagem/index.html>.
- JANEIRA, Ana Luísa. *Cultura e Natureza entre os Guarani*. In Ana Luísa Janeira *et al.* – “Os Povos nos Novos Mundos”, Editora Apenas Livros, Lisboa, 2007.
- JANEIRA, Ana Luísa. *Inovação-Tradição-Globalização – Jardins entre a natureza, a cultura e a utopia*, 2007, In Isabel MARCOS, “Construir cidade, conquistar espaço”, Lisboa, Centro de Estudo de Geografia e Planeamento Regional, 2007. – <http://www.e-geo.fcsh.unl.pt/pdf/working-papers/Ana_Luisa_Janeira_pdf>.
- LACOUTURE, Jean. *Jesuites. tome 1: les conquérants*. Seuil, 1991.
- TU GIAM, Van Mieu Quoc. *Temple de Littérature. Collège des enfants de la nation*, Há Noi, Éditions The Gioi, 2004.
- VIEN, Nguyen Khac; NGOC, Huu *et al.*, *Mille ans de littérature vietnamienne. Une anthologie*. Paris, Picquier Poche, 2000.

Natureza, cultura e a ciência nas Missões Guarani¹⁰

A estratégia missionária global da Companhia de Jesus junto aos guarani procurou metodologias de evangelização, entrelaçando a envolvimento das florestas – Natureza – e o espaço construído das reduções – Cultura – através de uma organicidade social, munida de complexos urbanos planejados e onde nada de essencial foi deixado ao acaso. As linhas orientadoras para qualquer grupo humano, desejado como processo de existência na *temporalidade*, incluem uma expressão de *espacia-*

lidade, pelo menos a título virtual. Quando há gestos de atualização, a realidade passa a integrar conteúdos e formas materializáveis, referentes ao espaço construído ou natural. Sendo assim, além de ser uma categoria de inteligibilidade, como bem o formulou Immanuel Kant, o espaço corresponde a uma forma especial de estar-no-mundo, a que Martin Heidegger imprimiu esta síntese lapidar: “pensar é habitar”.

Cultura e ciência

Ana Luísa Janeira

TOPOLOGIAS – Descrição e interpretação dos espaços

Santo Inácio de Loyola¹¹ define alguns itens sobre o tema, nomeadamente no capítulo dedicado às “Casas da Companhia”, mas não se atem ao particular, no que respeita a construção e ocupação de conjuntos maiores. Apesar disso, as reduções são erguidas segundo um sistema teórico uniforme, de cuja aplicabilidade se induzem paredes-mestras ideológicas reveladoras: tendência para desenvolver mecanismos dirigidos para o conhecimento aproximado do interlocutor, capacidade de adaptação às situações concretas, nomeadamente à metafísica e psicologia guarani, es-

forço para delimitar o que seria de lhes impor, através de mediações elaboradas. Neste sentido, haveria que respeitar aquilo que os povoados tinham de aceitável para a mundividência católica, interligando-os com tudo que teria de ser mudado, porque incompatível com as diretrizes romanas. Espalhadas por vários quadrantes geográficos e mantidas por mais de cento e cinquenta anos (1610-1767), as missões (30 no total) foram projetadas segundo um mesmo modelo, em toda a América Latina meridional:

- as casas dos índios ocupando três lados;
- a praça e a igreja, centrada, numa posição frontal, ocupando o quarto lado;

¹⁰ Parte deste texto foi publicado em JANEIRA, Ana Luísa (org.). *Gabinete de Curiosidades*. Lisboa: CICTSUL, 1999, p. 91-96. Na íntegra, a primeira versão deste texto saiu em JANEIRA, Ana Luísa; MACEDO, Ana Paula. *Natura, cultura e ciência nas missões guaranis*. “Revista Portuguesa de Humanidades”, Braga, 3, (1/2), 1999. 455-490.

¹¹ Santo Inácio de Loiola. *As Constituições da Companhia de Jesus*. Lisboa: 1975.

- as dependências missionárias: o colégio, as oficinas, o *cotiguaçu*, o cemitério, etc.;
- as ruas centrífugas;
- as hortas.

O dispositivo, montado a partir do quadrilátero, liga-se a uma tradição institucional que sempre privilegiou os vazios interiores, como se pode verificar no Noviciado da Colônia em Lisboa, Colégio de Jesus em Coimbra ou Colégio do Espírito Santo em Évora, por exemplo. Na verdade, estes quadriláteros relevam arquiteturas culturais e científicas, favorecendo o olhar disciplinado e controlador, onde a concepção de homem (antropologia) se projeta nos edifícios (arquitetura) e nas cidades (urbanismo), como se irá analisar de um ponto de vista epistemológico.

A praça-igreja

“Aqui não há, como lá em casa, matos e capões de árvores silvestres ou infrutíferas, como carvalho, pinheiro, bétula, faia abeto ou outra lenha comum. Em contrapartida, porém, encontrarás matas inteiras de pessegueiros, amendoeiras e outras árvores, semelhantes” (VM, 6-7)¹².

“A diferença está toda em nós mesmos, que precisamos modificar nosso conceito. Quando é meio-dia na Europa, é meia-noite aqui entre nós. O vento sul, lá morno, é aqui fresco e frio. (...) Tudo às avessas. (...) Numa palavra, tudo aqui é diferente e está a calhar a expressão, chamando a América de ‘mundo às avessas’” (VM, 23).

“Agora vamos considerar um pouco a situação destas nossas reduções, assim chamadas porque estes índios são por nós *reduciret* (conduzidos) à fé cristã. Em alemão chamaríamos esses povos

de comunidades ou aldeias. Ao todo há 26 dessas reduções. Cada uma é administrada por dois padres, o que, no entanto, em virtude da grande carência de sacerdotes, nem sempre se pode fazer. Por vezes, esses dois recebem ainda a ajuda de um irmão. Conta uma redução dessas, três, quatro, cinco seis mil e mais almas” (VM, 62).

Dada a dimensão, às vezes chega a ser necessário dividi-las: “No ano de 1697 sou enviado à maior de todas as reduções, a de S. Miguel (...). Reunidos os índios principais, expus-lhes o pensamento do R. P. Provincial: que se devia dividir a povoação por causa do grande número de habitantes, os quais já nem a igreja comportava (...). No dia 13 de setembro de 1697 parti com dois padres da vizinha Redução de São Lourenço para explorar as terras (...) (TA, 136-139).

Revelando sabedoria topológica à altura das circunstâncias, a conquista do solo faz-se de uma forma continuada e conseqüente. São adotadas medidas muito específicas, de natureza científica ou técnica, com vista a uma melhor maestria dos lugares, pensados dentro de um plano de concepção, ou materializados como trabalho de execução.

Relativamente ao primeiro, estabelece-se uma organização espacial quadriculada, hierarquizada e gerada a partir de uma praça (ER¹³, 290), com estatuto de presidência: olhando para tudo, e para quem todos olham. Segundo certos autores, o plano regulador é mais funcional (São Miguel e São João Batista) do que programático (São Estanislao e São Joaquim), e não apresentam quadriculas indiferenciadas como previam as *Leys de Índias*: a praça é excêntrica em relação ao conjunto, pois não está inscrita no centro de um quadrado: como acontecia frequentemente no mundo espanhol.

¹² Padre Antônio Sepp, SJ. *Viagem às Missões Jesuíticas e trabalhos Apostólicos*. São Paulo, Livraria Martins Editora. Editora da Universidade de São Paulo, 1972. Transcrevem-se os textos, adaptados à ortografia atual. *A viagem* – primeiro texto escrito sobre estas reduções, é um conjunto de cartas endereçadas pelo Pe. Antônio Sepp, jesuíta tirolês, ao irmão, em 1691 –, foi editada em 1698. *Os Trabalhos* – descrição elaborada entre 1693 e 1701, incluem a fundação da Redução de São João Baptista –, foram editados em 1710. Siglas: Viagens às Missões Jesuíticas = VM e Trabalhos Apostólicos = TA.

¹³ Guillermo Randle. *Espanña y Roma en El Orígem Urbano de las Misiones Jesuítas Guaranis* (1610-1767). In: “Congresso Internacional de Historia de La Compañia de Jesus em América: Evangelizacion e Justiça. Siglos XVII y XVIII”. Córdoba: Imprensa San Paolo, 1993, 277 – 305. Sigla: ER. Obra de síntese com conteúdos fundamentados e interpretações inovadoras, embora por vezes um tanto confusa por excesso de informação.

Relativamente ao segundo, usam-se técnicas de construção marcadamente simples, fáceis e práticas, adaptadas às possibilidades produtivas da população, de quem é requerido um contributo indispensável nas tarefas construtivas.

Assim, o complexo arquitetônico assume uma estrutura desprezível, excetuando a igreja, onde os volumes são guarnecidos e engrandecidos com expressões decorativas e escultóricas, por vezes, notáveis.

Recusando a ideia de privilegiar o monumento hierático e estático, a aldeia jesuítica acolhe a comunicação – circulação ou encontro – como critério organizativo. Diferentemente de Roma com seus obeliscos, coloca, quando muito, quatro pólos – cruzeiros ou árvores – nos cantos da praça, favorecendo a cenografia geral.

Paralelamente, “dentro de um processo de transculturação espanhola na América, ou dito do ponto de vista jesuítico, dentro de um processo de inculturação europeia, no sentido de que foram para as missões guarani não só de Espanha, mas também de Itália, Bélgica e Alemanha” (ER, 275), utilizam conteúdos da Contra-Reforma, empenhada no regresso à pureza católica, se necessário for pela força desumanizante da Inquisição, e formas do Barroco, criando perspectivas visuais bastante conseguidas.

Anote-se a propósito como esta praça materializa, com sucesso, adquiridos científicos que os jesuítas manejam com argúcia – a Psicologia da Percepção, a Perspectiva e a Ótica – ao procurar meios de potencializar as vias sensório-estéticas, com fins agregadores, na sua vertente sociocultural, e fins litúrgicos, na sua vertente religiosa.

Dependente de Aristóteles, Santo Agostinho, Vitruvius e Alberti, a legislação filipina concebe o projeto como uma tarefa produzida à régua e cordel, com simetrias acentuadas. O traçado da Companhia de Jesus é mais orgânico, pois define a praça (San Ignacio Miní – 125mx108m, Santíssima Trindad – 130mx100m) e a igreja como um todo. A “praça-templo” (ER, 283), não está inscrita num quadrado, caso original e revelador de uma acentuada intencionalidade.

Com efeito, também esta novidade serve para mostrar como o sistema inaciano funciona articuladamente. Por um lado, a hierarquia, sediada na Europa, está extremamente informada sobre o Além-Mar, podendo estabelecer diretrizes adequadas, superiormente estudadas e decididas. Por outro lado, os jovens missionários que partem da Europa vão bem preparados. Nos Noviciados e Colégios, recebem ensinamentos que os habilitam para detectar os melhores caminhos para a conversão, além de que alguns se treinam para poderem dirigir-se ao índio na sua própria língua, isso acontecendo apesar de muito esforço que implica – “O Bom Deus ajuda-me evidentemente, caso contrário não me seria possível aprender num ano uma língua tão desesperadamente difícil como o guarani” (VM, 74).

A experiência acumulada indica-lhes, igualmente, que estes povos são muito sensíveis ao grandioso e à espetacularidade, razão pela qual a aculturação mútua não pode desconhecer fatores tão fundamentais no relacionamento entre o mesmo e o outro. Diferenças e estranhezas com situações do foro insólito: “cumpre notar bem o que ajunto ao meu relato sobre os paupérrimos índios paraguaios. Quando os nossos primeiros missionários viram a inteira falta de compreensão destes bugres para as verdades sobrenaturais, começaram a duvidar seriamente se possuíam o uso da razão em suficiência para receberem os santos sacramentos. Estes escrúpulos, fundados em sólidas razões, expuseram-nos no Concílio de Lima. O Concílio, após ter discutido todas as razões pró e contra, estabeleceu definitivamente que os índios eram idôneos e que lhes devia administrar os sacramentos como seres que gozam de pleno uso da razão” (TA, 186).

Os anos passam e sempre persistem perplexidades face à particularidade psíquica: “Se é que há um povo debaixo do Sol para o qual sente a palavra Cristo: *Nolite solícite esse in crastinum*, não vos preocupais com o dia de amanhã, então é este” (VM, 84): “são estes paraguaios cristãos muito bons e piedosos, a ninguém submissos a não ser aos nossos padres, amando-os assim

como o filho ama o pai. Somos nós que os vestimos, instruímos e educamos, são muito aplicados e imitam tudo que veem” (VM, 9); “e sem falar que aqui temos de cuidar do corporal, cada família recebe diariamente tanto de carne, pão e farinha, porque, se se lhes deixasse toda a provisão, terminariam devorando tudo no mesmo dia” (VM, 9); “e não dariam conta nem deste pedacinho de roça, deste punhado de terra, se o padre não apertasse o agricultor preguiçoso com sovas e inspeções incessantes. E não amanhariam este punhado de terra nem em dois meses e mal fariam um carreiro por dia, mas dependurariam sua rede entre duas árvores e fariam folga perpétua” (VM,86).

Concluindo, a supremacia do critério de orientação sobre o critério de posição, ou seja, a subalternização da posição dianteira das casas dos índios devido à orientação predominante da igreja provoca uma coexistência de duas lógicas que não deixam de ser perturbadoras ao olhar. Na verdade, há uma lógica que dá uma clara primazia à área habitacional, enquanto há outra lógica que, não só imprime a centralidade orientadora da igreja, como faz intervir um tipo de relação, a qual acaba por desconstruir as regras específicas da posição dianteira.

Talvez por isso, a planta da redução de San Ignacio Miní por Juan Queirel, baseada nas ruínas e datada de 1899, e a planta de uma redução com base num desenho seu apresentem uma característica particular: no primeiro plano, o jardim, a seguir o alinhamento da igreja, o colégio e oficinas, depois a praça, finalmente as casas. Resumindo, Queirel inverte a perspectiva da visão, pondo à frente o que está atrás, e atrás o que está à frente.

Certamente por isso, quer a análise inicial das plantas existentes, quer a observação no terreno por ocasião de uma visita às ruínas, se sintam um tanto perdidas – diga-se que subsiste um mal-estar continuado – enquanto não se chega àquele tipo de interpretação.

Todavia, é de convir que tudo está feito segundo os princípios demarcadores e as exigências

sutis impostas pelo “vigiar e punir”, na acepção de Michel Foucault. Se a Igreja fosse dianteira, ela e os seus torreões só interviriam como controle sobre casos dos índios e praça, pelas traseiras, logo reconhecidamente menos importante. Enquanto que aqui, o controle se faz dentro de um horizonte dirigido pela frente.

As vias de celebração

A maneira de articular as dicotomias está inscrita num plano diretor rígido: o complexo geral terá de ser concebido e realizado, de modo a nunca impedir a importância de espaços amplos e abertos, permeáveis a trajetos destinados a acontecimentos comunitários e a concentração de muitas pessoas, como o são as celebrações.

Celebrar traduz um misto de recordação e homenagem, mobilizando por um evento especial ou por uma figura modelar, funcionando sempre como paradigmas. Quando estas festas correspondem a procissões, evidenciam instantes ainda mais propícios à unidade entre catequética, apologética e imagética. Na verdade, a deslocação dos corpos, as energias anímicas e os espíritos estetizados outorgam às procissões características favorecidas por sequências ritmadas, com iconografias fortes, simbolizando propostas de vida exemplares.

O encontro dos fiéis, induzido por um percurso laudatório preciso, retira da imagética – estilizada nos capitéis, entoada nos salmos ou manobrada nos sermões – instrumentos comunicativos em prol da iniciação no cristianismo e na excelência do seu significado. Assim, a celebração, que é um tempo repetido em torno da memória e do rito, é vivenciada como uma narrativa acompanhada por personagens e cadências, particularmente caras aos índios, dada a sua capacidade natural para cenários teatralizados, repetitivos e musicados.

“Vi o manuscrito de um índio e pensei tratar-se de impressão de Colônia ou Antuérpia. Fazem relógios de bater, clarinetes e trombetas tão

bem como se faz na Alemanha. Não há que eles mais apreciam do que a música” (VM, 9). “Sessenta músicos, com toda espécie de cornos, pífanos e charamelas americanos, vieram ao nosso encontro para receber-nos, e cantaram nada mal o *Te Deum Laudamus*” (VM, 9). “Não são capazes de inventar e excogitar algo que seja do seu próprio juízo e intuição, mesmo que fosse o mais simples trabalho manual, mas precisa sempre estar o padre junto deles e orientá-los e fornecer-lhes moldes e modelos. É indescritível sua habilidade imitativa” (VM, 82).

A imitação das várias manifestações artísticas ocorre dentro de um esquema global bem sucedido: os estilos esculpidos e discursivos, secundados pelo canto, produzem efeitos psicológicos, explorados em prol da virtude. Na verdade, seguindo a mais genuína tradição medieval e escolástica, onde a comunicação religiosa sempre soube usar a emoção, o efeito surtido pelas diferentes retóricas favorece disponibilidades à difusão da mensagem, ao processo de conversão e à persistência na fé.

Curioso é verificar que, independentemente da sua apetência para a cópia, no que ela tem de rigor imitativo, os escultores indígenas não deixam de transmitir características da sua fisionomia, na escultura dos corpos, forma dos rostos e expressividade dos olhos. Exemplo significativo, o Museu de Escultura de São Miguel, sabidamente concebido pelo arquiteto Lúcio Costa – principalmente pelo sítio onde colocou o edifício que reproduz uma casa dos índios e à qual deu uma função determinante, por ser ela que obriga a imaginar-se a praça destruída –, possui uma coleção de estatuária, com estatuto de “restos de um naufrágio”, como ele lhes chama, onde são visíveis os traços físicos dos guarani, marcadamente redondos. Os mesmos que encontramos em muitos dos habitantes destas zonas, ainda atualmente.

O som da palavra ou cântico associa-se às linhas curvas e aos volumes ovóides das esculturas, para montar laivos emotivos favoráveis a uma configuração – onde a memória, ao querer rever o passado, a vontade, ao projetar-se no fu-

turo, a razão, procurando o real, e a imaginação, movendo-se no virtual – são propícias aos mecanismos evangélicos.

Orientadas por intuítos de pastoral, as reduções apresentam, segundo Guilherme Randle (ER, 278-2983), mais semelhantes com as ideias de Juan de Matienzo (1567) e os planos de Sisto V e Domênico Fontana (1585-1590), do que com as exigências precisas emanadas do *Consejo de Índias*, ao longo das célebres *Nuevas Ordenanzas de Descubrimiento y Población* (1673).

Segundo esta interpretação, a cidade de Roma, onde se ergue a Igreja de Gesù, sede da Companhia de Jesus, terá sido o modelo forte deste urbanismo, logo um exemplo mais seguido que o imposto pela Espanha.

A mistura dos termos – igreja e praça – indica o propósito de conjugar energias para aumentar o impacto da estrutura resultante, segundo um intuito claro: uma praça-igreja tem um peso, real e simbólico, que não existe numa praça distante da igreja e ligada ao mercado, como acontecia dentro da tradição medieval e nas cidades sul-americanas fundadas pelos espanhóis. Neste contexto, não existe uma rua principal de acesso com um caráter vial preponderante e tendo como alvo a igreja. As outras ruas são planificadas mais como canais de circulação, imprescindíveis ao equilíbrio emocional de um índio errante, adestrado para contextos sendentários. Nenhuma delas funciona como meio de acesso a qualquer monumento evocativo.

O nomadismo constituía um obstáculo a sublimar, tanto mais que os objetivos dos missionários se centravam na vigilância religiosa, a que não eram estranhos mecanismos políticos nitidamente atuantes. O urbanismo os traduz por representações construtivas reveladoras de uma ação pensada, atuando através de meios concertados com os fins.

A intenção e a intervenção do *topos*, com foro nitidamente político, multiplica-se, pois, em topologias, topografias e toponímias que imprimem aos volumes edificadas um caráter de missão, enquanto compromisso, encargo, dever e poder.

Nas reduções – de Santo Ângelo a San Ignacio Miní e São João Batista, passando por São Miguel, Santa Ana e Nuestra Señora de Loreto ou Santíssima Trindad e demais –, a topologia é católica, como a topografia é evangélica e a toponímia hagiográfica, a ponto dos próprios nomes servirem a causa, porque não se podem descuidar as potencialidades da história reestabelecida e da memória mediadora, em favor da grande matriz que é a vontade construtora.

As casas dos índios

Este aspecto do urbanismo apresenta características que merecem ser descritas e interpretadas criteriosamente, pois subentende um jogo significativo entre lógicas diferenciadas dentro de uma especialidade bem pensada: localização, posição, disposição e orientação. Jogo, onde se materializam, porventura, estratégias importantes (leia-se ambiguidades sutis), seguidas pelos missionários junto aos guarani.

As casas ocupam uma localização dianteira, pois constituem o primeiro setor, logo à entrada. Feitas geralmente à base de adobes, construídas com técnicas e ferramentas aborígenes, dispostas em blocos autônomos com galerias, abrigo uma só família, corroboram a perpetuação dos costumes locais, desde que não impliquem ocas, tendas para tribos inteiras, favoráveis à poligamia.

Todavia, só uma leitura precipitada e simplista poderá inferir qualquer posição primeira a partir da localização. Na verdade, é preciso perceber que elas ocupam os lugares que ocupam, porque fazem parte de um semicírculo imaginário, construído a partir de um ângulo de 180° centrado na igreja, *pivot* estruturante de qualquer dos edifícios.

Além disso, acrescenta-se, o papel acentuado da igreja, como centro hierárquico preponderante, diminui o valor da posição em favor do valor acrescentado da orientação, estabelecendo uma

dinâmica em que o segundo termo, não só reduz a importância do primeiro, como o obriga a uma dependência axiológica.

De fato, o projeto impõe-lhe um papel particular no conjunto, pois, quando as subordina ao sentido direcional do espaço, opta por uma disposição propícia à disposição em anfiteatro. Com longa tradição na cultura ocidental, esta forma foi sempre escolhida quando se pretende criar ambientes favoráveis a um olhar orientado: da tragédia grega às aulas teóricas das ciências modernas. O olhar orientado implica sempre o privilégio atribuído a uma cena ou a um cenário, razão primeira de onde retira autoridade o lugar que preside aos demais.

Assim, se, por um lado, o complexo arquitetônico das vivendas concretiza a imagem global de um leque, aberto a partir da igreja, por outro, pressupõe um modelo em que estas habitações estão dirigidas para um alvo supremo, garante por excelência da planificação centralizada das tarefas e distribuição das atividades laborais, contra a disseminação espacial e dispersão produtiva.

O modelo de urbanização resultante tem em comum, com o aldeamento indígena, o fato de ser uma urbe, no interior da selva. Mas este novo produto da cultura – irrompendo no meio da floresta circundantes, excelência da natureza incluindo a imensa Catarata do Iguazu –, nunca poderia denegar certos fins, sempre presentes: táticas precisas para poderem ser eficientes, quando o diálogo bloqueia ou quando se trata de impor ideias importadas, seja, contra nudez, a noção de pudor e pecado – “As meninas e os rapazes andam como Deus os criou, em *puris naturalis*. Na cabeça não têm outra coisa senão seus cabelos pretos compridos, soltos e desgrenhados, que parecem como cauda de um corcel robusto” (VM, 51).

A dinâmica edificadora é gerada a partir das potencialidades criadas por uma série de oposições presentes: as oposições entre espaços vazios (praça e rua, pátios e corredores) e espaços cheios

(vivendas, igreja, colégio, oficinas, casa das viúvas e órfãs).

Os cheios servem, quer para darem abrigo aos índios e à comunidade dos padres, quer para outras funções pragmáticas: ensino e sobrevivência, como acontece com o colégio e as oficinas. Os vazios, por sua vez, servem para aumentar a sociabilidade e surtir efeitos de coesão na comunidade, com pontos celebrativos altos: as festas religiosas ou profanas.

Sendo assim, a vida pública, aproveitando o clima favorável, concentra-se em espaços abertos, vocacionados para a comunicação entre todos, pois facilitam mecanismos de convívio, pressuposto essencial para esforços participativos, na planificação de fins coletivos e na execução harmoniosa de tarefas comuns.

O colégio e as oficinas

Contra os hábitos de dispersão e itinerância característicos dos povos locais, a concentração social, propiciada pelo sistema implementado, aumenta a capacidade de instituições e instâncias doutrinárias com caráter permanente e com meios de continuidade, incluindo várias formas de transmissão de saber. Neste sentido, os jesuítas acabam por demonstrar uma adaptação notória e preocupação muito versátil, por muitos serem os campos de intervenção para que são constantemente solicitados.

“Passemos agora para economia e administração dos bens terrenos (...). Direi tudo numa só palavra, aliás como São Paulo: o padre precisa ser tudo a todos. Precisa ser: cozinheiro, dispenseiro, comprador e gastador, moleiro, pedreiro, escrivão, carpinteiro, louceiro, tecelão, oleiro e tudo quanto pode haver ainda de funções numa república bem organizada, numa comunidade, cidade ou num *collegium societas*, ou num convento de santa Ordem. Agora, porém, alguém logo me lançará ao rosto: Isto é impossível, para tanta coisa um Padre não basta! Perdoe-me: Ao braço divino é possível operar muito mais ainda pelo braço hu-

mano! Assim como Deus, por intermédio dos seus servos, operou por muitos anos entre estes pobres indígenas abandonados e continua operando até hoje. Querendo esclarecer mais de perto só uma coisa ou outra, e começo logo com a principal: O Padre precisa diariamente distribuir sal entre os índios, e com a recomendação expressa: Isto é para sopa, e isto é para carne! Porque o meu bom índio deitará tudo na sopa, sem se preocupar que o padre coma depois a sopa ou não. Se, porém, der de experimentar a sopa ao cozinheiro, para que aprenda para a próxima vez e meça o sal mais direito, o cozinheiro começará a sopa como se nada houvesse. Se o padre lhe pergunta depois: ‘Não notas meu filho?’ – o apelativo sempre é ‘filho’, assim como ele nos chamam de ‘pai’ – não notas, meu filho, que não posso comer esta sopa por estar muito salgada?’, a que ele responderá: “Nada noto, meu pai, se tu não comes a sopa, então vou comê-la!” (VM, 64).

Se a praça alberga o convívio comunitário, o colégio e as oficinas acolhem objetivos pedagógicos sequenciados: se há que aprender a ler e escrever, os números e o canto, há também que ensinar a: costurar e bordar, aperfeiçoar a cestaria, preparar os moldes tipográficos para editar textos, montar o torno para fazer cerâmica, lidar com as técnicas de fundição. Quando se vai longe na aprendizagem, chega-se talvez à observação astronômica ou à construção de instrumentos musicais, tão sensíveis como a harpa.

“Este índios paraguaios são, por natureza, como que talhados para a música, de maneira que aprendem a tocar com surpreendente facilidade e destreza toda sorte de instrumentos, e isto em tempo brevíssimo. No que concerne ao mestre quase dispensam de todo. Basta que se lhes dê um trecho para ensaiar, que aos poucos o tocarão sem omitir as passagens e saltos mais difíceis. Na colônia de São João Batista, recentemente fundada, há um rapaz de seus doze anos, que com dedo firme sonatas, alernandos, sarabandas, correntas e baletos e outras muitas peças compostas pelos mais insignes maestros europeus, tais como Hen-

rique Schmelzer, Henrique Francisco Inácio de Birne e Teubner. Estes nomes são conhecidos aos instrumentistas e tocadores de cítara. Prelúdios que fazem suar o organista mais hábil, devido à concentração que exigem, o meu rapazinho os toca na cítara davídica ou harpa, com sorriso nos lábios. Observa-o a dedilhar suavemente as cordas sonoras! Não é possível verificar a rapidez dos dedos, nem tão-pouco, distinguir se a mão direita agora se precipita na frente, ou se voa em perseguição da esquerda. Estas cítaras ou harpas são uma novidade inventada por mim nestas terras. Compreende duas fileiras de cordas, em que se pode exprimir não só os tons inteiros, como também os semitons da escala cromática. Desta maneira, há teclas brancas e pretas, como num órgão, adaptáveis a qualquer canto, ou seja, para tocar à vontade em dó maior, ou em dó menor” (TA, 185-186).

Especialistas em pedagogia eficiente, os jesuítas esforçaram-se por aplicar enunciados educativos, capazes de transformar “selvagens” em “civilizados”. Para isso, são previamente preparados nos noviciados e colégios, onde prima uma formação sutilmente exigente e disciplinada – no que se refere ao domínio do corpo, o treinamento da alma e os “exercícios espirituais” – e uma informação escolástica, acrescida de uma intenção permanente: no mundo envolvente, só um saber adaptado e, se necessário, renovado pode ser veículo adequado para a virtude.

Anote-se, ainda, que este “treinamento militar” é organizado tendo em vista a grande probabilidade de uma intervenção em países distantes, pelo que noviços e colegiais recebem ensinamentos concretos, para viverem o período de missão como um tempo particularmente desejado e fecundo. Para isso, a Companhia assume cuidados propedêuticos especiais, no sentido de lhes aumentar a resistência física, a persistência na adversidade, a constância da vontade.

Por isso, o improviso frequente, a argúcia imediatista, a inteligência prática sempre à prova, pelos quais o missionário conquista a sobrevivência, emergem dentro de parâmetros intelec-

tuais, sabidamente estruturados e enquadrados sob o lema do *Ad majorem dei gloriae*.

O modelo de base provém principalmente do discurso fundador, mas é evidente que muitas orientações concretas têm origem nas características impostas pelo interlocutor local: se conseguem ser mestres reputados, é porque percebem a mentalidade e o psiquismo dos guarani, utilizando o simbolismo da autoridade, a mística da disciplina, num contexto de curiosidade mútua: “essa gente, como agora também meus índios, nada apreciam tanto como se se lhes conta a respeito do Império Romano. Isto os prende e excita tanto como se a gente contasse histórias indígenas aos europeus” (VM, 30).

Evidentemente que quem ensina sempre aprende. E não se esqueça que os índios possuem práticas ignoradas pelos europeus, tradições estéticas sutis em cestaria e pelaria e uma filosofia de vida articulada com a floresta e o clima. Diga-se, até, que do ponto de vista de saber lidar harmonicamente com a Natureza, eles estão em vantagem. Da adaptação mútua resulta que as duas partes adquirem hábitos e defesas para sobreviver com meios autossuficientes, como no caso dos muitos conhecimentos medicinais relativos às plantas envolventes, matéria com grande interesse etnobotânico.

Mas ainda, quando há falta de qualquer produto essencial, logo a rede hidrográfica e a destreza das pirogas tornam próximas às missões circundantes. Resultado: o equilíbrio do mercado, em erva-mate, milho ou mandioca, é restabelecido rapidamente.

Na verdade, é importante salientar quanto à estrutura geográfica – pouco relevo e rios largos com muitos braços estreitos adjacentes – é um fator favorável à unidade articulada desta área extensa, ao mesmo tempo que facilita mecanismos de defesa, pois não se esqueça, quanto é cobiçada por espanhóis, bandeirantes e portugueses. Os conhecimentos necessários para resolver a maioria das situações quotidianas são de caráter predominantemente empírico ou artesanal, pois trata-se de aplicar soluções imediatas, recolhidas

dentro da tradição europeia ou americana. Todavia, vezes há em que os problemas são mais complicados, sendo preciso recorrer a conhecimentos científicos ou técnicos¹⁴.

Curioso é verificar como a argúcia para encontrar meios improvisados, quando se precisa ultrapassar obstáculos, funciona nos dois lados do tabuleiro, embora seja sempre relevado o lado criativo entre os europeus e o requinte imitativo entre os índios.

O cotiguazú, casa das viúvas e órfãos, e o cemitério

A ausência de qualquer elemento físico limitante, equiparável a uma muralha, contribui para aumentar ainda mais a sensação de natureza e cultura, partilhada por dentro e por fora, quando se lêem os textos ou se olham as imagens. Por outras palavras, o sentimento de como este microcosmo emerge num horizonte apelativo para toda e qualquer forma de *bios*. Apesar de a memória edificada estar em ruína, é inegável que a sensação se mantém: entrelaçados por uma flora persistente e tenaz, o remanescente continua a respirar. Não obstante esta impressão imediata, existem dois espaços marcadamente ligados à morte: a casa das viúvas e órfãos, e o cemitério.

O *cotiguazú* recebe dois tipos de pessoas, para quem a morte provocou uma vida fragilizada: a mulher que já não tem marido e deve ser protegida para não se tornar um perigo permanente para a monogamia; os filhos, para quem a perda dos pais representa uma lacuna existencial, a ser preenchida por um maior investimento dirigido, por parte da comunidade. Também aqui é indiscutível

vel que atuam objetivos pré-concebidos fortes: o dever de aumentar mecanismos conduzindo a comportamentos bons justifica a planificação generalizada das condutas – meios de integrar situações sociais perturbadoras e meios de afastar marginais ou desviantes. Neste aspecto, o ideal programático das missões respira artificialismo: *trop beau pour être vrai*.

Os cemitérios evidenciam, a seu modo, uma espacialidade orientada para a memória do terreno, a quem do eterno. Dentro de uma topografia de ressurreição dos corpos, eles representam uma topologia da história transmitida, recordada e continuada, desde que a comunidade dos vivos não esqueça os seus mortos.

Lendários tesouros dos jesuítas ou, não menos apregoadas, riquezas guarani escondidas movem a caça ao tesouro, nestas paragens, desde o massacre setecentista. Procura-se ouro. Procuram-se pedras preciosas. Não parece aceitável que este solo não guarde um patrimônio escondido. Por ter pertencido à Companhia de Jesus, reconhecidamente rica. Será possível que tenham levado tudo, por ocasião de fuga? Cometeram-se vandalismos, por certo, mas, mesmo assim, alguns destes locais continuam cemitérios, até hoje.

Uma cidade sacralizada? Um dispositivo de controle?

Segundo *Le mythe et la métaphysique* de Gustave Gusdorf, num tempo primitivo a restrição do espaço sagrado, dentro de um templo, terá nascido devido à necessidade de reduzir as tensões criadas dada a sua coexistência premente com o

¹⁴ Os textos acolhem imensas restrições espontâneas de teor empírico, ou integradas em conhecimentos adquiridos, de tipo científico inclusive. Umam mostram conhecimentos que vieram a ser abandonados, posteriormente. Outras apontam uma grande argúcia, ainda com atualidade. Exemplos:

Observações astronômicas: VM, 7; TA.

Observações climáticas: VM, 23; TA, 159, 170 – 171.

Descrição de animais: VM, 17, 18-19, 25-26, 32-33, 76, 83, 89; TA, 139.

Especificidade de flora e da alimentação: VM, 18, 24, 38, 41, 42, 56, 64-68, 91; TA, 106, 109-111, 126, 131, 154, 157.

Aspectos geográficos, geológicos e mineralógicos: VM, 36-38, 42, 49, 50, 81-82; TA, 143, 163-168.

Fertilidade da terra: VM, 7, 83; TA, 141, 156.

todo. Nessa altura, criados vazios, a maioria dos lugares passou a pertencer ao espaço profano.

Algo de sentido inverso parece presidir à planificação das missões entre guarani, pois, parte-se deste princípio: a sacralização do espaço é possível e desejável, se se fizer acompanhar de algumas estratégias concretas.

Enquadrado por um ambiente natural a perder de vista, só interrompido pela altura das florestas, e concretizado por uma vontade atenta aos pormenores, o modelo hierarquizado e funcional, aplicado no império espanhol e na modernização romana, reuniu, aqui, condições individualizantes: condições de emergência, para se desprender das tipologias quadriculadas mais comuns (ER, 277); condições de existência, para favorecer a exaltação do movimento processional dirigido para uma meta e seguindo uma hierarquia entre lugares.

Por isso, o tratamento da fachada e naves da igreja simboliza uma excelência arquitetura, que se sobressai do resto. Como acontece em zonas ibero-americanas mais ligadas a outras congregações, o espetáculo religioso dispõe, igualmente, da pintura e escultura com muito sucesso, e segundo vários quadrantes, nomeadamente no interior: pinturas, nos tetos, quadros laterais, capitéis esculpidos, estátuas grandes. E onde a teatralidade barroca, sempre presente, imprime uma marca emotiva forte, nas vertentes cristológica, material e hagiográfica.

As tipologias fazem sobressair uma iconografia votiva, exaltadora da devoção, emblemática da moral e apelativa para a fé. Insista-se: as artes e o urbanismo servem à liturgia e, através dela, à catequética permanente, para a qual se subordinam, ainda, os trajetos, por ser imperioso um sistema vial unindo tudo, ao facultar a circulação e o encontro.

Neste sentido, o próprio ato de peregrinar concentra-se e desenvolve-se por dentro. Apesar de não ser murada, o esquema geral da urbanização delimita, por si mesmo, áreas dignas de justificar o esforço deambulatório em torno de certos pontos consagrados.

Pontos, intervalos e redes circulatorias unificantes constituem elementos configuradores desta realidade. Como possuem características próprias de constantes, adquirem ainda a função de termos, no interior das relações inerentes à estrutura.

Independentemente de interesses económicos, bastidores diplomáticos, querelas de direito canónico ou natural, sabinas académicas – correndo as europas, américas e orientes – esta estrutura espacial deseja-se e mostra-se como concretude sacralizante, de onde retira, aliás, uma imensa energia sugestiva e sedutora, nomeadamente entre povos com as características anto-sociológicas dos guarani.

Por isso mesmo, é que o modelo foi particularmente bem sucedido aqui. Na verdade, a extensão global das missões, aproximadamente a superfície atual da França, equivale a um caso sem paralelo em termos comunitários. Acontece que o êxito é conseguido por um processo continuado de sacralização: do horário quotidiano à cadência dos dias, da disciplina dos corpos à ascese das almas.

De tal modo que, enfraquecidos pelo jogo mortífero do Tratado de Madri (1750) e pela saída compulsiva dos jesuítas, o modo de vida que ficará, sem o carismático Sepé Tiaraju, sem a disciplina dos padres e sem a convivialidade da praça, acabará para sempre com a vitalidade étnica de um povo tão especial.

Sendo que cada missão está moldada por um “valor teológico, já que toda a vida cidadina se considera em função do significado religioso” (ER, 292), então, esta sociedade mista – com brancos, índios e crioulos – tende para consignar a realidade de uma utopia, idealizada com espaços e tempos sacralizados.

Para avaliar se este sistema pretende e consegue funcionar como um sistema de controle, o que implica a sua apreensão enquanto todo, começa-se por destacar esta síntese sobre “os rasgos significativos das missões” (ER, 297):

- “delimitação do crescimento físico, mas não delimitação amuralhada;

- substituição do quarteirão, com pátios e currais, pelo pavilhão de vivência com galerias;
- hierarquização notória do acesso (Matienzo);
- facilidade de circulação para missionários, até e desde a praça igreja (Sisto V);
- constituição de um núcleo construído fixo;
- tratamento do contorno imediato com alpendres e currais;
- controle da dimensão do povoado;
- uso cenográfico e ritual da praça (conceito barroco)” (ER, 297).

A seguir, junte-se num conjunto as estruturas espacializantes, práticas estéticas, diplomas legislativos, teorizações científicas, enunciados filosóficos, que lhe permitem a existência, o reconhecimento e a institucionalização.

Montado a partir do quadrilátero, o centro dinâmico liga-se a uma tradição institucional que privilegia os vazios interiores, como se pode verificar no Noviciado da Cotovia em Lisboa, Colégio de Jesus em Coimbra ou Colégio do Espírito Santo em Évora.

Estes quadriláteros revelam de uma arquitetura cultural e científica, favorecendo o olhar disciplinado e controlador, onde a concepção de homem (antropologia) se projeta nos edifícios (arquitetura) e nas cidades (urbanismo).

Na verdade, a existência de vazios interiores faculta a possibilidade permanente de um horizonte panóptico de conhecimento contínuo sobre sinais estranhos em lugares nevrálgicos, atitudes e comportamentos visionados de longe, movimentos suspeitos de pares ou grupos. Como o conhecimento em causa é feito à distância – vendo sem ser visto –, o domínio das situações pode contar com “pré-visões” e “ante-visões” manobradas à nascença. Torres, torreões e janelas no primeiro andar, servidas por ruas perpendiculares e corredores, complementam a eficácia do sistema, seja noviciado ou missão. No que respeita a projeção de um modelo de homem nestas estruturas, as missões apresentam algo muito curioso

e diferente do Noviciado da Cotovia em Lisboa, por exemplo¹⁵. No primeiro caso, o complexo das habitações índias corresponde às atividades do corpo, o lado da igreja equivale às atividades da alma e a praça representa as atividades do espírito. O fato de ser esta a ordem não indica qualquer supremacia do corpo sobre a alma, pois, como se viu, o critério da orientação importa mais que o critério da posição. Em todos os casos, o espírito atua no vazio, desde que a alma e o corpo lhe preparem a descida.

A conclusão aponta o reconhecimento que cada um destes espaços jesuíticos corresponde a um dispositivo, segundo a formulação de Michel Foucault. E enquanto tal, merece um questionamento reflexivo e crítico sobre os fundamentos que estão presentes, quando se produz ou reproduz, como materialização de um certo tipo de relações entre saber e poder. Em termos de saber, é óbvio que a Companhia de Jesus possui, já na altura, um patrimônio cognitivo muito significativo, nomeadamente em experiências diversificadas de aculturação, mediando entre o mesmo e o outro, e em modelos teóricos de evangelização junto de universos mentais extraeuropeus. Em termos de poder, este acúmulo equivale a uma força interventiva forte, manejada segundo um paradigma militar, com estratégias e logísticas. Se a ordem argumentativa retira dos raciocínios escolásticos a sua principal capacidade, a ordem social encontra na política internacional o seu baluarte ofensivo: por todo o lado, bandeirantes e espanhóis, mas adiante, portugueses. Apesar de tudo e muito provavelmente por isso, os guarani encontraram neste sistema de controle mais um sentimento de defesa do que uma sensação de ataque.

Bibliografia – Textos fundadores

Seleção de textos de *Viagem*, primeiro texto escrito sobre reduções, é um conjunto de cartas

¹⁵ JANEIRA, Ana Luísa. *Sistemas epistêmicos e ciências. Do Noviciado da Cotovia à Faculdade de Ciências de Lisboa*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987.

endereçadas pelo Pe. Antônio Sepp, jesuíta tiro-lês, ao irmão em 1691, e editadas em 1698 e *Os trabalhos*, descrição elaborada entre 1693 e 1701, incluem a fundação da Redução de São João Batista, e foram editados em 1710.

Identidade índia

“As meninas e os rapazes andam como Deus os criou, em *puris naturalis*. Na cabeça não têm outra coisa senão seus cabelos pretos compridos, soltos e desgrenhados, que parecem como cauda de um corcel robusto” (VM, 51).

“Se é que há um povo debaixo do Sol para o qual sente a palavra Cristo: *Nolite solícite esse in crastinum*, não vos preocupais com o dia de amanhã, então é este!” (VM, 84).

“Não têm a mínima preocupação com o dia de amanhã” (VM, 85).

“São estes paraguaios cristãos muito bons e piedosos, a ninguém submissos a não ser aos nossos padres, amando-os assim como o filho ama o pai. Somos nós que os vestimos, instruímos e educamos, são muito aplicados e imitam tudo que veem” (VM, 9).

“E sem falar que aqui temos de cuidar do corporal, cada família recebe diariamente tanto de carne, pão e farinha, porque, se se lhes deixasse toda a provisão, terminariam devorando tudo no mesmo dia” (VM, 9).

“E não dariam conta nem deste pedacinho de roça, deste punhado de terra, se o padre não apertasse o agricultor preguiçoso com sovas e inspeções incessantes. E não amanhariam este punhado de terra nem em dois meses e mal fariam um carreiro por dia, mas dependurariam sua rede entre duas árvores e fariam folga perpétua” (VM, 86).

“Essa gente, como agora também meus índios, nada apreciam tanto como se se lhes conta a respeito do Império Romano. Isto os prende e excita tanto como se a gente contasse histórias indígenas aos europeus” (VM, 30).

“Estes índios paraguaios são, por natureza, como que talhados para a música, de maneira que

aprendem a tocar com surpreendente facilidade e destreza toda sorte de instrumentos, e isto em tempo brevíssimo. No que concerne ao mestre quase dispensam de todo. Basta que se lhes dê um trecho para ensaiar, que aos poucos o tocarão sem omitir as passagens e saltos mais difíceis. Na colônia de São João Batista, recentemente fundada, há um rapaz de seus doze anos, que com dedo firme sonatas, alernandos, sarabandas, correntas e baletos e outras muitas peças compostas pelos mais insignes maestros europeus, tais como Henrique Schmelzer, Henrique Francisco Inácio de Birne e Teubner. Estes nomes são conhecidos aos instrumentalistas e tocadores de cítara. Prelúdios que fazem suar o organista mais hábil, devido à concentração que exigem, o meu rapazinho os toca na cítara davídica ou harpa, com sorriso nos lábios. Observa-o a dedilhar suavemente as cordas sonoras! Não é possível verificar a rapidez dos dedos, nem tão-pouco, distinguir se a mão direita agora se precipita na frente, ou se voa em perseguição da esquerda. Estas cítaras ou harpas são uma novidade inventada por mim nestas terras. Compreende duas fileiras de cordas, em que se pode exprimir não só os tonos inteiros, como também os semitons da escala cromática. Desta maneira há teclas brancas e pretas, como num órgão, adaptáveis a qualquer canto, ou seja para tocar à vontade em dó maior, ou em dó menor” (TA, 185-186).

“Cumpre notar bem o que ajunto ao meu relato sobre os paupérrimos índios paraguaios. Quando os nossos primeiros missionários viram a inteira falta de compreensão destes bugres para as verdades sobrenaturais, começaram a duvidar seriamente se possuíam o uso da razão em suficiência para receberem os santos sacramentos. Estes escrúpulos, fundados em sólidas razões, expuseram-nos no Concílio de Lima. O Concílio, após ter discutido todas as razões pró e contra, estabeleceu definitivamente que os índios eram idôneos e que lhes devia administrar os sacramentos como seres que gozam de pleno uso da razão” (TA, 186).

Ação jesuítica

“É uma necessidade para o varão apostólico fazer tudo para todos, máxima entre estes índios paupérrimos” (TA, 117).

“Passemos agora para economia e administração dos bens terrenos (...). Direi tudo numa só palavra, aliás como São Paulo: o padre precisa ser tudo a todos. Precisa ser: cozinheiro, dispenseiro, comprador e gastador, moleiro, pedreiro, escrivão, carpinteiro, louceiro, tecelão, oleiro e tudo quanto pode haver ainda de funções numa república bem organizada, numa comunidade, cidade ou num *collegium societas*, ou num convento de santa Ordem. Agora, porém, alguém logo me lançará ao rosto: Isto é impossível, para tanta coisa um Padre não basta! Perdoe-me: Ao braço divino é possível operar muito mais ainda pelo braço humano! Assim como Deus, por intermédio dos seus servos, operou por muitos anos entre estes pobres indígenas abandonados e continua operando até hoje. Querendo esclarecer mais de perto só uma coisa ou outra, e começo logo com a principal: O Padre precisa diariamente distribuir sal entre os índios, e com a recomendação expressa: Isto é para sopa, e isto é para carne! Porque o meu bom índio deitará tudo na sopa, sem se preocupar que o padre coma depois a sopa ou não. Se, porém, der de experimentar a sopa ao cozinheiro, para que aprenda para a próxima vez e meça o sal mais direito, o cozinheiro começará a sopa como se nada houvesse. Se o padre lhe pergunta depois: ‘Não notas meu filho?’ – o apelativo sempre é ‘filho’, assim como ele nos chama de ‘pai’ – não notas, meu filho, que não posso comer esta sopa por estar muito salgada?’, a que ele responderá: ‘Nada noto, meu pai, se tu não comes a sopa, então vou comê-la!’” (VM, 64).

Diferenças e estranhezas

“Aqui não há, como lá em casa, matos e capões de árvores silvestres ou infrutíferas, como

carvalho, pinheiro, bétula, faia abeto ou outra lenha comum. Em contrapartida, porém, encontrarás matas inteiras de pessegueiros, amendoeiras e outras árvores, semelhantes” (VM, 6-7).

“A diferença está toda em nós mesmos, que precisamos modificar nosso conceito. Quando é meio-dia na Europa, é meia-noite aqui entre nós. O vento sul, lá morno, é aqui fresco e frio. (...) Tudo às avessas. (...) Numa palavra, tudo aqui é diferente e está a calhar a expressão, chamando a América de ‘mundo às avessas’” (VM, 23).

Características das reduções

“Agora vamos considerar um pouco a situação destas nossas reduções, assim chamadas porque estes índios são por nós *reduciret* (conduzidos) à fé cristã. Em alemão chamaríamos esses povos de comunidades ou aldeias. Ao todo há 26 dessas reduções. Cada uma é administrada por dois padres, o que, no entanto, em virtude da grande carência de sacerdotes, nem sempre se pode fazer. Por vezes, esses dois recebem ainda a ajuda de um irmão. Conta uma redução dessas, três, quatro, cinco seis mil e mais almas” (VM, 62).

Dada a dimensão, às vezes chega a ser necessário dividi-las: “No ano de 1697 sou enviado à maior de todas as reduções, a de S. Miguel (...). Reunidos os índios principais, expus-lhes o pensamento do R. P. Provincial: que se devia dividir a povoação por causa do grande número de habitantes, os quais já nem a igreja comportava (...). No dia 13 de setembro de 1697 parti com dois padres da vizinha Redução de São Lourenço para explorar as terras (...)” (TA, 136-139).

Artes e ofícios

“Vi o manuscrito de um índio e pensei tratar-se de impressão de Colônia ou Antuérpia. Fazem relógios de bater, clarinetes e trombetas tão bem como se faz na Alemanha. Não há que eles mais apreciam do que a música” (VM, 9).

“Sessenta músicos, com toda espécie de cornos, pífanos e charamelas americanos, vieram ao nosso encontro para receber-nos, e cantaram nada mal o *Te Deum Laudamus*” (VM, 9).

“Não são capazes de inventar e excogitar algo que seja do seu próprio juízo e intuição, mesmo que fosse o mais simples trabalho manual, mas

precisa sempre estar o padre junto deles e orientá-los e fornecer-lhes moldes e modelos. É indescritível sua habilidade imitativa” (VM, 82).

“O Bom Deus ajuda-me evidentemente, caso contrário não me seria possível aprender num ano uma língua tão desesperadamente difícil como o guarani” (VM, 74).

Memória e esquecimento Cultura e Natureza entre os guarani

Ana Paula Macedo

Como atuam as exposições hoje e de como foi pensada esta Exposição Atuar

As exposições, hoje, atuam como narrativas culturais sustentadas (FERGUSON, 1996) e são consideradas no âmbito de Nova Museologia como encontros visíveis do público com os signos projetados, quer por artistas quer por agentes dos Museus e de outras instituições culturais, com aproximações interdisciplinares, a novas formas, a novas metodologias.

Este tipo de exposições tende a criar tensões entre o inconsciente e o consciente, entre o conhecido e o desconhecido, entre o som e o silêncio (PEARCE, 1992) e põe o público na posição de receptor de significados. Isto é, o público reconhece que a realização do discurso é aberto e sujeito à construção de valores por cada um, compreendendo ainda que diferentes formas de exposição produzem também diferentes públicos.

Se nos perguntássemos que tipo de vocação tem esta exposição – Memória e Esquecimento – poderíamos falar de interpretação e ainda sobre o liminar das diferenças, tomando diferenças, enquanto relação equilibrada com o outro, do ponto de vista do seu desenvolvimento antropológico, e com a natureza – floresta e fontes de água. Ao longo da exposição foram construídos códigos que possam provocar a reflexão do visitante sobre um espaço-tempo-passado-presente, fren-

te a um objeto ou a uma fotografia, um som ou uma imagem projetada.

Foram consideradas mensagens de vários tipos: de ambiente, visuais e musicais. Perante estes estímulos, o visitante pode tornar-se na passagem de uma sala à outra num investigador da mensagem sobre os vários suportes onde se encontra inscrita essa mensagem.

A justaposição da natureza – pela presença do milho e das imagens retratadas hoje – e da cultura – dada pela maquete da redução de S. Miguel e pela cruz missioneira, reflete as diferenças que envolviam formas de existência e de vivência associadas ao desenvolvimento da presença dos jesuítas na América Latina meridional. Esta categoria de exposições é considerada como importante veículo na produção e divulgação do saber, trazendo a público temas que passam ao conhecimento através de narrativas de fenômenos específicos, parte sócio-históricos, parte estruturados por instrumentos que sobrepõem as esferas do museu e da própria exposição.

Na sala Natura, uma construção artificial está instalada num mesmo espaço de comparação com a natureza dos lugares, registrados em fotografia. Esta representação originária do lugar, conhecido hoje como ruínas jesuíticas da redução Santana, na Argentina, foi antes uma redução com cerca de 1.000 habitantes, onde existia a igreja, o colégio, as oficinas, o *cotiguazú*, o cemité-

rio e as hortas, e que nos é dado ver aqui, em ruínas e campo.

A tentativa de eloquência direta frisa a forma viva do lugar e ao mesmo tempo as suas implicações multilaterais onde natureza e cultura seguem intrinsecamente ligadas.

As duas salas – Natura e Cultura – apresentam-se como espaço de reflexão acerca de como aquelas paisagens virgens foram transformadas, de como foi feita a troca de identidade de um povo para uma comunidade diferentemente organizada como eram as missões, e do impacto da presença dos jesuítas nessas terras.

Foram reconstruídas, em maquete, casas que já não existem, comunidades que se perderam. Casas de papel lembram a arquitetura de uma estrutura formal erguida em quadrilátero sobre um solo vermelho, a praça iluminada pretendendo chamar a atenção para uma esfera de ambiente passado.

Esta exposição, construída numa base construtivista onde provoca o sentir e o pensar antes da aprendizagem dos fatos, foi concebida para ser itinerante e por isso contém em si toda uma história de concepção e produção técnicas relacionada com este fato. As suas características prendem-se ainda com a prática de uma preocupação cultural que leva uma exposição produzida num museu a ser colocada noutra tipo de espaços e salas, a ser vista por pessoas que vivem longe desse museu, alargando, assim, a escala de efeitos, através da procura de parcerias que integrassem os núcleos expositivos numa dinâmica cultural local, e da conquista de apoios que assumissem os custos dessa itinerância.

Assim, esta exposição viajará, em conjunto com outros núcleos expositivos diferenciados,

para Vila Real, Tomar, Montemor-o-Novo, Évora, Beja, Sagres, Angra do Heroísmo e Funchal, sendo acompanhada por conferências, workshops para professores e outras manifestações culturais locais, assumidas na frase do seu cartaz: “Esta exposição vai fazer história”.

Queria, para terminar, salientar a grande colaboração de Braga, do Museu dos Biscaínhos na pessoa da sua diretora, receptora primeira da ideia, e o apoio do Parque Nacional da Peneda Gerês nas equipas de montagem, e também o papel da equipa de coordenação local constituída por Dr. José Gama e pela Dra. Manuela Gama, e a equipa regional com as doutoras. Judite Cruz e Carla Antunes.

Queria ainda considerar também o estimulante desafio que é trabalhar em conjunto com a professora Ana Luísa Janeira, sobre um projeto concreto, pela possibilidade de partilha de objetivos de estudo e pelo sentimento grato de troca de pontos de vista, entre eles alguns gestos criativos e a realidade, entre Pedagogia e Arte, que são as questões que me fascinam.

Referências

GRENNBERG, Recsa; FERGUSON, W. Bruce; NAIRNE, Sandy. Thinking about exhibitions. London: Rontledge, 1996.

MILES, Roges; ZAVALA Lauro. Towards the museum of the future. New European Perspectives. London: Rontledge, 1994.

PEARCE, Susan. Museums, Objects and Collections: a Cultural Study. Leicester: Leicester University Press, 1992.

Núcleos expositivos sobre os guarani no projeto *Cultura Natura. Do passado para o século XXI*¹⁶

I – Fase inicial de aproximação entre a concepção (Ana Luísa Janeira, Isaltina Carrasquinho, Maximina Almeida, Miguel Gastão) e o primeiro projeto (Telmo Cruz)

- 1 sala quadrada – 6m x 6m
- 1 sala de jogos
- 2 salas pequenas para audiovisuais – 7,5m x 9,5m

Materiais necessários

- Construção das paredes das salas interiores
- Construção de um paralelepípedo 1,80 m comp. x 1,20 m larg. x 1,00 alt., tampo de vidro.
- 4 bancos compridos
- 8 cadeiras
- Desenho de uma planta-tipo com base num slide
- Mapa pormenorizado do Sul do Brasil, Norte da Argentina e Paraguai
- Construção do mostrador – tipo horário dos trens
- 200 fotografias = 0,30m x 0,34m

- Impressão de seis plantas com base em slides
- 3 projetores de slides
- 1 monitor para vídeo
- 1 leitor de CD

Sala quadrada

Esta sala equivale à praça

Na parede do lado esquerdo da porta – quadro sinóptico executado por Miguel Gastão.

A estratégia global dos jesuítas junto aos guarani procurou formas de apostolado, mantendo ligações entre a envolveria das florestas, natureza, e espaço construído das missões, cultura, através de conjuntos arquitetónicos planeados e controlados, onde nada de essencial foi deixado de acaso.

Estas missões – 30 ao total – estavam espalhadas por vários quadrantes geográficos, numa área equivalente à superfície atual da França, e foram mantidas por mais de 150 anos (1610-1767).

Na parede do lado direito da porta – mapa do Norte da Argentina, Sul do Brasil e Paraguai.

Em frente à porta – frase lapidar do Pe. António Viera.

¹⁶ Tratou-se de um projeto de investigação de natureza interdisciplinar em torno de momentos especiais da nossa relação com a natureza e com a cultura, com vista a preparar o século XXI, que foi dinamizado pelo Centro Interdisciplinar de Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade de Lisboa – CICTSUL, com a colaboração do Museu Nacional de História Natural e do Museu de Ciência da mesma universidade. Aprovado pela Comissão Bilateral Executiva para Comemorações do V Centenário da Viagem de Pedro Álvares Cabral e contando com a participação do Centro de Estudos do Século XVIII em Ouro Preto, o conjunto das atividades teria uma parte itinerante, constituída por painéis com sínteses da exposição de Lisboa e seguintes, a qual serviria de introdução a vários eventos locais, entre 22-4-1999 e 22-12-2000: Portugal – Lisboa – 22-4 a 14-11-1999, Braga e Vila Nova de Famalicão – 22-10 a 22-12-1999, Tomar – 22-1 a 22-2-2000, Montemor-o-Novo, Évora e Beja – 22-4 a 22-6-2000, Sagres – 22-7 a 22-10-2000, Angra do Heroísmo e Funchal – 1-11 a 31-12-2000. Brasil – Ouro Preto, Escola de Minas – 22-4 a 24-8-2000, Barbacena, 7 a 15-9-2000, Juiz de Fora, Museu Marítimo Procópio, 22 a 30-9-2000, Rio de Janeiro, Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 22-10 a 22-12-2000.

Lugar equivalente à igreja – Paralelepípedo colorado – 1,80m comp. x 1,20m larg. x 1,00m alt., iluminado, sob o vidro:

6 plantas translúcidas papel reciclado – total = 1,80m comp, x 1,20m larg.:

- Nuestra Señora de Candelária – desenho – escolher 1 de 3 slides pela melhor qualidade
- San Ignacio Miní – escolher 1 de 2 slides pela melhor qualidade
- São João Batista – 2 desenhos do livro
- Planta-tipo – 1 slide
- San Carlos – 1 slide

No canto direito (entre a parede do fundo e a parede que lhe fica à frente direita), este texto

O quadrilátero jesuítico – uma arquitetura cultural e científica

Desenho de uma planta-tipo

As missões foram quase sempre projetadas segundo este modelo:

- à frente, as casas dos índios, ocupando três lados
- a praça e a igreja, centrada, frontal e ocupando o quarto lado
- a seguir, as dependências missionárias: o colégio, as oficinas, o *cotiguaçu*, a casa das viúvas e órfãos, o cemitério, etc.

Este dispositivo, montado a partir do quadrilátero, liga-se a uma tradição que sempre privilegiou o vazio interior, como se pode verificar no Noviciado da Cotovia de Lisboa, Colégio de Jesus em Coimbra ou Colégio do Espírito Santo em Évora. Os quadriláteros revelam uma arquitetura cultural e científica, sob a égide do olhar centrado e disciplinador, onde a concepção de homem (antropologia) se projeta na concepção dos edifícios (arquitetura) e nas cidades (urbanismo).

*** lugar correspondente às casas dos índios*

Bancos para as pessoas se sentarem e verem projeção dos slides do Miguel Gastão na parede direita e esquerda da sala quadrada

Sala do jogo

*** lugar correspondente ao colégio*

Varões com placas (tipo horários dos trens)

8 conjuntos de 25 placas (fotos – 0,30 cm altura x 0,45 comprimento)

Identificação por cores (num dos cantos de cada fotografia, um asterisco de cor):

- Berinjela – Argentina – 3 placas identificadoras com o nome das reduções de San Ignacio Miní, Nuestra Señora de Loreto, Santa Ana + 3 conjuntos de 24 fotografias.
- Ocre – Brasil – 2 placas com nomes das reduções de São Miguel, São João Batista = 2 conjuntos de 24 fotografias.
- Verde claro – Paraguai – 1 placa identificadora com o nome da redução da Santíssima Trinidad + 1 conjunto de 24 fotografias.
- Sépia – Ambiente – 1 placa identificadora do tema + 1 conjunto de 24 fotografias
- Azul vinho – Esculturas – 1 placa identificadora do tema + 1 conjunto de 24 fotografias.

Embalados pela harmonia mística de cachoeiras, rios mensageiros e florestas acolhedoras ou esquivas (mas sempre misteriosas), os guarani foram peças de um puzzle mortífero que portugueses e espanhóis jogaram entre si.

Convidamo-lo a uma aventura especial.

Cada conjunto da mesma cor dar-lhe-á uma face deste mundo misterioso.

– com terra vermelha e muita vegetação – marcadamente em ruínas

Não se esqueça que as cores indicam:

- Berinjela – Argentina
- Ocre (variação de marrom) – Brasil
- Verde claro – Paraguai
- Sépia – Ambiente
- Azul claro – Escultura

2 Salas pequenas

1º. Sala – 50 slides emprestados pelo Pe. Antônio Lopes

2º. Sala – vídeo de São Miguel, música indígena, filme *A Missão*

Ana Luísa Janeira

II – Salas efetivamente montadas

Museu Nacional de História Natural, Lisboa

Ficha Técnica

Investigação e imagens

Museu dos Biscaínhos, Braga

Ficha Técnica

Investigação e *maquette*

Ana Luísa Janeira

Concepção e projeto

Ana Paula Macedo

Apontamentos andarilhos: Memórias da Companhia de Jesus no Centro Acadêmico de Évora¹⁷

O senso-comum associa a memória predominantemente ao tempo, mas também aqui será importante que a Filosofia procure questionar ou complementar o óbvio, refletindo sobre essa associação de ideias e abrindo uma articulação ao espaço. Na verdade, importa relevar como o conceito é configurado pela “ordem das sucessões”, mas também pela “ordem das coexistências”, como Gottfried Wilhelm Leibniz sabiamente o expressava.

Forma de pensar que proporá, conseqüentemente, uma topologia associada à cronologia. Situação que é por demais essencial, quando a cidade é pensada, no traçado como no edificado, nos arruamentos como nos complexos arquitetônicos. De fato, vazios e cheios concorrem para a representação deste tipo de espacialidade, como ainda para as vivências e as apropriações que deles são feitas. Num processo com mudanças e descontinuidades, com patrimônio e paisagem em insistente alteração.

Paralelamente, as representações e as imagens, as ocupações e as reminiscências constroem um não-sei-quê de visível e de inatingível que tão bem se sente, quando se diz o “espírito do lugar”.

Seja o que perpassa para quem o vive, num misto de presença e de ausência, de atualidade e de passado. Tão permanente quanto alimentado por uma energia que supera o efêmero. Mas para que isso aconteça no convívio cotidiano com edifícios, avenidas, praças e jardins, importa que a cultura histórica e o conhecimento epistemológico-

co enriqueçam o sentir imediato, fornecendo-lhe conteúdos interpretativos.

Assim sendo, o espírito do lugar, no caso do núcleo central da Universidade de Évora, trans(ins)pira uma hermenêutica que passa, naturalmente, pela Companhia de Jesus.

Dada a soberania conquistada e mantida, entre atuações do poder e saber, com manobras nas cortes e academias, muitas cidades mostram topônimos correlativos, desde a Couraça dos Apóstolos em Coimbra ao Pátio do Colégio em São Paulo, passando pela Manzana Jesuítica em Córdoba.

Daí a frequência de uma iconografia e de uma toponímia espalhadas pelo mundo, ambas existentes em Évora: Largo do Colégio, entre o Largo dos Colegiais e a Travessa do Cordovil, em frente da Igreja do Espírito; Largo dos Colegiais, entre a Rua José Estêvão Cordovil e o Largo do Colégio, o qual ladeia o atual seminário, a universidade e a igreja; sigla IHS numa casa na rua Cardeal-Rei.

Com casas onde frequentemente coabitavam muitas bocas a alimentar e devido à necessidade de fortalecer a saúde em climas hostis, é óbvio que precisavam manter economias auto-suficientes, servidas por espaços agrícolas adequados. Isto aconteceu nos engenhos de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, nas estâncias à volta da província de Córdoba – Caroya, Jesús Maria, Santa Catalina, Alta Gracia, Candelaria e San Inacio –, onde principiou o cultivo da vinha argentina, ou ainda no Rio Grande do Sul, com a erva-mate e as ovelhas missioneiras.

¹⁷ Publicado na revista *Revivé*, Évora, no número comemorativo dos 400 anos da Universidade de Évora.

Daí a administração de quintas e herdades, muitas vezes com alguma dimensão, ambas a terem existido nos arredores de Évora: Quinta de Valbom, hoje Adega da Cartuxa, ou Quinta do Louredo, na Estrada da Igrejinha.

Esta milícia religiosa incorpora uma relação especial com a memória, nomeadamente com a sua memória. Como consequência, retomou a tradição cristã de edificar, onde aplicava a essência da arquitetura ao serviço da perenidade. Lembre-se a volumetria e a robustez das igrejas, da América do Sul à Ásia; como lhe acrescentava a preocupação constante de acumular um discurso descritivo que permitisse transcrever e fazer perdurar o passado, recordem-se a obrigatoriedade das *Cartas Anua* e a riqueza historiográfica sequente.

Os aspectos anteriores articulavam-se com o paradigma que a orientou desde sempre: a missão. De fato, o alvo maior centraliza-se na ideia de exercitar a alma em favor da atuação do espírito, incluindo naturalmente o aperfeiçoamento dos caminhos da fé, mas também os dons e as perícias da razão, a propagar sem tréguas e por toda a parte.

Daí a importância de duas instituições maiores: os noviciados e os colégios, ambos existentes em Évora: o Colégio do Espírito Santo (1551-1759), com a igreja primitiva na atual Sala de Atos e três pátios, dois mais antigos, de cada lado da primitiva igreja e um terceiro, o grande, posterior, chamado Pátio das Escolas; o Conventinho, entre a Igreja do Espírito Santo e o Colégio de Nossa Senhora da Purificação, com entrada pelo Largo dos Colegiais e dois pisos, sendo o inferior para os irmãos do recolhimento.

Paralelamente, a premência de registro ou de arquivo, de estudo ou de catequética, implicaram cuidados precisos com a palavra escrita e impressa, pelos que geraram processos de divulgação e de evangelização sofisticados, chegando ao ponto de latinizar caracteres estranhos para os vietnamitas, ou de implementar pautas de música sofisticadas para os mojos.

Daí a importância de espaços e mecanismos para imprimir, ambos existentes em Évora: a Imprensa Acadêmica localizada no Colégio de

Nossa Senhora da Purificação (século XVII), com uma planta quadrangular e o Pátio dos Estudos, onde hoje está instalado o Seminário.

Vocacionados excepcionalmente para a evangelização, os primeiros companheiros de Inácio usaram a inteligência e a vontade para veicular um discurso que encontrava no ouvir, no ler um imenso canal de aprendizagem religiosa e profana. Na verdade, a competência educativa, onde primaram, começou ligada a este paradigma e só mais tarde adotou o olhar, o ver em relação direta com as vivências emanadas entre os “segredos da natureza”.

Daí a importância do sermão, da leitura e do comentário em voz alta, ambos desenvolvidos em Évora: púlpitos na Igreja do Espírito Santo (1566-1574), e nas salas 104, 105, 106, 107, 110 e no refeitório do Colégio do Espírito Santo.

Quer isto dizer que lhe coube reunir os caminhos mais adequados de cada época e circunstância, em favor de quem a constituiu, como de quem pôde usufruir desse aperfeiçoamento pessoal, alargada à dimensão global do planeta, em termos e nos termos de uma completa formação que assumia, como sua, a dimensão da Terra. Como consequência, ficou munida de uma capacidade invulgar para reunir membros apostados numa visão expansionista, a desdobrarem os territórios que os viram chegar, procurar a melhor adaptação e evangelizar.

Daí a sensibilidade e o conhecimento das ciências da terra e do espaço, ambos representados em Évora: os azulejos nas salas de aula do Pátio das Escolas incorporam temas de Geometria e Astronomia, Física e Geografia, os quais incluem continentes e elementos, também disseminados pelo “Centro do Mundo”.

O alvo distante apontado à escala do Novo Continente indicou a capacidade de um sistema habilmente dotado para adequar, entre si, quer um governo centralizado em Roma, quer as particularidades inerentes às diferentes sociedades e aos diferentes povos encontrados. De fato, foi notória a preocupação de conhecer as línguas autóctones, como a atenção posta no levantamento das características etnográficas e antropológicas.

Daí a acuidade e a penetração face ao exótico, ambas inscritas em Évora: paredes azulejadas figurando cenas e envolventes exóticos.

A necessidade de lidar com grupos humanos dimensionados, levou-os a apropriar-se, como ninguém, da vigilância possibilitada por formas arquitetônicas em torno de pátios, estrutura que melhor serviu o modelo disciplinar que passaram às construções. A ponto de quando a dimensão comunitária atingiu mais de duas mil pessoas, transpuseram-na para o traçado de aldeias, logo da arquitetura para o urbanismo. Isto ocorreu no interior do mundo sul-americano, pois os centros guaranis e chiquitos foram riscados à volta de uma praça, garante de controle e punição. Associado a este aspecto e decorrente também da globalidade de intenções e de pretensões, os jesuítas assumiram assistência em termos da prática farmacêutica e médica. É sabido como dinamizaram materiais preventivos e curativos juntos das populações e como transferiram adquiridos entre diferentes paragens. Pelo que contribuíram, a seu modo, para rotas farmacológicas, munidas de preparados naturais, com base na fauna ou na flora, entre as quais se destaca a celebrada *Triaga brasileira*, uma receita datada de 1766, e desenvolvida pelo Colégio dos Jesuítas da Bahia, com simples compostos de raízes, sementes, extratos e partes vegetais, tais como cipós e cascas.

Daí a razão de ser de unidades punitivas e hospitalares, ambas mantidas em Évora: Cadeia dos Estudantes (1584), em torno de um pátio, no rés do chão; Hospital Real da Piedade, incluindo o Hospital Acadêmico e a Botica, no primeiro andar.

A sequência destes apontamentos andarilhos evidencia como o paradigma inscrito no *Ad Majorem Dei Gloriam* articula um conjunto de princípios e de pressupostos, de onde saem dedutivamente outras tantas capacidades e limites, consignados nas *Constituições*, nos *Exercícios Espirituais* e na *Ratio Studiorum*. Por isso, também fixam articuladamente a configuração de onde emerge uma atuação missionária, desde sempre, e por todo o mundo. Assim sendo, a Cidade de Évora acolheu a materialização de um patrimônio, invisível e vi-

sível, que continua a mostrar marcas indelévels da cultura jesuítica, ao mesmo tempo em que a Universidade de Évora, só através dela, poderá manter e conservar a memória da sua identidade.

Referências

JANEIRA, Ana Luísa. *Do planeta à planetização. Explorando pistas abertas por Pierre Teilhard de Chardin*. “Revista Portuguesa de Filosofia, Braga, 28(1) Jan.-Mar., 17-34.

JANEIRA, Ana Luísa. *A dialética energética em Teilhard de Chardin*. “Revista Portuguesa de Filosofia”, Braga, 28(3) Jul.-Set. 1972, 284-298.

JANEIRA, Ana Luísa. *A Energética no pensamento de Pierre Teilhard de Chardin. Introdução e estudo evolutivo*. Prefácio de Henri GOUHIER, Braga, Livraria Cruz-Faculdade de Filosofia, 1978, 360. Este livro é a tradução de *Réflexion philosophique sur l'Energétique dans la pensée de Pierre Teilhard de Chardin*. Tese de Doutoramento orientada pelo Professor Henri Gouhier e apresentada à Université de Paris I (Panthéon-Sorbonne), vol. policopiado, Paris, 1971, 840.

JANEIRA, Ana Luísa. Bibliografia. (levantamento bibliográfico de títulos inseridos In Damiano PERES; Eleutério CERDEIRA (dirs.) – História de Portugal. 9 vols., Barcelos, Portucalense Editora, 1927-1954, com interesse para o processo histórico e mental dos saberes nos trópicos) e O “adubar, ou preparar as terras” na “Memória agrônômica relativa ao Conselho de Chaves por José Inácio da Costa”. In: Ana Luísa JANEIRA et al. – “Tropico-lógicas agrícolas: uma descrição do saber agrícola no Brasil”. Rio de Janeiro, Escola Interamericana de Administração Pública, Centro de Pós-Graduação, Ministério da Agricultura, Subsecretaria do Planejamento e Orçamento, 1979, 40-46, e adenda, 1-21.

JANEIRA, Ana Luísa. *O humanismo na Energética de Teilhard de Chardin*. “Brotéria”, Lisboa, 113 (5) Nov. 1981, 339-450.

JANEIRA, Ana Luísa. *O sujeito em Teilhard de Chardin. Questões levantadas pelo pensamento francês atual*. “Revista Portuguesa de Filosofia”, Braga, 37 (4) Out.-Dez. 1981, 387-400.

JANEIRA, Ana Luísa. *Humanismo. Logocentrismo. Etnocentrismo*. “Revista Portuguesa de Filosofia”, Braga, 38 (4) Out.-Dez. 1982, 221-240. Atas do 1º Congresso Luso-Brasileiro de Filosofia.

JANEIRA, Ana Luísa. *Obstáculos epistemológicos no pensamento de Teilhard de Chardin. A questão energética*. “Revista Portuguesa de Filosofia”, Braga, 40 (3) Jul.-Set. 1984.

JANEIRA, Ana Luísa. *Sistemas epistêmicos e ciências. Do Noviciado da Cotovia à Faculdade de Ciências de Lisboa*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987, 225.

JANEIRA, Ana Luísa. *A ciência e a virtude no Noviciado da Cotovia (1603-1759): organização do espaço, produção do discurso e*

sistema epistémico. “Revista Portuguesa de Filosofia”, Braga, 52 (1-4), 1996, 441-447.

JANEIRA, Ana Luísa (org.) – “Gabinete de Curiosidades”. Lisboa, Centro Interdisciplinar de Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade de Lisboa (CICTSUL), 1999. Inclui estes textos adaptados de Ana Luísa Janeira: *Ouvir e ler, olhar e ver, observar e experimentar*, 31-38; *Explorar, expor e crer*, 41-49; *Do Paço da Ajuda à Escola Politécnica de Lisboa*, 55-58; *O jardim botânico das reais quintas do Paço de Nossa Senhora da Ajuda*, 61-65; *O Hospício dos Apóstolos da Cotovia (1603-1759): Bairro do Andaluz, cidade de Lisboa*, 79-82; *O quadrilátero jesuítico: uma arquitetura cultural e científica entre os guaranis*, 91-95; *Viagem filosófica pelo espaço-tempo dos jardins botânicos*, 97-101; *Jardins entre dois mundos*, 103-106; *O exótico nas colecções dos jardins botânicos*, 109-118; *Naturacultura: jardins e utopias*, 121-127.

JANEIRA, Ana Luísa; MACEDO, Ana Paula. *Natureza, cultura e ciência nas missões guaranis*. “Revista Portuguesa de Humanidades”, Braga, 3, (1/2), 1999. 455-490. – <<http://www.triplov.com/jardins/missoes/guaranis/index.htm>>.

JANEIRA, Ana Luísa (prosa, fotos); JANEIRA, Isabel Maria (verso) – *Inovação-Tradição-Globalização: Japão*, 2002. – <<http://www.triplov.com/japan.html.htm>>.

JANEIRA, Ana Luísa. *A memória na comunidade científica atual*. “Territórios e Fronteiras”, Cuiabá, 2004. Desde 2002 publicado no <http://www.triplov.com/ana_luisa/memoria.htm>.

JANEIRA, Ana Luísa. *A memória entre a Europa e os Novos Mundos*. In: “Estudos de homenagem a Luís António de Oliveira Ramos”, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, 577-582.

JANEIRA, Ana Luísa. *Entre a planetização e a globalização*. In Cassiano REIMÃO (org.) – “Teilhard de Chardin. Evolução e Esperança. Antropologia e Filosofia”, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 2005, 46-54.

JANEIRA, Ana Luísa. *Notas de viagem sobre formas de globalização histórica em Misiones*, 2006. – <http://www.triplov.com/ana_luisa/notas-de-viagem/index.html>.

JANEIRA, Ana Luísa. *Cultura e Natureza entre os Guarani*. In Ana Luísa Janeira *et al.* – “Os Povos nos Novos Mundos”, Editora Apenas Livros, Lisboa, 2007.

JANEIRA, Ana Luísa. *Inovação-Tradição-Globalização – Jardins entre a natureza, a cultura e a utopia*, 2007, In Isabel MARCOS, “Construir cidade, conquistar espaço”, Lisboa, Centro de Estudo de Geografia e Planeamento Regional, 2007. <[http://www.e-geo.fcsh.unl.pt/pdf/working-papers/Ana Luisa Janeira pdf](http://www.e-geo.fcsh.unl.pt/pdf/working-papers/Ana%20Luisa%20Janeira%20pdf)>.

Bibliografia sobre a Companhia de Jesus em Évora

GUERRA, Maria Luísa. *A Universidade de Évora: mestres e discípulos notáveis (séc. XVI – séc. XVIII)*. Évora, Universidade de Évora, 2002.

MENDEIROS, José Filipe. *Roteiro histórico dos jesuítas em Évora*. Braga, Editora A.O., 1992.

_____. *Os Azulejos da Universidade de Évora – The Tiles of the University of Évora*. Évora, Universidade de Évora, 2002.

Da natureza à cultura: o povoado nos trinta povos¹⁸

Em termos epistemológicos – entendendo-se por epistemológico o horizonte teórico que focaliza e constrói um objeto para criar uma inteligibilidade a partir da reflexão filosófica sobre o conhecimento científico num contexto de muitas outras disciplinas –, não tem sido suficientemente estudado, e muito menos avaliado, em que medida o povoado missionário terá correspondido a um desígnio intencional visando articular o real e o simbólico. Esta fragilidade decorre do fato de se estar ainda numa fase onde escasseiam estudos interdisciplinares. E, no entanto, este é um ponto que merece uma atenção interpretativa particular e de que poderão resultar, aliás, produtos servidos pela ação conjunta de vários quadrantes cognitivos.

Assim sendo, é importante acrescentar que, neste trabalho, a perspectiva epistemológica interveio no início, ao tomar consciência que precisava da colaboração dos demais, foi-se constituindo depois enquanto lançava hipóteses teóricas trocadas à medida que cada um elaborava a sua participação. Por isso, este texto resulta da conjugação entre artigos anteriores¹⁹, no sentido de reunir contributos para reduzir um vazio interpretativo. Hermenêutica que permitirá insistir em ângulos de visão para pensar uma configuração arquitetônico-urbanística, a juzante de uma associação particular – com as suas conquistas, as

suas ambiguidades e as suas limitações – entre cultura e natureza.

A inserção natural da cultura missionária

Na verdade, a missão foi seguindo princípios e determinações modeladas pela mundividência jesuítica, quando utilizava, aproveitava, respeitava e explorava as condições materiais da geografia envolvente, com capacidade para determinar, por meio de ambas, uma certa paisagem. Ou quando afrontava e complementava antropologias e psicologias distanciadas por estados de corpo e estados de alma diferentes. Mas que isso não impeça de reconhecer como a presença guarani interveio igualmente no processo particular de cada missão.

É, olhando o mapa morfológico, notório ser o território favorecido em planaltos entrecruzados por redes hidrográficas disseminadas, com linhas horizontais e verticais, propícias a uma comunicabilidade não precisando de subterfúgios, porque lhe bastava ser montada com base numa circunstância pré-existente.

Olhando melhor esta via facilitadora de intercâmbios, impõe-se a necessidade de levar mais longe a leitura e de avançar quanto é manifesto o

¹⁸ Publicado anteriormente em JANEIRA, Ana Luísa *et al.* *Os Povos e os Novos Mundos*. Lisboa: Apenas Livros, 2003.

¹⁹ JANEIRA, Ana Luísa (org.) – *Gabinete de Curiosidades*. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade de Lisboa – CICTSUL, 1999. Inclui estes textos adaptados de Ana Luísa Janeira: *Ouvir e ler, olhar e ver, observar e experimentar*, 31-38; *Explorar, expor e crer*, 41-49; *Do Paço da Ajuda à Escola Politécnica de Lisboa*, 55-58; *O jardim botânico das reais quintas do Paço de Nossa Senhora da Ajuda*, 61-65; *O Hospício dos Apóstolos da Cotovia (1603-1759): Bairro do Andaluz, cidade de Lisboa*, 79-82; *O quadrilátero jesuítico: uma arquitetura cultural e científica entre os guaranis*, 91-95; *Viagem filosófica pelo espaço-tempo dos jardins botânicos*, 97-101; *Jardins entre dois mundos*, 103-106; *O exótico nas coleções dos jardins botânicos*, 109-118; *Naturacultura: jardins e utopias*, 121-127. JANEIRA, Ana Luísa; MACEDO, Ana Paula – *Natura, cultura e ciência nas missões guaranis*. Braga: Revista Portuguesa de Humanidades, 3, (1/2), 1999, p. 455-490. <<http://www.triplov.com/jardins/missoes/guaranis/index.htm>>; JANEIRA, Ana Luísa – *Todo o Brasil parece hü jardim*. Porto Alegre: Episteme, 15, 2003, 45-70.

propósito dos Trinta Povos conjugarem uma localização concreta que lhes permitisse estar relativamente juntos, poderem ser vistos pelo menos um a um e terem conjunturas gerais de proximidade, por via de rios, ribeiras e riachos. Elemento, sobremaneira, importante quer no relacionamento interno, quer ainda nas ligações mais longínquas a Córdoba, sua capital administrativa, quer finalmente a Buenos Aires, escoamento privilegiado para a Europa e por ela ao restante mundo, através do caudaloso Rio da Prata.

Como é sabido, a estrutura edificante foi-se multiplicando mais ou menos invariavelmente, ao longo de três séculos. Este aspecto permite induzir quanto a reprodutividade acarreta consigo a força geradora do modelo. Além disso, comporta sempre uma essência arquetípica a possibilitar o encontro entre linhas inovadoras e linhas permanentes, talvez perenes.

A tradição quadrilátera

No caso, o modelo é delineado à volta de um quadrilátero. Quadrado que tem uma história urbanística e uma história arquitetônica. Pela genealogia encontrava os traçados da ágora grega e do fórum romano, muito remotamente, a praça medieval, de seguida; ou também a vetusta *Grande Plaza* colonial espanhola, mais próxima. Paralelamente, tinha efeitos na arquitetura do pátio, quando as casas e os colégios jesuíticos o acolhiam, qual núcleo de um panoptismo antes do Panóptico de Bentham. Mas já com a ingerência disciplinadora a que Michel Foucault foi sensível e contra a qual foi sagaz e lucidamente crítico. De fato, todas as instâncias enumeradas concorriam para o olhar vigilante que até poderia ver, sem ser visto, quando estava num segundo andar. Melhor ainda numa torre ou num campanário, condições ideais verificadas nas missões.

De acordo com igual princípio, a posição dianteira da hierarquia indígena comportava um significado específico. Em primeiro lugar, os padres transferiam para a organização espacial cânones muito valorizados no interior da Companhia de Jesus,

mantida por uma dependência cerrada, à boa maneira da Contra-Reforma. Em segundo lugar, o estratagema consignava a ideia de um intermediário habilidoso a contrariar, com eficácia, o desequilíbrio numérico entre dois ou três padres, por um lado, e muitas centenas de índios, por outro.

Da postura anterior resultava a prova indelével que a psicologia inaciana atuava no sentido de acolher as características nativas, sempre que delas se podia aproveitar, combatendo-as quando elas incomodavam, como acontecia no planeamento das habitações. Ou ainda no cotiguazu, não por acaso afastado das demais casas indígenas, colocado no lado da igreja e da residência dos padres, e destinado a receber as viúvas. Passíveis de ameaças aos casais monogâmicos, elas eram encarregadas de funções ligadas à sobrevivência dos órfãos, mais uma astúcia, desta vez contra os maus pensamentos e as más obras. Neste particular, o ponto de vista construtivo ajudava a contrariar formas de vida inerentes à estrutura e à cultura dos agrupamentos guarani originais, tendencialmente poligâmicos.

Mas podia também salvaguardar um compromisso entre os contextos onde viviam antes e depois da chegada dos jesuítas. Na verdade, é assim que parece poder ser avaliado um povoado construído como um campo aberto, logo, sem muralhas e com uma ligação muito direta ao pomar, à horta e aos jardins.

As “naturezas” e as “culturas” em jogo

Paisagem onde o índio se sentiria melhor incorporado, por ser a mais próxima da sua sociabilidade e por ser a mais vizinha da floresta frondosa que o rodeava, tradicionalmente. Erguidos como as demais construções a partir de técnicas ao serviço dos materiais locais – pedra arenito, tijolo e adobe –, os espaços destinados às oficinas e à aprendizagem manual correspondiam a atividades associadas à manufatura de produtos naturais: da madeira para as esculturas e os instrumentos musicais ao barro para as peças de cerâmica. As técnicas e as formas estéticas aplicadas revelavam

harmonias memoriais de entrelaçamento entre os bens disponíveis no solo, a cultura indígena e a cultura europeia. Tratando-se de tarefas que pressupunham a incorporação de saberes e de fazeres oriundos de conhecimentos distantes, pode imaginar-se quanto o aprendizado exigiria a aquisição de hábitos num tempo especial de memorização com gestos e com ritmos, a envolver sofrimento de ambos os lados. Igualmente, pode-se vislumbrar em que medida a aculturação mútua, dominada sem dúvida pela batuta dos missionários, favorecia a descoberta efetiva de modos adequados para retirar o melhor sucesso das infraestruturas ambientais.

As apostas primeiras indiciam metodologias de trabalho voltadas para extrair da terra tudo o que ela pode dar de mais útil, seja o abundante e lucrativo mate, seja o rendimento agropecuário, seja a feitura do tijolo, seja a exploração de ferro numa fundição. Tratando-se de uma economia orquestrada para a subsistência, é inegável o apelo a reservas cognitivas de cá e de lá, quando os saberes oriundos de ancestralidades encontram aqui uma expressão cultural nova, gerada pelo intercâmbio de ideias e de atitudes; porquanto, se havia aspectos onde a maestria recaía para o lado dos colonos, haveria certos outros onde a competência jogava em favor dos colonizados.

E terá sido através delas que terá ocorrido, igualmente por aqui, algum feliz momento na rota mundial das plantas e dos animais. Feliz momento, pois, quando do encontro entre a adaptação de uma ou de outra espécie faunística e floral. Contudo, a continuidade no desenvolvimento ocorreu muito principalmente, a nível do bom aproveitamento das potencialidades endêmicas.

O resultado destes dois vetores traduziu-se num pomar, horto, jardim de flores e jardim de ervas, ou antes numa paisagem completa que ficou muito a dever ao modo como a sensibilidade ao terreno e às condições climáticas foi dando provas, não só em favor de uma sobrevivência adaptada ao ambiente, como aos procedimentos disponíveis para a agricultura e a pecuária

Evidentemente que todo este conjunto de realidades envolvia conhecimentos científicos que

estariam dependentes da formação inicial recebida pelos padres e das suas tendências intelectuais. Das humanidades ensinadas nas escolas europeias traziam perspectivas que nem sempre seriam as mais adaptadas a este tipo de quotidiano. Mesmo assim, é de convir que esta fragilidade era compensada por uma capacidade de adaptação manifesta e um espírito de aventura ímpar. É de realçar ainda quanto as fontes revelam conhecimentos sobre alguns setores da História Natural e a existência de sinais explícitos referentes a conhecimentos astronômicos – fala-se no uso das torres das igrejas para o efeito –, farmacêuticos e medicinais.

Como ainda é localizável uma forma pré-científica e científica de lidar com informações variadas, organizadas em prol de uma atividade de classificação: acrescente-se o raro pendor para o saber taxionômico, por parte do povo guarani, de que resultaram, aliás, bons sucessos na aplicação efetiva dos vegetais.

Esta reflexão filosófica terminaria de um modo inconclusivo se não tocasse ainda noutra tema, pois qualquer povoado pressupõe um povo: a necessidade de avaliar aquilo que caracterizou o comportamento jesuítico, natural e culturalmente falando, em conformidade com a natureza psicológica e a cultura socializada guarani, perspectivados, agora, em termos do futuro deste povo, depois da saída dos jesuítas. Se bem que este aspecto ponha em jogo realidades históricas que não são compatíveis com retrospectivas, é indiscutível que o conjunto deste processo de aculturação gerou possibilidades indelévels para uma definição demarcada de autonomia, que pré-anunciou desde há muito o Mercosul, mas ao mesmo tempo implicou consequências de inadaptação cultural com desajustes sociais, remanescentes até hoje, como as ruínas missioneiras.

Referências

JANEIRA, Ana Luísa (org.). *Gabinete de Curiosidades*. Lisboa, Centro Interdisciplinar de Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade de Lisboa – CICTSUL, 1999. Inclui

- estes textos adaptados de Ana Luísa Janeira: *Ouvir e ler, olhar e ver, observar e experimentar*, 31-38; *Explorar, expor e crer*, 41-49; *Do Paço da Ajuda à Escola Politécnica de Lisboa*, 55-58; *O jardim botânico das reais quintas do Paço de Nossa Senhora da Ajuda*, 61-65; *O Hospício dos Apóstolos da Cotovia (1603-1759): Bairro do Andaluz, cidade de Lisboa*, 79-82; *O quadrilátero jesuítico: uma arquitetónica cultural e científica entre os guaranis*, 91-95; *Viagem filosófica pelo espaço-tempo dos jardins botânicos*, 97-101; *Jardins entre dois mundos*, 103-106; *O exótico nas coleções dos jardins botânicos*, 109-118; *Naturacultura: jardins e utopias*, 121-127.
- JANEIRA, A. L. *Ciências e crenças*. “Cadernos do ISTA”, Lisboa, 4 (7), 1999, 29-46. <http://www.triplov.com/ista/cadernos/pluralidade/janeira_05.htm>.
- JANEIRA, Ana Luísa; MACEDO, Ana Paula. *Natura, cultura e ciência nas missões guaranis*. “Revista Portuguesa de Humanidades”, Braga, 3, (1/2), 1999, 455-490. <<http://www.triplov.com/jardins/missoes/guaranis/index.htm>>.
- JANEIRA, Ana Luísa et al. *De como usar a História Natural quando se prepara o século XXI* e Ana Luísa Janeira – *Os três Reinos da Natureza e o Reino de Portugal*. In “CulturaNatura. Caderno de Viagem”, Lisboa, Fundação da Universidade de Lisboa (CITSUL) – Instituto de Inovação Educacional, 1999, 11-13, 37-52.
- JANEIRA, Ana Luísa et al. *A exploração dos recursos naturais brasileiros: intervenções educativas no âmbito do Serviço Educativo do Projeto CulturaNatura*. In M. F. CORREIA et al. (coord.) – “Portugal-Brasil: Memórias e Imaginários. Congresso Luso-Brasileiro. Atas”, vol. 2, Lisboa, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 2000, 460-490.
- JANEIRA, Ana Luísa. *O Reino de Deus, os Três Reinos da Natureza e o Reino de Portugal*. In José Manuel ANES, M. E. GUEDES, Nuno Marques PEIRIÇO (orgs.) – “Discursos e Práticas Alquímicas II”, Lisboa, Hugin Editores, 2002. <<http://www.terravista.pt/Guincho/7933>>.
- JANEIRA, Ana Luísa. *Inovação-Tradição-Globalização em Pierre Teilhard de Chardin*. *No princípio era a complexidade-consciência*, 2001-2002. <<http://www.terravista.pt/Guincho/7933>>.
- JANEIRA, Ana Luísa (prosa, fotos); JANEIRA, Isabel Maria (verso). *Japão: Inovação-Tradição-Globalização*, 2002. <<http://www.triplov.com/japan.html.htm>>.
- JANEIRA, Ana Luísa; FORTES, Mário. *Floras do Novo Mundo: curiosidades e recursos*. *O Jardim Botânico da Ajuda*. 2002. <<http://www.triplov.com/evora.html.htm>>.
- JANEIRA, Ana Luísa (dir. cient.). *Inovação-Tradição-Globalização: formas de viver, formas de pensar, formas de habitar – ciências, técnicas e saberes*. Inclui estes textos de Ana Luísa Janeira: *Saberes procuram-se, Os saberes ao ritmo da Natureza, Ambivalências entre Inovação e Tradição?*, 2002-2004. <<http://www.saberes.no.sapo/tradição.htm>>; <<http://www.fazerres.no.sapo/tradição.htm>>.
- JANEIRA, Ana Luísa. *O Conceito de CulturaNatura*, “Atalaia-Intermundos”, Lisboa, (6-7), Verão, 2002, 47-69.
- JANEIRA, Ana Luísa; MENEGAT, Rualdo. *Entrevista a Ana. Luísa Janeira*. “Episteme”, Porto Alegre, 15, 2003, 15-28.
- JANEIRA, Ana Luísa. “*Todo o Brasil parece hii jardim*”. “Episteme”, Porto Alegre, 15, 2003, 45-70.
- JANEIRA, Ana Luísa; BORRALHO, Luísa; FORTES, Mário. *Inovação-Tradição-Globalização – As ciências modernas à descoberta do mundo: Mapeando a natureza brasileira nas rotas dos mares do sul*, 2003. <<http://www.triplov.com/citsul/ana-mario/html>>.
- JANEIRA, Ana Luísa (dir. cient.). *Inovação-Tradição-Globalização – As ciências modernas à descoberta do mundo: Territorização Científica da Amazônia*, 2003. <<http://www.amazonia.no.sapo.pt/Frame.html>>.
- JANEIRA, Ana Luísa – Ao email.com: *A Amazônia tem de se ver de avião*. <http://www.triplov.com/ana_luisa/amazonia.html>.
- JANEIRA, Ana Luísa. *A memória entre a Europa e os Novos Mundos*. In: “Estudos de homenagem a Luís António Oliveira Ramos”, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, 577-582.

Por uma epistemologia interdisciplinar das fontes na configuração missioneira²⁰

A realidade missioneira apresenta uma complexidade de termos e de relações que equivale adequadamente a uma configuração. Na verdade, importa ter presente como foi formatada a partir de tensões e de encontros entre Novo Mundo-Velho Mundo, natureza-cultura, tradição-inovação, local-global, saber-fazer, entre outros pontos de confluência e de desajuste.

Por isso mesmo, tem uma volumetria conceitual que não se compadece com perspectivas disciplinares estanques e requer abordagens, onde várias áreas do conhecimento concorram para a construção do conjunto.

É neste sentido que é preciso realçar a importância de a fazer inteligir através de um conceito alargado de fonte, onde o patrimônio material e imaterial intervenham no modelo teórico e na metodologia, e onde até a urbanidade e a paisagem se constituam como arquivo, por sua qualidade de formas especiais de acúmulo, de manutenção e de preservação.

Como consequência, a construção epistemológica desta realidade sairá enriquecida se integrar o registro escrito e o registro edificado, o registro científico e o registro artístico, o registro financeiro e o registro político. Ou quando estabelecer intercepções entre esboços projetivos, cadernos de viagem, arquiteturas, regulamentos disciplinares, ruínas, peças de cerâmica, com contos e lendas, floras e espécimes geológicos à mistura.

Conclua-se, pois, que sempre que isso acontecer, o conceito foucaultiano de diapositivo será lucrativamente posto ao serviço da valorização do patrimônio missioneiro.

A perspectiva interdisciplinar equivale a uma atitude teórica e a uma prática com incidências diferentes.

Na verdade, pressupõe o reconhecimento de que não há disciplinas, mas problemas, ou seja, que a realidade a conhecer comporta múltiplos níveis descritivos e implica enfoques complexos, impossíveis de serem captados por qualquer ponto de vista limitado ao jogo formal e aplicado da estreiteza de uma qualquer tendência especializante.

A chave para uma atitude diferente passa pela necessidade de evitar processos que segmentam, parcelam ou fragmentam a informação.

Neste sentido, a interdisciplinaridade põe em ação um dinamismo de encontro-confronto de matérias e de saberes, destinada a sustentar uma interatividade entre pessoas, que assumem a humildade de compartilhar dúvidas e certezas à partida. Pessoas que se propõem ainda operar na intercepção de outras áreas durante o trabalho, como encontrar, finalmente, resultados conseguidos por adquiridos provenientes de contributos vários, à chegada.

Trata-se, pois, de uma utopia, enquanto significa um conjunto de atividades metódicas a exigir uma postura descentralizada, quer relativamente ao saber, no que esta tem de demonstrar capacidade para atender à ciência do outro, quer relativamente ao poder, no que esta tem de manifestar cedência ao lugar creditado do outro.

Por isso mesmo, mobiliza exigências ao arripio de qualquer estatuto hierárquico artificial, vocacionada que está para a sustentabilidade da intercepção gnosiológica, com fundamentos diretos no foro ontológico, dado que a realidade não

²⁰ Conferência Inaugural apresentada no II Simpósio sobre Bibliotecas, Archivos y Museos del Área Franciscana: un aporte a la Historia de la Cultura de los siglos XVII-XX, Tarija, 29 Al 31 de Agosto de 2006.

é esquizofrênica nem existe e persiste de um modo compartimentado.

É claro que estes pressupostos terão consequências num questionamento efetivo do que é uma fonte. Ou seja, conduzem à necessidade de reformular o seu horizonte semântico.

O que supõe, naturalmente, um redimensionamento do campo significativo associado ao conceito, indo da natureza ao suporte.

O que provoca, conseqüentemente, a abertura teórica e metodológica para uma formulação mais plétórica, e por isso mais adequada, do que pode e deve ser tido como fonte, quando se quer situar melhor determinada existência histórica.

Acepção que implica o reconhecimento de uma relação direta entre a seleção teórica das hipóteses de trabalho e a escolha apropriada das fontes que as poderão servir. Por outras palavras, importa ter presente que os modelos teóricos correspondem a escolhas de formalismos e de princípios orientadores, sendo que estes últimos têm uma palavra a dizer na delimitação daquilo que será usado como intermediário na procura de uma reconstituição.

É por isso que a construção científica do passado requer atos intervenientes em favor de objetos capazes de configurarem uma inteligibilidade ao arpejo da leitura óbvia ou simplificadora. De fato, sendo esta inteligibilidade que move a pesquisa sobre o que queremos do pretérito, importa privilegiar a função primeira a ser outorgada à escolha de meios para chegar aos fins pretendidos, os quais serão tanto mais ajustados quanto se revelarem mais capazes de mostrar a complexidade interceptiva.

Assim sendo e como consequência, a interdisciplinaridade não pode deixar de acarretar um posicionamento preliminar, de tipo que desfaz a multiplicidade, ou seja, a recusa de permanecer adstrita a um tipo único, seja qual ele for, de fonte.

Na sequência de ideias mestras propostas por Michel Foucault, a fonte não deve ser olhada como uma matriz submetida ao registro escrito,

mas alargar-se à natureza de um “monumento”²¹, quer dizer, ser perspectivada por um viés não-gráfico, mas testemunhal, que abarcará um vasto horizonte do texto ao seu contexto.

Deste modo, a descrição realizada pela arqueologia-genealogia encontrará, na multiplicidade de instrumentos, a certeza como a construção será enriquecida por requisitos exigentes, a cimentar um produto multifacetado, devido à emergência de diferentes ângulos interpretativos. Situação que é por demais ajustada à realidade missioneira.

Na verdade, apesar de já contar com trabalhos e publicações meritórios, importa insistir que é preciso enriquecê-la com projetos de investigação que alarguem o horizonte da configuração, mediante o concurso e a intercepção de informações, a confluírem para a definição de uma resultante inovadora.

Diga-se que as fontes têm sido prioritariamente do foro escrito ou do foro construído. Noutros casos ainda, do foro iconográfico e antropológico. Porém, o problema mais agudo decorre de rarearem intercepções entre dados, porque faltam equipas organizadas de acordo com estas preocupações e por que os meios de comunicação existentes não as favorecem.

Os estudos realizados tendo em vista este prisma epistemológico anunciam que as reduções necessitam de ser abordadas por elementos descritivos e interpretativos que ultrapassem o arquivo de palavra, ou melhor, que lhe associem outros arquivos; os quais, em última análise, correspondam a tudo aquilo considerado como arquivo de vida.

E não se diga que o verbo deve ser hierarquicamente valorizado como veículo de abordagem, no caso pretérito. Na verdade, cabe à reflexão crítica chamar a atenção para o fato das ideias mais inovadoras, ocorrendo em várias áreas e por várias vias, provarem quanto será também importante aplicar-lhes ideias provenientes do questionamento incidindo sobre o verbal, no presente. O que ocorrerá, com sucesso, por via da interferên-

²¹ Michel Foucault, *L'Archéologie du Savoir*, Paris, Gallimard, 1960.

cia de outro tipo de fontes: da cultura material sonora à cultura material paisagística.

Este aspecto evidencia a importância de um diálogo entre a atualidade e o passado, com incidência no preenchimento de lacunas, ou, pelo contrário, na defesa da permanência de vazios, como atitude mais rigorosa.

A superação de um conceito ultrapassado, como o é o conceito de *corpus* completo e fechado sobre si mesmo, em favor da conexão e da intercepção na diversidade, requer o alargamento da tipologia das fontes, a ponto de criar resultantes que correspondam a uma mistura estimulante do aparato testemunhal.

É assim que é evidenciada a riqueza heurística e hermenêutica inerente à metodologia integrando o “dispositivo” foucaultiano, horizonte largo e flexível que revela um encontro especial entre o espaço e o tempo através da memória. Horizonte a mover-se desde o documento regulamentar à ruína do edificado, da peça de cerâmica ao vestígio paisagístico, da pauta musical rasurada ao costume étnico, da língua à fauna e flora. É aqui que importará reunir meios favoráveis para conseguir questionar o privilégio, ou até oposição monolítica, atribuída às fontes clericais.

Percebe-se que sejam quantitativamente superiores, mas não devem continuar a ser consideradas únicas, ou mantidas sem a mistura com as demais. Não podem também ser consideradas as mais fiáveis. Logo, a necessidade de modelos teóricos que não estejam satisfeitos com a situação segmentada remanescente e se obriguem a colocar os índios no núcleo da configuração. Como para procurar requisitos metodológicos, orientados para a obrigatoriedade de fazer intervir as suas fontes e as suas mundividências, de molde a abrir espaço para a interferência explícita da outra parte, obviamente indispensável.

Concluindo, o conceito teórico de “dispositivo” propõe que a prática patrimonial defenda a paisagem missioneira como arquivo de uma configuração singular. Ainda, será importante que estes territórios se organizem como centros interpretativos interdisciplinares de uma memória coletiva. Por fim, é desejável que os trinta povos e demais vestígios de missões sejam descritos como situações específicas de encontros e confrontos, entre a natureza e cultura, entre o velho mundo e novo mundo, entre o local e global, sempre segundo modelos ligados a concepções avançadas da historiografia atual.

Efeitos das Missões Guarani na atualidade: natureza e cultura²²

*Quase uma banalidade para quem as visita:
como são mágicas as ruínas missioneiras!!!
Quase uma constante para quem as percorre:
como terá sido o cataclismo para tamanha destruição?
Quase uma angústia civilizacional:
uns construíram casas, ruas e cidades
uns tantos desviaram estatuária
outros roubaram cerâmicas
outros tantos enriqueceram coleções próximas e museus distantes.
O desgaste natural fez também das suas, claro.*

Ao longo de séculos, viajantes, forasteiros e especialistas falaram dos remanescentes, segundo posições ideológicas diferentes e manifestando particularidades marcadas pelas épocas. Para alegria de muitos, os mais importantes foram elevados a Patrimônio Mundial pela UNESCO, no final do século passado.

A magia é inquestionável, como é inquestionável que coube ao paradigma romântico despertar o mistério, misto de materialidade e de inatingível, que os restos abraçam. E fê-lo pela poesia, romanceiro ou crônica de costumes. Todavia esta sensação primeira merece ser complementada pelo pensamento que pensa como estas ruínas demonstram: os limites de cada tempo (otimismo oitocentista e positivista)? Os prejuízos étnicos (logocentrismo, eurocentrismo)? O centrismo cultural (marginalização dos guarani)? O analfabetismo educativo (desvalorização do patrimô-

mio material e imaterial)? Os preconceitos anticlericais (antijesuitismo)? Etc.

Arrogância! Erros nossos!

Trazendo a configuração para uma questão de cidadania e de responsabilidade atual:

- que opções (valores humanos e projetos sociais) perpassam pelas construções nas reduções jesuítico-guarani e pelas casas aborígenes atuais?
- o que, entretanto, se ganhou e se perdeu?

O território conjunto que pode ser genericamente apelidado de Missões (nordeste da Argentina, sul do Brasil e Paraguai) tem dentro de si uma singularidade, que merece ser reconhecida e valorizada. Porquanto, demonstra uma particularidade histórica que, sendo assumida, irá enriquecer o modo de viver, presente e futuro, dos povos que o ocupam. Isto porque permitirá forne-

²² Publicado em Ana Luísa JANEIRA – *Notas de viagem sobre formas de globalização histórica em Misiones* - <http://www.triplov.com/ana_luisa/notas-de-viagem/index.html>. Esta viagem foi realizada no âmbito do Programa Internacional de Investigação em apêndice, e ocorreu em setembro de 2006. Durante a estada, a convite da Universidad Nacional de Misiones, foram dinamizadas várias atividades organizadas pelas professoras Rita Bulffe, Glória Miguel, Susana Miguel, Lorena Halberstadt, entre outras.

cer-lhes meios intelectuais para que possam lucrar mais adequadamente do efeito intercultural-intracultural inerente.

Na verdade, estas terras têm de ser projetadas, dentro de si e no mundo (Mercosul, turismo internacional etc.), a partir dos aspectos positivos e negativos ligados às experiências de aculturação, ou seja, do modo como nelas se convive com a memória sobre a entrada e o assentamento de gentes várias, ao longo dos séculos mais recentes: da localização geográfica à rede hidrográfica, da flora à produção faunística, dos homens aos costumes.

Neste sentido, é importante que se lhes dê a conhecer como ocorreram e como foram dificultadas as tentativas orientadas para fazer prevalecer a qualidade, maior ou menor, que pode contribuir para o auto-reconhecimento com base na abertura ao acolhimento.

Paralelamente, é importante ainda ter presente que é preciso refletir e divulgar os saldos referentes à forma como foi viabilizada essa capacidade de abrigo, nomeadamente em tempos fundamentais: a chegada dos jesuítas e a chegada dos imigrantes.

Infelizmente, verifica-se um vazio entre ambas. Tendo mais presentes as migrações depois do século XIX e sem integrar os dois momentos, a atitude generalizada é própria de quem não tem consciência efetiva que importa conjugá-los, de molde a compreender como foi construída a atualidade.

Com efeito, a maioria das pessoas denota ligações fortes a um espírito comemorativo, praticando uma celebração recordada relativa aos fluxos migratórios onde lembra muito justamente um passado corajoso e uma temeridade bem sucedida, mas revê-se muito pouco ou quase nada nas reminiscências inicianas.

Como consequência imediata, podem tirar-se as inferências seguintes: por um lado, esta realidade não é devidamente incorporada no cotidiano, pelo que não concorre para a definição de uma unidade cultural; por outro lado, os aborígenes não estão sendo devidamente integrados e continuam abandonados na procura interna de si mesmos.

Por isso, as ruínas surgem mais como espaços de visita, merecidamente acarinhadas quando se trata de as mostrar aos forasteiros, do que como núcleos revitalizantes para a tradição ancestral, a cultura moderna e a vida comum do século XXI, no seu dia-a-dia pelo campo ou pelas cidades.

Nos antípodas da sobrestima, as referidas situações favorecem o desconhecimento dos meios onde as comunidades locais necessitam de afrontar os nivelamentos massificadores em tempos de globalização.

Assim sendo, a autorrepresentatividade projetiva do território estará sempre incompleta, quando não tiver em conta a importância de contribuir para a reconfiguração guarani-missioneira, considerada e ajuizada como uma das suas estruturas fundadoras.

Neste sentido, é importante que sejam estabelecidas dinâmicas e concretizações que possibilitem uma formação em favor da definição alargada desse fundo cultural comum. Em última análise e com as devidas características, é determinante conceber a vinda dos jesuítas como uma primeira imigração.

Com espólio semelhante, marcas de uma duração possuindo incidências com tamanha envergadura, as políticas culturais muito se beneficiarão ao possuir redes de investigação capazes de interligar épocas e circunstâncias; isto tudo num articulado entre analogias e divergências, a ponto de contribuírem para fornecer conteúdos que outorguem um maior substrato de identidade às populações contemporâneas.

De qualquer modo, o conjunto de ideias anteriores sempre permanecerá incompleto e desajustado à estrutura histórica que lhe preside, enquanto não juntar aos conteúdos precedentes a permanência inegável do substrato indígena. Sem ele, e sem haver consciência de como tem uma função ímpar no respectivo dispositivo, nunca poderá ser conhecido devidamente o modo como funcionou a arqueologia-genealogia correspondente.

Negar ou desvalorizar este termo da configuração equivale, obviamente, a recusar o alcance da imagética, do simbolismo e do sentido de uma época histórica muito particular, mas, mais do que

isso, é um empobrecimento com resultados prejudiciais na personalidade de uma região e com perdas para a sua individualidade multicultural.

A título de exemplo, lembre-se quão são compensadores os casos onde a expressão estética existente tenta retomar – na Facultad de Artes da Universidad Nacional de Misiones, em Oberá, ou no Taller de Artes Brasanelli (crianças, jovens, adultos), em Santa Ana – matérias, conteúdos e formas nutridos pela cultura material nascida nas *reducciones*, com especial destaque para os modelos com traços marcadamente nativos.

Aliás, muito útil seria ainda que o paradigma educativo local expandisse os benefícios trazidos pelo sistema escola-oficina, onde foram exploradas condições nativas com impacto artístico e econômico. Como elas estiveram orientadas para estruturas formativas no âmbito do saber, e delas derivaram produtos originais integrados na paisagem, haveria que incrementar experiências pedagógicas, onde as crianças e os jovens de hoje retomariam técnicas e modos de fazer do seu passado, assim sendo incentivados a valorizá-las com inovação.

Concluindo, a realidade missioneira apresenta uma complexidade de termos e de relações que equivale adequadamente a uma configuração. Na verdade, importa ter presente como foi formata-da, a partir de tensões e de encontros, entre Novo

Mundo/Velho Mundo, natureza/cultura, tradição/inovação, local/global, saber/fazer, entre outros pontos de confluência e de desajuste.

Por isso mesmo, tem uma volumetria conceitual que não se compadece com perspectivas disciplinares estanques e requer abordagens, onde várias áreas do conhecimento concorram para a construção do conjunto.

É assim que se torna forçoso realçar a importância de a fazer emergir através de conceitos alargados, onde o patrimônio material e imaterial intervêm no modelo teórico e na metodologia, e onde até a urbanidade e a paisagem se constituem como fonte e como arquivo, devido à sua característica de formas especiais de acúmulo, de manutenção e de preservação.

Consequentemente, a construção epistemológica desta realidade sairá enriquecida quando integrar o registro escrito e o registro edificado, o registro científico e o registro artístico, o registro financeiro e o registro político. Ou quando estabelecer intercepções entre influências ideológicas, esboços projetivos, cadernos de viagem, arquiteturas, regulamentos disciplinares, ruínas, peças de cerâmica. Tudo isto, com transferências de coletividades, rotinas, contos, lendas, rios, floras, produções agrícolas (nomeadamente madeiras, *yerba*, tabaco e chá) e espécimes geológicas, à mistura.

Anexos

Projetos e Programas

Programa Internacional de Investigação

A globalização das ciências e das culturas nos trópicos

2005

A natureza impactante por terras de missão e a configuração epistemológica moderna

Uma instituição estruturada e organizada reflete sempre uma tomada de posição fundadora face a um conjunto de princípios e de valores. De tal forma que o processo da sua existência histórica reveste-se de uma continuada atualização memorial, que atua por todos os meios de intervenção e de transmissão, podendo, por isso, ser sempre remissíveis ao discurso inaugurante que lhe determinou a origem.

Importa ter presente como a configuração missionária da Companhia de Jesus retirou das *Constituições*, dos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio de Loyola e demais provisões estatutárias, a primeira razão de ser.

Como sequência, noviciados e colégios veiculavam ideias e exigências disciplinadas por esse discurso, disseminando uma forma de pensar e agir em diversos pontos da sociedade europeia, ao mesmo tempo que aumentavam o *corpus* discursivo tendendo para uma pletora gnoseológica e epistemológica consistente. A mesma mundividência irá intervir na estratégia espalhada pelas colônias.

Assim sendo, o sistema mostrava-se capaz de estabelecer uma rede, com o seu desmultiplicar sucessivo, ao longo do planeta. Assim sendo, o Velho Mundo e o Novo Mundo aproximaram-se, mediante elos evidentes entre a universidade (manuais, apostilhas) e a catequética (gramáticas, catecismos, músicas).

Como se interceptaram os canais entre as casas jesuítas e as sociedades envolventes, com destaque para os poderes instituídos, através de esquemas

preparados, e muito trabalhados, de tipo adaptativo e com fins intencionalmente interventivos.

Esta genealogia conceitual esteve obviamente inserida num horizonte cultural mais amplo e numa configuração epistemológica mais abrangente.

Por isso, a pesquisa contará ainda com o contributo de estudos centrados numa outra genealogia paralela e determinante – a História Natural, os naturalistas, as viagens filosóficas e o naturalismo –, incluindo a reapropriação, a reconstrução e a reavaliação desse passado, empreendida ao longo do século XIX. Realidades que beneficiaram também muito do contato com o Novo Mundo.

Na verdade e na medida mesma em que a nova escala espacial – relevos espessos, florestas desmesuradas e rios a perder de vista – deslumbrava o colono e o viajante, as remessas enviadas para o Velho Mundo excediam o imaginário europeu plausível.

Ninguém nunca teria sonhado um tal éden ou eldorado, porquanto só então os Três Reinos se dilatavam em conteúdos e em formas. Não só um encontro entre a organização inerente aos seres e a lógica das nomenclaturas, dos sistemas e das taxonomias biológicas. Como um questionamento racional e metódico tendente a superar o criacionismo fideísta, o qual vai transformar a forma de perceber, de compreender e de inteligir o mundo envolvente, a ponto de tender cada vez mais para um mundo prescindindo do Criador, dado que relega Deus para uma entidade menos participativa e mais Providência.

Na verdade, a ciência moderna passa a constituir-se, progressivamente, como um discurso sobre a natureza, onde o espaço e o tempo dos seres vai prescindir da explicação por via da Criação, realidade interpretativa fundamental ao modelo teocêntrico de outrora.

Viriam igualmente a originar paralela e posteriormente aparatos teóricos – do lamarckismo ao darwinismo –, apetrechados por espacialidades transformadas em instituições científicas – dos jardins botânicos aos museus de história natural.

O evolucionismo transforma a classificação taxonômica ou busca responder a outros questionamentos?

Acontecimentos com ilimitados efeitos nos modos como o conhecimento científico se foi criando e foi escrevendo a sua narrativa para estudar os animais, as plantas e os minerais, usando hipóteses de trabalho e métodos de pesquisa que superaram o olhar e o ver, através de uma postura diferente – o observar.

Infraestruturas de que resultaram encontros efetivos entre o trabalho de campo e o trabalho de gabinete. Com efeito, a descoberta da natureza inclui tarefas sucessivas a requererá a definição de semelhanças e de diferenças, servidas por viagens, reservas e espaços museográficos.

Acrescente-se que este dinamismo teria sido impossível sem a interferência permanente do mundo colonial e da ideologia colonialista. Prova acrescida de quanto o conceito de natureza ficou ligado a um saber-poder decorrente da mundialização de matérias-primas, de recursos e de inovações, submetidas a recortes econômicos e políticos, sociais e científicos.

Por isso ao incluir esta segunda perspectiva, o projeto tenderá a visar intuítos conclusivos, capazes de aflorar as integrações e os desajustes entre a genealogia jesuítica e a genealogia histórico-natural, a propósito do conceito de natureza.

Objetivos

Este projeto visa estudar como desdobramentos do conceito de natureza com as expressões –

antropológica, psicológica, cosmológica, biológica, sociológica, urbanística, respectivamente – se manifestaram entre os jesuítas, nomeadamente, numa concepção tripartida de homem sob o domínio da vontade, em tratados de Filosofia Natural com uma cosmologia preponderante, na Farmacologia operativa entre a saúde e a doença enriquecida pelos conhecimentos indígenas, na estrutura das reduções, em favor da sedentarização e da monogamia, junto dos povos guarani.

Visa ainda criar condições e meios metodológicos que favoreçam comparações, paralelismos, relacionamentos e conexões entre estas instâncias e o processo epistemológico percorrido pela forma como a ciência moderna também foi estipulando a sua concepção de natureza.

Logo, visa finalmente a um estudo comparativo entre as visões teóricas mais recentes – séculos XIX e XX – e as dos jesuítas dos séculos anteriores. Porque eles não desapareceram, mas foram mandados embora, talvez o marco comparativo possa ser este: antes e depois da expulsão dos jesuítas do Novo Mundo. Continuidade ou corte na visão da natureza?

Investigadores

Argentina

Professora Celina Lértora Mendoza – Teologia e Direito – Consejo Nacional Superior de Investigaciones; Dra. Beatriz Mallo – Comunicação Social, Biblioteconomia – Universidad de Rosario.

Brasil

Professoras Heloisa Domingues – História das Ciências, Museu de Astronomia e Ciências Afins, Marina Massimi – Psicologia, Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto, e Tania Fonseca – Psicologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; doutores Paulo Carvalho – História da Psicologia, Pontifícia Universidade Católica – São Paulo, e Paulo de Assunção (coordenador editorial) – História, Universidade Faculdades Associadas do Ipiranga, Ana Haddad –

Semiótica e História das Ciências, Pontifícia Universidade Católica – São Paulo, Arq. Carlos Fernando Delphim – Paisagismo, Instituto do Patrimônio Histórico e Arquitetônico Nacional; doutores Alessandro Zir – Filosofia e Comunicação Social, Dalhousie University (Halifax), e Gastão Galvão – História das Ciências, Museu de Astronomia e Ciências Afins.

Paraguai

Eng. Luís O’Higgins – Agronomia.

Portugal

Professora Ana Luisa Janeira (coordenadora) – Filosofia das Ciências, Universidade de Lisboa, e professor José Gama – Cultura Portuguesa e Brasileira, Universidade Católica Portuguesa; doutoras Judite Cruz – Psicologia Clínica, Universidade do Minho, e Estela Guedes – Literatu-

ra, Centro Interdisciplinar de Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade de Lisboa.

Calendário

- a) Envio do tema de trabalho escolhido para os demais investigadores – dezembro de 2005.
- b) Envio de um texto com o máximo de 40.000 caracteres incluindo espaços para os demais investigadores – abril de 2006.
- c) Workshop para discussão dos textos – São Paulo – outubro de 2006.
- d) Elaboração livre de trabalhos, acompanhada de um aprofundamento por equipas envolvendo dois ou mais investigadores à volta de um tema englobante.
- e) Realização anual de um workshop. Previsão imediata – Braga-Évora – maio de 2007.

II

Memória pelas ruínas: natureza, cultura e ciências nas Missões Jesuíticas Guarani²³

Fruto do expansionismo jesuítico na América do Sul, os chamados 30 Povos – superfície igual à da França, hoje região Sul do Brasil, Norte da Argentina e Paraguai – constituíram uma realidade humana, social e cultural única (1610-1767), fortemente cobiçada por portugueses, paulistas e espanhóis, a que o Tratado de Madrid (1750) – entrega a Portugal dos 7 Povos, em troca da Colônia do Sacramento, cedida à Espanha – e a expulsão dos jesuítas muito contribuíram para decimar, com consequências múltiplas: dispersão de um povo, com sua identidade e cultura, arruinamento progressivo da arquitetura e do urbanismo remanescentes. Aspectos que continuam a não ser devidamente assumidos pela memória geral dos intervenientes históricos, como nunca foram trabalhados por investigadores numa obra coletiva que os envolva conjuntamente.

Objetivos

Apoiada numa viagem com objetivo da equipe de reunir documentação biblioiconográfica local, a concepção geral terá como primeiro objetivo despertar interesse para os meandros à volta deste sonho jesuítico – misto de estratégia e de aventura, de saber e de poder – nos trópicos. Como também, o que pode indiciar esta configuração complexa, feita de jogos diplomáticos marcados por tensões ibéricas, de que resultou uma continuada perda de identidade e a instabilidade futura do povo guarani. Procurará, finalmente,

mostrar o impacto deste território: das cataratas do Iguazu à beleza dissipada pelas ruínas, ou da harmonia natureza/cultura aos programas científicos em curso, para as conservar.

Produtos

Assim sendo, o projeto *Memória pelas ruínas: natureza, cultura e ciências nas missões jesuíticas guarani* pretende preencher um vazio, através da publicação de um álbum, com textos de investigadores ibéricos e sul-americanos, e da organização de uma exposição itinerante, em Portugal, no Brasil e em pontos de Espanha, bem como umas jornadas internacionais (Porto Alegre, setembro de 2006) e um colóquio internacional.

Equipe

Polo brasileiro

Comissão Científica: Arno Kern – Arqueologia, História; Francisco Marshall – História; Luiz Antonio Custódio – Arquitetura; Pedro Schmitz – Arqueologia, Antropologia.

Polo português

Comissão Científica: Ana Luísa Janeira – História e Filosofia das Ciências; José M. Rodrigues – Fotografia; Marjoke Krom – Antropologia.

Comissão Executiva: Marjoke Krom <mjckr@gmail.com>.

²³ Projeto não realizado por falta de verbas.

Viagem

Missão Internacional às Missões Jesuíticas Guarani.

Convidados para a missão

Alzira Lemos – Comunicação Social, BR, Miguel Gastão da Cunha – Patrimônio Histórico, BR, Carlos Fernando Delphim – Arquitetura da Paisagem, BR, Fabíola Pellicer – Animação Sócio-Cultural, ES, Marjoke Krom - Antropologia, NL, Ana Luísa Janeira – História e Filosofia das Ciências, PT, Fernanda Frazão – História, PT, José M. Rodrigues – Fotografia, PT.

Álbum

Máximo de 300 páginas de texto + 120 imagens.

Investigadores

Argentina

Professora Doutora Celina Lértora – Teologia e Direito, Dr. Óscar Portela – Literatura.

Brasil

Doutores Pedro Schmitz SJ – Antropologia, Universidade do Vale do Rio Sinos, Arno Kern – Arqueologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Francisco Marshall – História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e Tania Fonseca – Psicologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Heloisa Gesteira – História das Ciências, Museu de Astronomia e Ciências Afins; arquitetos Luíz Custódio, Instituto do Patrimônio Histórico e Arquitetônico Nacional, Vladimir Stello, Instituto do Patrimônio Histórico e Arquitetônico Nacional, Matilde Villegas, Instituto do Patrimônio Histórico e Arquitetônico Nacional, e Isabel Medero – Arquitetura, Universidade do Vale do Rio Sinos; doutor

José Catafesto de Souza, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e doutora Vera Thaddeu – Etnoarqueologia, e doutor Sérgio Fischer – Literatura.

Espanha

Doutor Andrés Galera – História da Ciência, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, doutores Manuel Seoane – Direito, e Fabiola Pellicer – Sociologia.

Paraguai

Doutor Bartômeo Melia SJ – Antropologia, Engenheiro Luis O’Higgins – Agronomia.

Portugal

Doutores Joaquim Romero de Magalhães – História Econômica, Universidade de Coimbra, e Ana Luísa Janeira – História e Filosofia das Ciências, Universidade de Lisboa, José Eduardo Franco – História Moderna, e Rui Néri – História da Música, Fundação Calouste Gulbenkian; arquitetos Mário Fortes – Arquitetura Paisagista, Instituto Português do Patrimônio Arquitetônico; doutoras Marjoke Krom – Antropologia, e Margarida Ruas – História das Comunicações, Museu das Comunicações.

Uruguai

Doutora Carmen Curbelo – História, Universidad Montevideo.

Normas para cada colaboração: 30.000 caracteres incluindo espaços (texto e bibliografia).

Fotógrafo

José M. Rodrigues.

Temas

Identidade, cultura e filosofia guarani. Utopia e expansionismo jesuíticos. Interesses portugueses e espanhóis, com jogos diplomáticos na Amé-

rica do Sul meridional. Ciência e técnica na conservação. Situação humana e cultural da área missioneira na atualidade.

Características gerais

Qualidade intelectual com estilo acessível.

Público alvo

Leitores com cultura média.

Línguas

Português lusitano e brasileiro, castelhano ibérico e sul-americano, guarani; sínteses em inglês.

Exposição

Arquiteto Telmo Cruz e José M. Rodrigues.

Locais previstos

Portugal

Évora – Universidade de Évora; Lisboa – Museu da Água, Instituto Camões; Coimbra – Museu de Antropologia; Porto – Centro Português de Fotografia; Braga – Museu dos Biscaínhos.

Espanha

Valência; Salamanca; Santiago de Compostela.

Brasil

Porto Alegre; São Paulo; Rio de Janeiro.

III

MBYA KMRA O MOMBARETE ORE REKO (Os Guaraní fortificam a sua cultura)²⁴

O território de Missões (Nordeste da Argentina, Sul do Brasil e Paraguai) tem dentro de si uma singularidade histórica, pois foi revelando, ao longo dos séculos, a qualidade de mostrar grande abertura ao acolhimento. Na verdade, nele ocorreu uma capacidade de abrigo muito especial, guardando no seu passado acontecimentos onde se destacaram duas chegadas fundamentais: os jesuítas e os emigrantes.

Infelizmente, verifica-se um vazio entre ambas, a ponto dos habitantes integrarem mal esses dois momentos. Por um lado, a realidade missioneira não é devidamente incorporada no cotidiano, não ajudando à definição de uma identidade cultural, sendo que esta é ainda mais necessária em tempos de globalização. Por outro, os aborígenes não estão sendo devidamente integrados, continuando numa procura interna de si mesmos, não sendo ouvidos nas suas demandas.

Assim, a complexa situação deste território merece uma reconfiguração da realidade guarani-missioneira, tendo em conta que esta cultura deve ser valorizada como a estrutura primeira onde ele foi modelado.

Neste sentido, é importante que se estabeleçam dinâmicas e concretizações que permitam

que todos os seus habitantes adquiram uma formação básica, para que reconheçam um fundo cultural comum, o que terá de envolver um mais íntimo conhecimento mútuo.

Segundo uma perspectiva educativa voltada para a necessidade de destacar as capacidades que os jesuítas conseguiram encontrar nos nativos, tem de se salientar que as oficinas corresponderam a uma filosofia bem determinada e precisa sobre o modo de estabelecer os contatos.

Se é certo que havia um fundo comum de condições requeridas para garantir a sobrevivência, a que os padres davam especial atenção, também é certo que as oficinas traduziram a materialização de um modelo inaciano adaptado à realidade envolvente. Isto significa desenvolver apetências em que o manual e artístico se encontram integrados como elementos de autoprodução e de autoconsumo.

Coordenação

Geral – Ana Luisa Janeira.

Local – Rita Bulffe (área educativa), Lorena Halberstadt (área artística).

²⁴ Projeto não realizado por falta de verbas.

Equipe

Argentina

Sobrenome e Nome	Área	Instituição
Bulffe, Rita	Educação	Sec. Gral. Extensión Unam
Halberstadt, Lorena	Artes Plásticas	Sec. Gral. Extensión Unam
Miguel, Gloria	Sec. Administrativa	Dirección de Cultura – Municipalidad de Oberá
López, Raquel Anália	Desenho Gráfico	Sec.Gral.Extensión Unam
Rombo, Marta	Antropóloga	
Sartori, Ada	História	Junta Histórica Municipalidad de Oberá
Monzú, Axel	Cinema	Productora de Cine Sembrando
	Fotografia	Productora de Cine Sembrando

Brasil

Apelido e Nome	Área	Instituição	
Barboza, Ana Mãe	Educação pela Arte		São Paulo
Mesquita, Simone	Museologia – Restauração	Museu Nacional	Rio de Janeiro
Tadheu, Vera	Arqueologia		Porto Alegre

Itália

Apelido e Nome	Área	Instituição
Benedetto, Laure Anne	História de Arte	

Produtos

Na sequência do pedido de uma escola bilíngue (mbyá guarani + castelhano), expresso pelo cacique Antonio da comunidade Aborigen Santa Ana Mini, julga-se muito conveniente que o processo oficial do seu estabelecimento seja acompanhado por este caminho confluyente: uma escola-oficina experimental (ex.: trabalho na madeira, construção de instrumentos musicais, coro, redescoberta da cerâmica, reconstrução da história guarani por eles próprios, etc.), que se chamará, por escolha do cacique, Arapyau – Novo Dia ou Novo Amanhecer, e estará localizada dentro da comunidade.

Julga-se ainda conveniente que se prepare um livro artesanal bilíngue onde, ouvidos os guaranis

e reunidos textos e imagens históricas, se transmitam, numa linguagem acessível para a população do ensino primário de Misiones, aspectos da história e da cultura quotidiana dos guarani.

Cronograma

a) A escola-oficina começará em outubro de 2006.

b) Cada participante escreverá um texto de 10 páginas – arial 12, espaçamento 1,5 – sobre um tema da sua escolha, até a Páscoa de 2007. Depois de lidos por toda a equipe e preenchidas as lacunas, os textos serão entregues a um escritor ou a uma escritora de livros para crianças.

Temas dos Cadernos IHU

- Nº 01 – *O imaginário religioso do estudante da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS*
Prof. Dr. Hilário Dick
- Nº 02 – *O mundo das religiões em Canoas*
Prof. Dr. José Ivo Follmann (Coord.), MS Adevanir Aparecida Pinheiro, MS Inácio José Spohr & MS Geraldo Alzemiro Schweinberger
- Nº 03 – *O pensamento político e religioso de José Martí*
Prof. Dr. Werner Altmann
- Nº 04 – *A construção da telerrealidade: O Caso Linha Direta*
Sonia Montañó
- Nº 05 – *Pelo êxodo da sociedade salarial: a evolução do conceito de trabalho em André Gorz*
MS André Langer
- Nº 06 – *Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado – Gênese e dissolução do patriarcalismo escravista no Brasil: Algumas considerações*
Prof. Dr. Mário Maestri
- Nº 07 – *A Igreja Doméstica: Estratégias televisivas de construção de novas religiosidades*
Prof. Dr. Antônio Fausto Neto
- Nº 08 – *Processos midiáticos e construção de novas religiosidades. Dimensões históricas*
Prof. Dr. Pedro Gilberto Gomes
- Nº 09 – *Religiosidade midiática: Uma nova agenda pública na construção de sentidos?*
Prof. Dr. Atíllio Hartmann
- Nº 10 – *O mundo das religiões em Sapucaia do Sul*
Prof. Dr. José Ivo Follmann (Coord.)
- Nº 11 – *Às margens juvenis de São Leopoldo: Dados para entender o fenômeno juvenil na região*
Prof. Dr. Hilário Dick (Coord.)
- Nº 12 – *Agricultura Familiar e Trabalho Assalariado: Estratégias de reprodução de agricultores familiares migrantes*
MS Armando Triches Enderle
- Nº 13 – *O Escravidão Colonial: A revolução Copernicana de Jacob Gorender – A Gênese, o Reconhecimento, a Deslegitimação*
Prof. Dr. Mário Maestri
- Nº 14 – *Lealdade nas Atuais Relações de Trabalho*
Lauro Antônio Lacerda d'Avila
- Nº 15 – *A Saúde e o Paradigma da Complexidade*
Naomar de Almeida Filho
- Nº 16 – *Perspectivas do diálogo em Gadamer: A questão do método*
Sérgio Ricardo Silva Gacki
- Nº 17 – *Estudando as Religiões: Aspectos da história e da identidade religiosos*
Adevanir Aparecida Pinheiro, Cleide Olsson Schneider & José Ivo Follmann (Organizadores)
- Nº 18 – *Discursos a Beira dos Sinos – A Emergência de Novos Valores na Juventude: O Caso de São Leopoldo*
Hilário Dick – Coordenador
- Nº 19 – *Imagens, Símbolos e Identidades no Espelho de um Grupo Inter-Religioso de Diálogo*
Adevanir Aparecida Pinheiro & José Ivo Follmann (Organizadores)
- Nº 20 – *Cooperativismo de Trabalho: Avanço ou Precarização? Um Estudo de Caso*
Lucas Henrique da Luz
- N. 21 – *Educação Popular e Pós-Modernidade: Um olhar em tempos de incerteza*
Jaime José Zitkoski
- N. 22 – *A temática afrodescendente: aspectos da história da África e dos afrodescendentes no Rio Grande do Sul*
Jorge Euzébio Assumpção
Adevanir Aparecida Pinheiro & José Ivo Follmann (Orgs.)

- N. 23 – *Emergência das lideranças na Economia Solidária*
Robinson Henrique Scholz
- N. 24 – *Participação e comunicação como ações coletivas nos empreendimentos solidários*
Marina Rodrigues Martins
- N. 25 – *Repersonalização do Direito Privado e Fenomenologia Hermenêutica*
Leonardo Grison
- N. 26 – *O cooperativismo habitacional como perspectiva de transformação da sociedade: uma interlocução com o Serviço Social*
Célia Maria Teixeira Severo
- N. 27 – *O Serviço Social no Judiciário: uma experiência de redimensionamento da concepção de cidadania na perspectiva dos direitos e deveres*
Vanessa Lidiane Gomes
- N. 28 – *Responsabilidade social e impacto social: Estudo de caso exploratório sobre um projeto social na área da saúde da Unisinos*
Deise Cristina Carvalho
- N. 29 – *Ergologia e (auto)gestão: um estudo em iniciativas de trabalho associado*
Vera Regina Schmitz
- N. 30 – *Afrodescendentes em São Leopoldo: retalhos de uma história dominada*
Adevanir Aparecida Pinheiro; Letícia Pereira Maria & José Ivo Follmann
Memórias de uma São Leopoldo negra
Adevanir Aparecida Pinheiro & Letícia Pereira Maria
- N. 31 – *No Fio da Navalha: a aplicabilidade da Lei Maria da Penha no Vale dos Sinos*
Ângela Maria Pereira da Silva, Ceres Valle Machado, Elma Tereza Puntel, Fernanda Wronski, Izalmar Liziane Dorneles, Laurinda Marques Lemos Leoni, Magali Hallmann Grezzana, Maria Aparecida Cubas Pscheidt, Maria Aparecida M. de Rocha, Marilene Maia, Marleci V. Hoffmeister, Sirlei de Oliveira e Tatiana Gonçalves Lima (Orgs.)
- N. 32 – *Trabalho e subjetividade: da sociedade industrial à sociedade pós-industrial*
Cesar Sanson

Ana Luísa Janeira é professora associada da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. É doutora em Filosofia Contemporânea pela Université de Paris I (Panthéon-Sorbonne) (1971) e tem agregação em Filosofia das Ciências pela Universidade de Lisboa (1985). Foi pró-reitora da Universidade de Lisboa entre os anos 1986 e 1989. Foi cofundadora e primeira coordenadora do Centro Interdisciplinar de Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade de Lisboa (1995-1999), e coordenadora, em Portugal, da Red de Intercambios de la Historia y la Epistemologia de las Ciencias Químicas e Biológicas, México, D.C. Participou do comité científico do programa *The Development of Chemistry in Europe, da European Science Foundation*, no âmbito do qual orientou o projeto *Spatial Organization and Scientific Discourse Production: Chemical Laboratories in Portugal (1789-1939)*, (1991-1996) e também do comité *Michel Foucault*, Paris em 1989, assim como do *Comité International Diderot*, na mesma cidade no ano de 1987. Endereço eletrónico: <janeira@fc.ul.pt> ou <aljaneira@sapo.pt>.

Publicações da autora no/sobre o Brasil:

JANEIRA, Ana Luísa (org.). *A construção visual entre as artes e as Ciências*. São Paulo: Arkê Editora, 2006. Inclui estes textos inéditos de Ana Luísa Janeira: *A visibilidade europeia representando a natureza dos novos mundos*; *A visão e os outros sentidos até à pós-modernidade*.

_____. (edit. conv.). *O mundo nas colecções dos nossos encantos*. Episteme: Porto Alegre, (21) suplemento especial, jan.-jun., 2005. CD-ROM. Inclui estes textos de ou com a colaboração de Ana Luísa Janeira: – *A configuração epistémica de gabinetes, boticas e bibliotecas*; – *Mapeando a natureza brasílica nas rotas dos mares*; – *Poder, saber e cais de intercâmbio à volta de L'intérieur d'un negociant bordelais au XVIII. e siècle*; – *Endémicas e exóticas nos jardins do Paço de Nossa Senhora da Ajuda e da Universidade de Coimbra*; – *Andarilhos, comerciantes, espiões, naturalistas e outros cientistas em saques, expedições e exposições*; – *A Amazônia & companhia importada para o público norte-americano*; – *Entre ciências e etnociências*; – *A memória na comunidade científica e museológica moderna*; – *Viajar e sonhar pela coleção*; *Restos de coleção, promoções no tempo, saldos pela história*. Disponível em: <<http://migre.me/1uXq6>>.

_____. *As ciências também se fazem com leis humanas*. In: Anna Carolina REGNER; Luiz ROHDEN. *A filosofia e a ciência redeseñham horizontes*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005, p. 155-164.

_____. (dir. cient.). *Inovação-Tradição-Globalização – As ciências modernas à descoberta do mundo: Territorialização Científica da Amazônia*. Inclui estes textos de Ana Luísa Janeira: – *Um olhar epistemológico*; – *Outros olhares históricos*, 2003. Disponível em <<http://amazonia.no.sapo.pt/>>.

_____; MENEGAT, Rualdo. *Como se entrelaçam Inovação Científica, Saberes Tradicionais e Culturas Globais na Descoberta do Mundo*. Entrevista com Ana Luísa Janeira. Episteme: Porto Alegre, 15, ago-dez, 2002, p. 15-28.

_____. *Todo o Brasil parece um jardim fresco*. Episteme: Porto Alegre, 15, ago.-dez. 2002, p. 45-70.

_____; FONSECA, Tania. *Entrevista com Ana Luísa Janeira*, Universidade de Lisboa. *Psicologia & Sociedade*. Porto Alegre: 14, (2), jul.-dez., 2002, p. 7-17.

_____. (dir. cient.). *Inovação-Tradição-Globalização – As ciências modernas à descoberta do mundo: Territorialização Científica da Amazônia*. Inclui estes textos de Ana Luísa Janeira: – *Um olhar epistemológico*; – *Outros olhares históricos*, 2003. Disponível em <<http://amazonia.no.sapo.pt/>>.